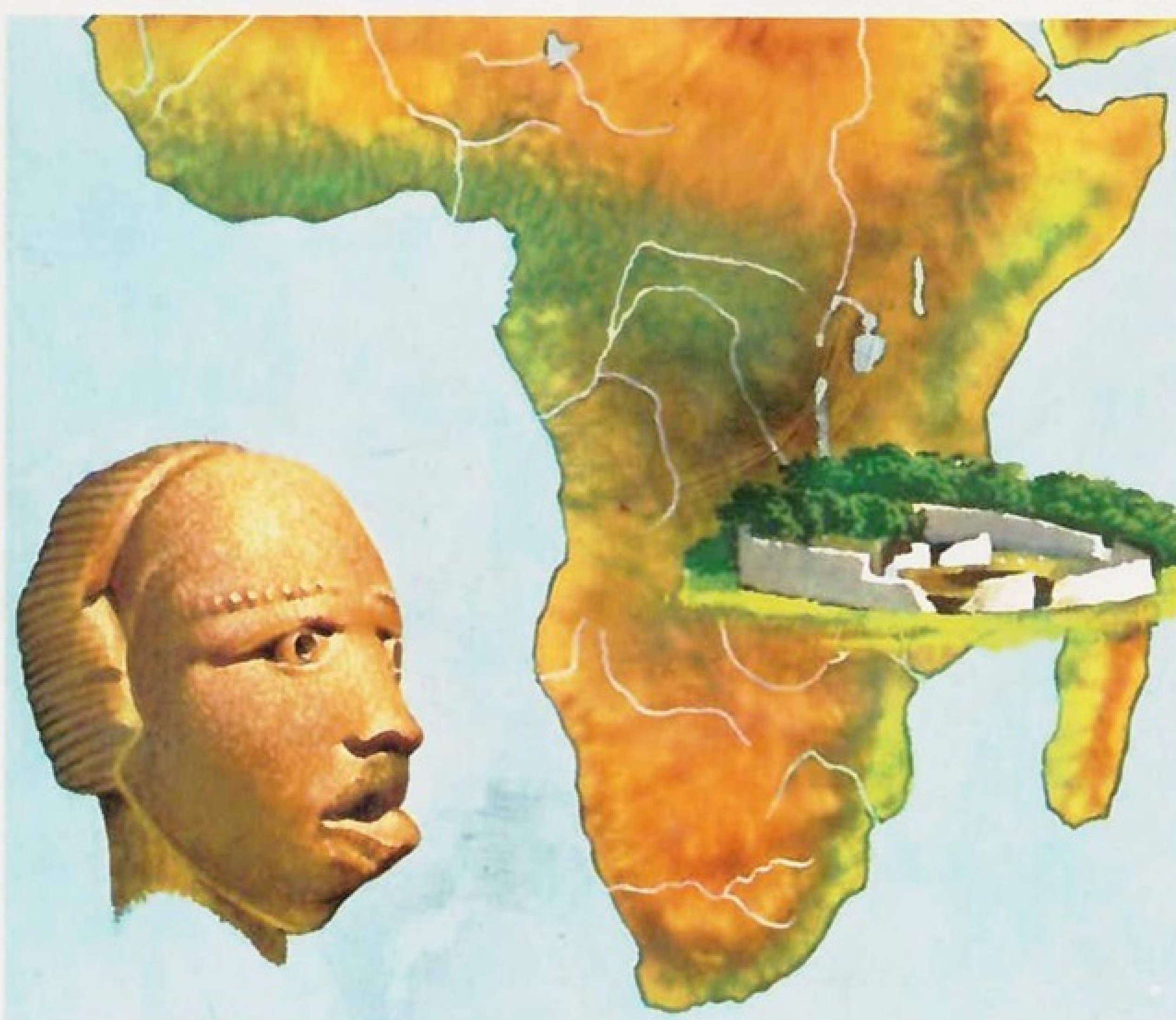


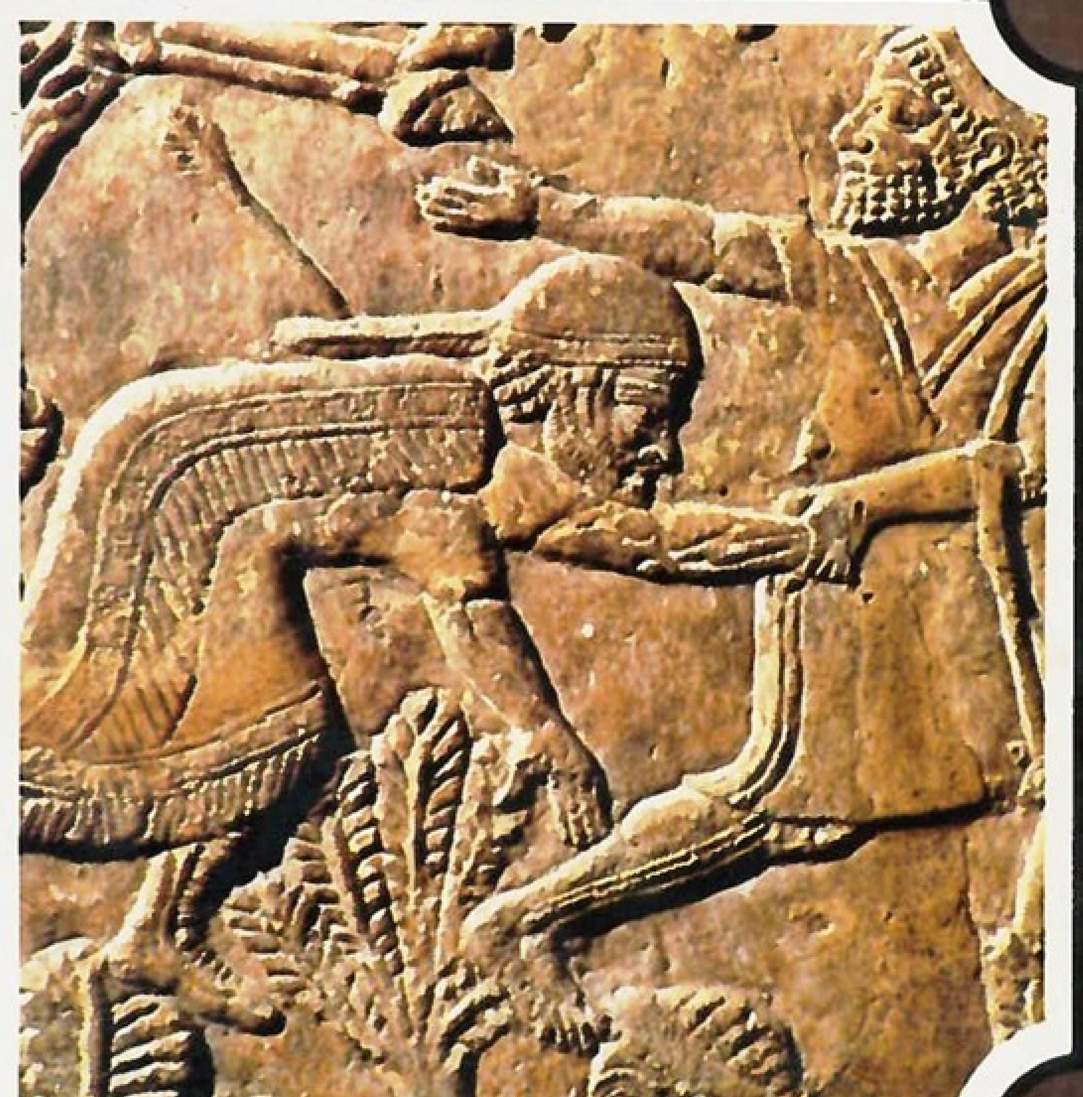
HISTÓRIA UNIVERSAL ILUSTRADA

O Mundo Antigo









Verbo







420

HISTÓRIA UNIVERSAL ILUSTRADA

O Mundo Antigo



Verbo





Índice

Olhando o passado	8
Os primeiros homens	10
As primeiras religiões	12
De caçadores a agricultores	14
O Mundo em 3000 a.C.	16
No limiar da técnica	18
A Mesopotâmia	20
O Egipto	24
A África	27
Creta e Micenas	28
O Mundo em 1500 a.C.	30
A Índia	32
A Anatólia	34
As cidades gregas	36
O Mundo em 500 a.C.	38
O Império Persa	40
Alexandre e a sua herança	42
As terras bíblicas	44
A China	46
A Europa sob a égide de Roma	48
O Mundo em 117 d.C.	50
O Império Romano fora da Europa	52
Os Bárbaros	54
O continente americano	56
O Mundo em 500 d.C.	58
Índice dos nomes citados, glossário	60



Em cima: pinturas rupestres em Lascaux (16000--10000 a.C.). Ao centro: escultura proveniente do Norte da Síria (século X ou IX a.C.). Em baixo: caçada na China (século II a.C.).

Em cima: região de Hatusa, na Anatólia. Ao centro: peça indiana de ouro, de influência grega (século I ou II d.C.). Em baixo: uma aldeia no Egipto por volta de 3000 a.C.



Título do original inglês:
Atlas of the Ancient World

© *Grisewood & Dempsey, Ltd., Londres e Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo, 1981*

Texto de:
Christopher Fagg
Frances Halton

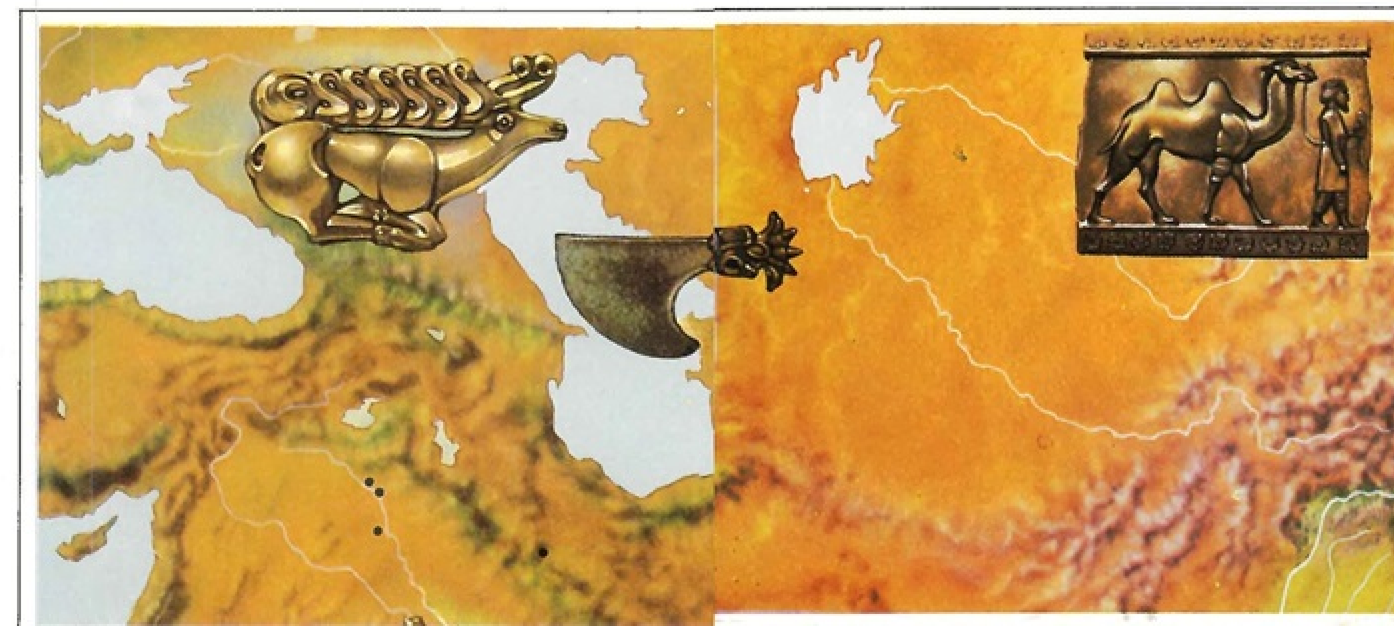
Tradução para a língua portuguesa de:
Maria da Conceição Ribeiro da Costa

Revisão científica:
Dr. Francisco Santana

Composição: *Contratipo*
Impressão: Gris-Impressores, Junho, 1982











Pode-se aprender muito acerca do passado através dos objectos encontrados nos lugares onde o homem viveu há muitos anos. As escavações têm de ser feitas com o máximo cuidado para que se possa saber o local exacto de cada objecto. A figura da esquerda mostra um aspecto de uma jazida onde se procede a uma escavação. Os achados são guardados em caixas rotuladas e a terra é removida para depois ser peneirada, caso tenha escapado alguma coisa. A quadrícula marcada por cordas ajuda a traçar a planta do lugar em fases diferentes.

Olhando o Passado

O modo de vida do homem sempre foi influenciado pelo clima, o tipo de agricultura, os materiais de construção, a facilidade de deslocação, os animais que pode criar, enfim, pelo tipo de região em que habita.

Se olharmos a história do Mundo por regiões, em vez de o fazermos cronologicamente, mais facilmente compreenderemos o tipo de lugares em que os povos antigos viveram e os modos como estes lugares exerceram influência nas suas civilizações.

Caça e agricultura
Os primeiros homens alimentavam-se de sementes, de frutos e do produto da caça. Deslocavam-se muitas vezes no rasto de manadas, encaminhando-se para locais onde sabiam que havia abundância de alimentos. Viviam em cavernas ou construíam cabanas ou tendas muito simples, feitas com ramos e peles. Certas regiões mostravam-se particularmente adequadas a este tipo de vida e por isso foram habitadas durante milhares de anos.

Esta representação de cães a caçar um javali foi reconstruída a partir de uma pintura mural em Tirinto, na Grécia. As partes mais escuras são os fragmentos originais, encontrados exactamente com esta disposição. O artista reconstituiu o resto baseando-se em estudos de pinturas semelhantes. Estas reconstituições são uma ajuda preciosa para imaginarmos como eram os lugares antigos. Todavia, por vezes cometem-se erros tremendos. Um artista, ao fazer uma reconstituição em Cnossos (Creta), completou a figura de um rapaz a apanhar açafrão. Investigações posteriores demonstraram que a pintura representava não um rapaz mas um macaco!

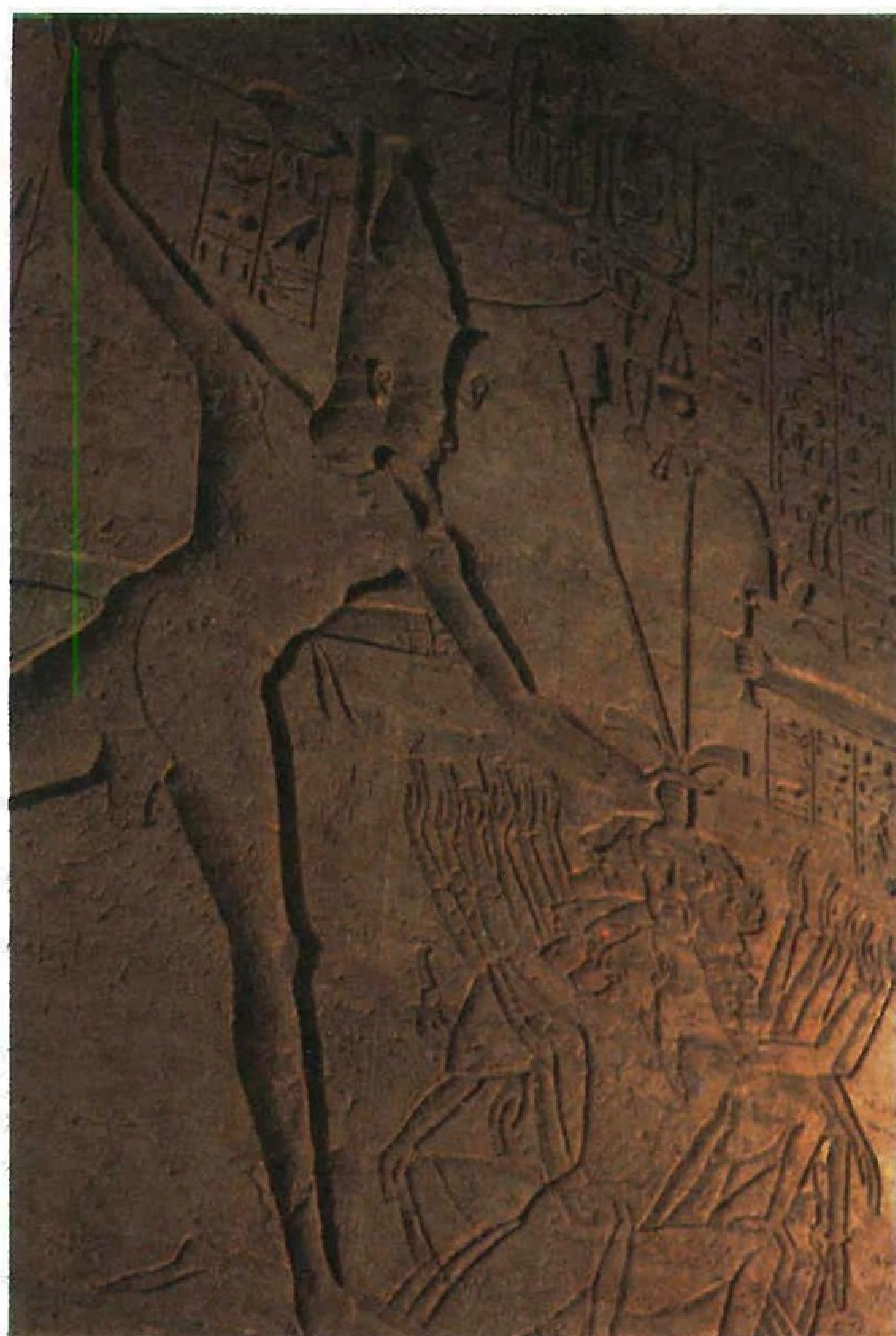


Mas noutras regiões, provavelmente de clima diferente e onde os alimentos não eram tão fáceis de obter, o homem teve de aprender a domesticar animais, como cabras, carneiros, porcos e gado bovino. Em vez de colher cereais selvagens, o homem começou a fazer as suas próprias sementeiras, conseguindo deste modo obter plantas que produziam mais sementes e de melhor qualidade.

Este tipo de vida é muito duro e exige um trabalho constante e intenso; por isso, o homem teve de abandonar a vida de nómada, passando a fixar-se num lugar.

Começou a trabalhar os campos à sua volta consoante as necessidades: desbravou a terra para cultivo, cortou árvores para fazer lenha e construir casas, abriu canais para irrigação das sementeiras e tornou fértil a terra semidesértica. Na Europa onde outrora houve florestas frondosas existem hoje descampados. Nos litorais mediterrânicos abateram-se florestas e plantaram-se oliveiras. Mas as suas raízes profundas não foram suficientes para deter a erosão dos terrenos, provocada pelo vento e pela chuva, o que nos faz concluir que nem sempre o homem protege a terra.

Sedentarismo e comércio
À medida que o homem se foi tornando dependente dos produtos que cultivava começou a fixar-se em lugares em que se pudesse facilmente defender e que lhe proporcionassem o que necessitava: pastagens, solo arável, água em abundância, e também, devido ao crescimento dos aglomerados, o acesso a materiais essenciais para construção e fabrico de utensílios. Alguns povos, como por exemplo os Gregos, preferiram fundar as suas povoações em colinas que pudessem fortificar. Os antigos chineses construíam as cidades e metrópoles nas margens dos rios, que não só forneciam água para as colheitas, mas ainda os defendiam, pelo menos de um lado. Além disso, os rios eram um bom meio de comunicação e de transporte de mercadorias. Muitas cidades importantes floresceram por serem escala de rotas comerciais.



Este baixo-relevo representa o faraó Ramsés II agarrando prisioneiros núbios pelos cabelos. A inscrição à volta relata as campanhas deste faraó. Todavia, estes documentos nem sempre são exactos, e os historiadores já aprenderam a não confiar neles, pois muitas vezes relatam falsas glórias dos governantes.



Este freio de cavalo, de bronze, é oriundo do Luristão, nos montes Zagros, na Pérsia. Pertence a uma série de estranhos e maravilhosos objectos de bronze que começaram a aparecer no mercado de antiguidades em 1928. Dado que foram recolhidos sem quaisquer conhecimentos técnicos, ninguém sabe dizer exactamente quais os objectos mais antigos e onde cada um foi encontrado. Comparando-os, porém, com outros trabalhos de bronze, datados, os arqueólogos concluíram que devem ter sido feitos entre os séculos X e VIII a.C.

À descoberta do passado

Muito se pode aprender sobre o passado observando os vestígios deixados pelos povos antigos e estudando os documentos escritos. Mas o passado remoto é como um imenso e complicado *puzzle*, de que a maior parte das peças se perderam. Embora os arqueólogos tenham descoberto e estudado um grande número de lugares fascinantes, deve haver muitos e muitos mais que ainda nos são desconhecidos e que ajudariam a completar o *puzzle*. Todos os anos temos conhecimento de novas descobertas de factos inéditos que por vezes nos mostram que uma peça do *puzzle* tinha sido mal colocada e que aquilo que antes pensávamos estava completamente errado. Esta é uma das razões por que os livros de história mais recentes estão por vezes em desacordo com outros mais antigos.

Os documentos escritos do passado são de muito valor, mas nem sempre relatam a verdade dos factos, isto é, o que realmente aconteceu. A verdade é que todos os povos têm a tendência para relatar os factos de modo a parecerem os melhores no domínio das técnicas, no aspecto cultural e, além disso, os mais ricos e os mais corajosos na guerra. No século XIV a.C. o faraó Ramsés II descreveu como os Hititas o isolaram do seu exército, contando que tinha galopado a toda a brida, arremessando-se sozinho sobre o inimigo: "Vi então que 2500 carros de combate inimigos, no meio dos quais estivera, tinham sido desfeitos pelos meus cavalos." Este relato não refere que Ramsés era acompanhado por uma divisão de soldados e que fora ele o culpado do desmembramento do exército. Segundo documentos hititas, a batalha foi uma vitória.

Sabemos que no tempo dos Romanos houve bons imperadores, que colaboravam inteligentemente com o Senado, e outros maus, que governavam sem ele; mas estes documentos teriam sido escritos sob o ponto de vista do Senado? Este é um exemplo do que os historiadores devem ter sempre em mente, ao tentarem reconstituir a verdade dos factos.

Em baixo: Maiden Castle, no Dorset, Sudoeste da Inglaterra. Esta cordilheira, de onde se avistam todas as redondezas, era um lugar privilegiado para se viver. O homem da Idade da Pedra construiu aí, cerca do ano 2000 a.C., cabanas e uma cerca para os animais. Nessa época, os terrenos à volta eram pantanosos e a cordilheira proporcionava terra fértil. Na mesma época foi construído um enorme túmulo no ponto mais elevado. Pouco depois, povos da Idade do Bronze fixaram-se também no mesmo local. Em 1500 a.C., aproximadamente, os pântanos das terras baixas tinham secado, passando a ser cultiváveis. A cordilheira ficou abandonada até ao séc. V a.C., altura em que se construiu uma fortaleza circundada por muralhas de terra e greda, rodeadas por sua vez por um fosso largo e fundo.

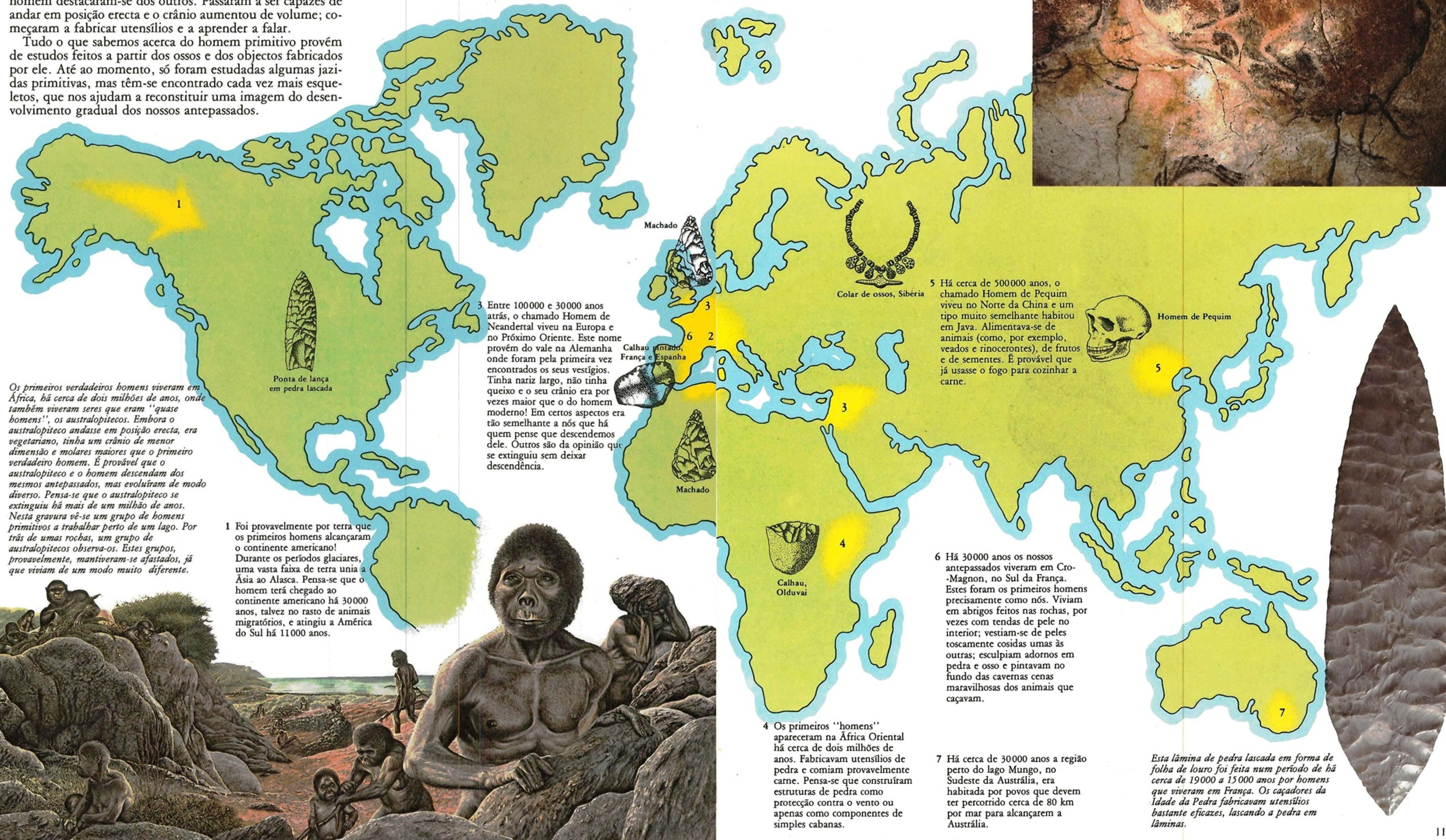
Por mais objectivos que tentem ser, os historiadores olham sempre para o passado com os olhos do seu tempo. Se observarmos um quadro pintado por um artista do século XIX, podemos concluir quase imediatamente que de facto foi pintado nessa época. Do mesmo modo, uma história escrita nessa altura louva o que o homem então admirava. Tendemos sempre a admirar aquilo de que nós próprios gostamos; assim, debruçando-nos sobre o complicado *puzzle* do passado, torna-se sempre tentador colocar uma peça onde julgamos que ficaria melhor e pensar que o quadro geral, tanto quanto sabemos, está muito mais simples e arrumado do que antes.



Os Primeiros Homens

Quem foram os primeiros homens? Ninguém sabe responder exactamente a esta questão. Os estudiosos fazem remontar os nossos antepassados a criaturas pequenas e cobertas de pêlo que viviam em árvores e que foram também antepassados dos macacos. Contudo, em dada altura, os antepassados do homem destacaram-se dos outros. Passaram a ser capazes de andar em posição erecta e o crânio aumentou de volume; começaram a fabricar utensílios e a aprender a falar.

Tudo o que sabemos acerca do homem primitivo provém de estudos feitos a partir dos ossos e dos objectos fabricados por ele. Até ao momento, só foram estudadas algumas jazidas primitivas, mas têm-se encontrado cada vez mais esqueletos, que nos ajudam a reconstituir uma imagem do desenvolvimento gradual dos nossos antepassados.



Os primeiros verdadeiros homens viveram em África, há cerca de dois milhões de anos, onde também viveram seres que eram "quase homens", os australopitecos. Embora o australopiteco andasse em posição erecta, era vegetariano, tinha um crânio de menor dimensão e molares maiores que o primeiro verdadeiro homem. É provável que o australopiteco e o homem descendam dos mesmos antepassados, mas evoluíram de modo diverso. Pensa-se que o australopiteco se extinguiu há mais de um milhão de anos. Nesta gravura vê-se um grupo de homens primitivos a trabalhar perto de um lago. Por trás de umas rochas, um grupo de australopitecos observa-os. Estes grupos, provavelmente, mantiveram-se afastados, já que viviam de um modo muito diferente.

1 Foi provavelmente por terra que os primeiros homens alcançaram o continente americano! Durante os períodos glaciares, uma vasta faixa de terra unia a Ásia ao Alasca. Pensa-se que o homem terá chegado ao continente americano há 30000 anos, talvez no rasto de animais migratórios, e atingiu a América do Sul há 11000 anos.

2 Os povos que viveram em Terra Amata, no Sul de França, há cerca de 300000 anos, construíram acampamentos com cabanas feitas de estacas de madeira e pedra, cobertas de peles ou ramagens. Usavam "machados" de pedra e eram exímios caçadores de elefantes, javalis e rinocerontes.

3 Entre 100000 e 30000 anos atrás, o chamado Homem de Neandertal viveu na Europa e no Próximo Oriente. Este nome provém do vale na Alemanha onde foram pela primeira vez encontrados os seus vestígios. Tinha nariz largo, não tinha queixo e o seu crânio era por vezes maior que o do homem moderno! Em certos aspectos era tão semelhante a nós que há quem pense que descendemos dele. Outros são da opinião que se extinguiu sem deixar descendência.

4 Os primeiros "homens" apareceram na África Oriental há cerca de dois milhões de anos. Fabricavam utensílios de pedra e comiam provavelmente carne. Pensa-se que construíram estruturas de pedra como protecção contra o vento ou apenas como componentes de simples cabanas.

5 Há cerca de 500000 anos, o chamado Homem de Pequim viveu no Norte da China e um tipo muito semelhante habitou em Java. Alimentava-se de animais (como, por exemplo, veados e rinocerontes), de frutos e de sementes. É provável que já usasse o fogo para cozinhar a carne.

6 Há 30000 anos os nossos antepassados viveram em Cro-Magnon, no Sul da França. Estes foram os primeiros homens precisamente como nós. Viviam em abrigos feitos nas rochas, por vezes com tendas de pele no interior; vestiam-se de peles toscamente cosidas umas às outras; esculpiam adornos em pedra e osso e pintavam no fundo das cavernas cenas maravilhosas dos animais que caçavam.

7 Há cerca de 30000 anos a região perto do lago Mungo, no Sudeste da Austrália, era habitada por povos que devem ter percorrido cerca de 80 km por mar para alcançarem a Austrália.

Entre cerca de 16000 e 10000 a.C., o Sul da Europa era habitado por caçadores que pintaram cavernas em França e no Norte de Espanha com cenas dos animais que caçavam. Estas pinturas rupestres, de cores vivas, eram bastante pormenorizadas. À direita está representado um bisonte, existente em Altamira, Espanha, provavelmente pintado há 15000 anos.

Esta lâmina de pedra lascada em forma de folha de louro foi feita num período de há cerca de 19000 a 15000 anos por homens que viveram em França. Os caçadores da Idade da Pedra fabricavam utensílios bastante eficazes, lascando a pedra em lâminas.

As Primeiras Religiões

Desde os tempos mais remotos que o homem teve de enfrentar fenómenos que não conseguia explicar, mas que intervinham profundamente na sua vida — fenómenos tais como as estações, a doença, o nascimento e a morte, assim como as migrações dos animais que caçava. Em todas as partes do Mundo, as religiões surgiram fundadas numa tentativa de compreender o desconhecido.

Os deuses primitivos
O homem de Neandertal, que viveu entre 100 000 e 30 000 anos atrás, enterrava cuidadosamente os seus mortos, juntando por vezes flores, ossos de animais e utensílios de pedra. O homem de Cro-Magnon, que surgiu a seguir na Europa, esculpia maravilhosas figuras de animais e mulheres; e pintava no interior das cavernas cenas dos animais que caçava. Pensa-se que estas comunidades primitivas já tinham rituais específicos, relacionados com a morte e o bom sucesso na caça.

É provável que o homem já nessa altura acreditasse que existiam espíritos ou deuses em todas as coisas, como, por exemplo, o Sol, a Lua e certos lugares e objectos especiais. Prestando o culto devido, podia-se intervir junto destes espíritos. Certamente esta era a maneira como pensavam muitos homens simples que viviam afastados do progresso das civilizações, inclusivamente nos nossos dias.

Infelizmente, pouco sabemos ao certo. As práticas de culto das religiões primitivas não foram escritas, mas apenas transmitidas oralmente de geração em geração. Em regiões em que o homem tinha um tipo de vida sedentária, dependente da agricultura, os costumes e as cerimónias devem-se ter modificado gradualmente. Por exemplo, os cultos designados para assegurar o sucesso na caça foram a pouco e pouco dando lugar a outros com o fim essencial de obter protecção para as colheitas.

A religião organizada
Na primeira religião de que temos conhecimento exacto, a das cidades-estados sumérias, as cerimónias religiosas eram especialmente importantes e estavam muito relacionadas com o tipo de governo.

Na Suméria havia a antiga tradição de se construírem templos em honra de divindades naturalistas locais, que protegiam as sementeiras das cheias e das secas. Alguns destes templos tornaram-se centros em volta dos quais floresceram as primeiras cidades, das quais as suas divindades se tornaram os deuses protectores. O governante de uma cidade suméria aplacava o deus edificando templos e celebrando as cerimónias que este exigia. Em troca, o deus protegia a cidade, na guerra e na paz.

No Egipto, também os primeiros agricultores adoraram divindades naturalistas locais.

Os antigos egípcios consideravam o gato um animal sagrado. Neste papiro proveniente de Tebas, datado aproximadamente de 1300 a.C., um gato mata a serpente Apófis, que tinha atacado Rá, o deus-sol.



Esta figura feminina datada de 5750 a.C. foi encontrada em Çatal Hüyük, na Anatólia. Figuras como esta encontram-se dispersas em lugares antigos e sugerem que os povos primitivos adoravam uma espécie de deusa-mãe.



Este selo pertence à civilização do vale do Indo, no Norte da Índia (cerca de 2500-1750 a.C.). Representa Pashupali, o senhor dos animais, sentado sobre as pernas dobradas. Um milhão de anos mais tarde, esta postura e as três faces do deus permanecerão na tradição hindu.



Mais tarde, depois da unificação do Alto e do Baixo Egipto, estes deuses ficaram associados ao poder e à glória dos reis egípcios. Âmon de Tebas, uma das divindades naturalistas locais, assumiu tal importância que passou a ser o rei dos deuses, o que se deve ao facto de a família dos reis de Tebas ter subido ao poder.

Mitos e lendas
Os povos primitivos sempre inventaram histórias na tentativa de explicar a criação do Mundo e das coisas. Estas histórias são normalmente conhecidas por mitos, palavra que deriva de um termo grego que significa "uma história de deuses".

O Próximo Oriente foi pródigo em mitos. Foi aqui que se deu pela primeira vez a passagem de comunidades agrícolas a Estados altamente organizados. Alteraram-se as antigas tradições religiosas com o fim de se adaptarem a um mundo em que eram frequentes as hostilidades entre os Estados e as invasões violentas de povos vindos de zonas não civilizadas.

Este mundo complexo aparecia também nas histórias de deuses e de deusas que, tal como os governantes dos homens, disputavam o poder entre si. Durante 2000 anos estes mitos floresceram e desapareceram. Acontecia muitas vezes que regiões diferentes tinham mitos muito semelhantes acerca dos seus deuses.

Mitologia grega e romana
Os Gregos foram muito influenciados pelos mitos do Próximo Oriente e do Egipto e povoaram-nos com a família grega de deuses e deusas. No século VII a.C., um escritor grego chamado Hesíodo escreveu um longo poema em que contava o nascimento de todos os deuses e o que cada um fazia.

Os Gregos pensavam que os seus deuses, como, por exemplo, Zeus, o deus do Trovão, Posídon, o deus do Mar, e Artemisa, a deusa da Lua, deviam ter-se manifestado de formas diversas a vários povos. Assim, segundo eles, o deus egípcio Âmon era uma encarnação de Zeus e a Deusa Mãe dos Efésios era uma faceta de Artemisa.

Os Romanos foram particularmente sensíveis às histórias maravilhosas dos deuses gregos e adoptaram as suas próprias divindades ao sistema grego. Assim, o Júpiter romano identifica-se com o Zeus grego, o Neptuno romano com o Posídon grego, e assim por diante.

As sabedorias orientais

Na Índia e na China as condições eram particularmente propícias ao aparecimento de grandes sistemas de pensamento (filosofias), abertas a todo o tipo de crença e de práticas religiosas. Tal facto devia-se, entre outras razões, à imensidade do território. Perante a diversidade de credos, tornava-se impossível um corpo doutrinal único, e por isso aceitava-se que os crentes continuassem a adorar os seus deuses à sua maneira.

O hinduísmo, a primeira grande religião da Índia, data de antes de 1000 a.C. Fala de *Braman*, o espírito único do Mundo, do qual fazem parte todos os deuses, povos e coisas. O *Darma*, a sua lei, ensina que o homem deve obedecer à ordem divina do Universo. Cada um nasce para determinado estatuto na vida e deve trabalhar para cumprir as tarefas que lhe foram estabelecidas. Se o fizer, será recompensado, voltando a nascer num estatuto superior.

No século VI a.C. desenvolveram-se três grandes filosofias no Oriente: o budismo, o confucionismo e o tauismo. Segundo elas, o homem deve aceitar as coisas tal como são e trabalhar arduamente para viver de modo íntegro.

O budismo desenvolveu-se pela acção de um grande mestre indiano, Gautama, que viveu entre 563 e 483 a.C. Gautama era conhecido por Buda (o Iluminado) e ensinava que o homem só se podia libertar da dor e do sofrimento da vida nesta terra mediante a obediência a certas regras basilares. Uma delas, chamada *Ahimsa*, estabelecia que as pessoas não devem fazer mal a nenhum ser vivo.

A China também teve grandes mestres espirituais. Os mais importantes foram Confúcio, que nasceu por volta de 551 a.C., e Lao-Tseu, que viveu aproximadamente na mesma altura. Confúcio dizia que a ordem, a recta conduta para com os homens de posição mais elevada e o bom exemplo eram extremamente importantes. Deste modo, pensava ele, a sociedade seria perfeita.

Lao-Tseu teceu as ideias mestras do tauismo. A palavra "tau" quer dizer "o caminho", ou o princípio segundo o qual a Natureza ordena. Seguindo o caminho, o homem pode viver em paz e em harmonia com o mundo.

Todas estas filosofias, de uma maneira ou outra, sobreviveram até aos nossos tempos. Todas têm as suas raízes na natureza imutável da vida no Oriente, onde o facto mais relevante era o ciclo incessante das plantações e das colheitas.



Fila de leões esculpidos na ilha de Delos, que guardam o lago onde, segundo a tradição, terá nascido o deus Apolo. Esta ilha foi um dos lugares mais sagrados da antiga Grécia e tinha templos em honra de Apolo e vários outros deuses.

Esta figura representa o filósofo chinês Confúcio, que viveu no século VI a.C. Ensinou uma máxima para as relações com o próximo que se resumia no seguinte: "Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti."



O Deus único

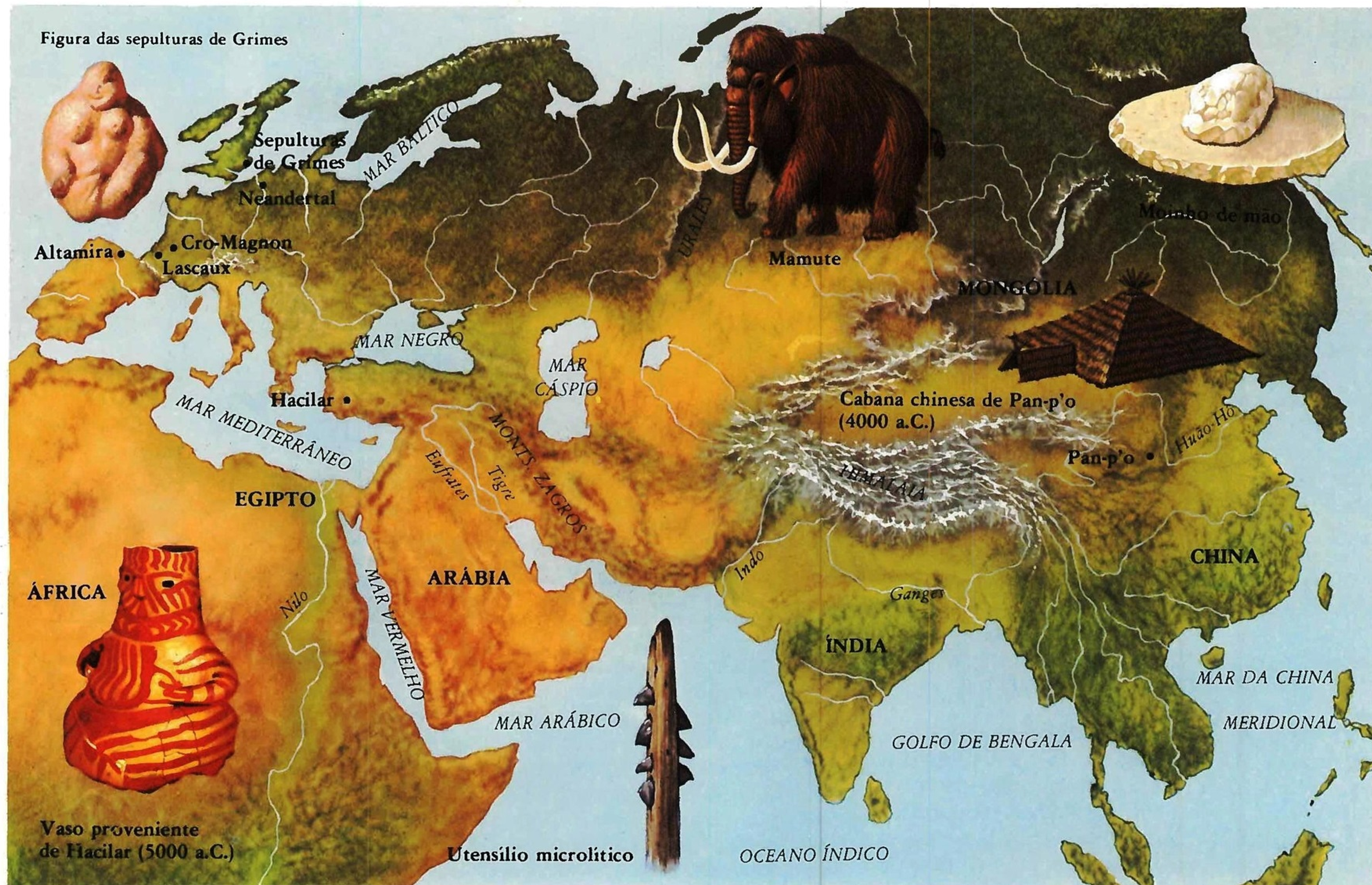
De todas as religiões do mundo antigo apenas uma, o judaísmo, desenvolveu a ideia de um Deus único e todo-poderoso. Este ser revelou-se pessoalmente a Abraão, antepassado do povo judeu. Deus estabeleceu uma Aliança com o seu povo eleito: teriam a sua protecção se obedecessem a certas leis.

O judaísmo foi o antepassado do cristianismo. Os cristãos aceitam os grandes livros da religião judaica, conhecidos por Antigo Testamento, mas, ao contrário dos Judeus, acreditam que Jesus Cristo foi o Filho de Deus que veio a este Mundo para salvar a humanidade. O cristianismo expandiu-se rapidamente por todo o mundo romano.

Uma outra grande religião com fortes afinidades com o judaísmo é o islamismo, que pretende a submissão à vontade de Deus, ou Alá. Os muçulmanos, como são conhecidos os seguidores do islão, respeitam as escrituras judaicas e os ensinamentos de Jesus, que consideram um profeta. O islamismo foi fundado na Arábia por Maomet, no século VII d.C. Espalhou-se rapidamente, dividindo o antigo mundo mediterrânico na Europa cristã e na África e Ásia islâmicas.



Reprodução peruana de um puma, datável dos séculos IV-IX d.C. Nas costas estão desenhadas as serpentes sagradas de duas cabeças. O "culto do gato", patente nas máscaras ameaçadoras de pumas e jaguares, difundiu-se no Peru, nos últimos séculos antes da Era Cristã.



De Caçadores a Agricultores

Há mais de 35 000 anos o Mundo estava na última era glaciar. No hemisfério norte, vastos lençóis de gelo cobriam, a partir do Pólo Norte, grande parte do que hoje é a Grã-Bretanha e o Norte da Europa. Esta enorme zona gelada indica que o clima da Terra era então muito diferente do de hoje. A Europa Central, por exemplo, era um tipo de deserto semigelado sem árvores, a tundra, que hoje só se encontra no círculo árctico. A flora da Terra era inclusivamente diferente. Havia tanta água solidificada nas zonas geladas que o nível das águas do mar era muito mais baixo. Zonas que se encontram agora separadas umas das outras pelo mar estavam então unidas por faixas de terra.



O homem nos períodos glaciares
Nos períodos glaciares o homem era caçador, usava utensílios e armas de sílex cuidadosamente lascado, com os quais caçava animais enormes que vagueavam em grandes manadas. Nas terras frias do Norte, os mamutes, os caribus, os mastodontes e os alces forneciam carne para alimentação e peles para vestuário e abrigo. Mas a Sul, havia manadas de elefantes, de antas, de porcos selvagens e de veados. Do pouco que se sabe destes caçadores, a partir de vestígios dispersos de utensílios e restos de alimentos deixados em acampamentos provisórios, pode-se concluir que não eram sedentários. Permaneciam num acampamento por uns dias ou meses e quando as manadas se deslocavam em busca de novas pastagens os caçadores seguiam-nas.

Cro-Magnon, localidade francesa, deu o nome a um grupo de caçadores que se espalharam por volta de 30 000 a.C. para ocidente, vindos do Próximo Oriente. O homem de Cro-Magnon deve ter sido o nosso antepassado directo. À medida que se foi deslocando para ocidente, através da Europa, o homem de Cro-Magnon encontrou provavelmente um grupo diferente, conhecido por homem de Neandertal, devido ao lugar na Alemanha onde se encontraram os primeiros vestígios, o qual se foi extinguindo gradualmente.

Pinturas de animais de uma caverna de Lascaux, no Sul de França, datando do período entre 16 000 e 10 000 a.C. Nesta altura, o homem vivia da caça.

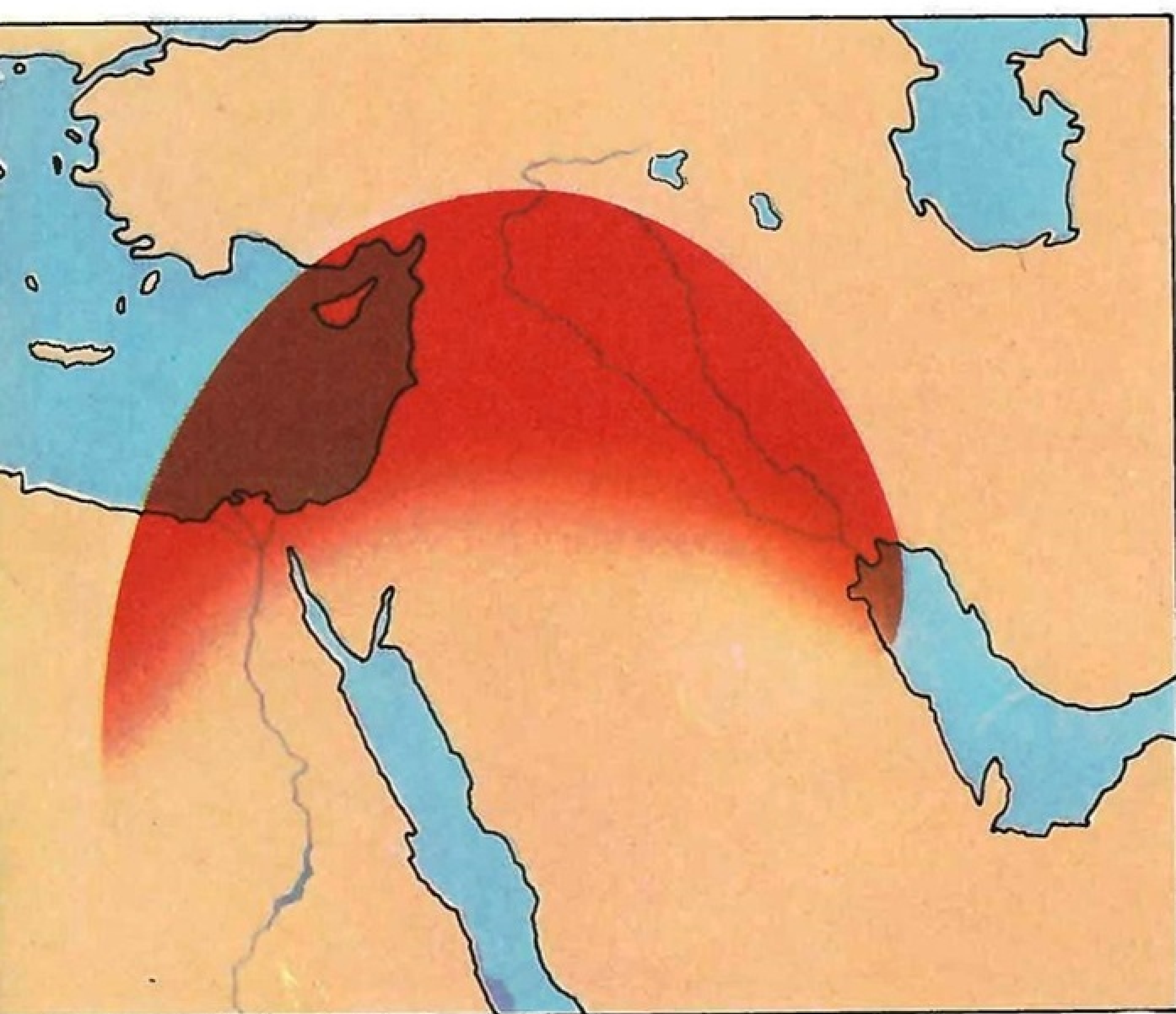


À esquerda: ainda hoje há povos que dependem das migrações dos animais para a sua alimentação, vestuário e abrigo. Estes lapões seguem manadas de renas, à medida que estas se deslocam pelo Norte da Escandinávia.

O homem de Cro-Magnon era caçador exímio e fabricava utensílios. Talhava belos objectos e armas em pedra de sílex, osso, marfim e armação de veado. Os animais que caçava forneciam-lhe carne para alimentação e peles para vestuário e tendas, as quais, como é evidente, não chegaram até aos nossos dias, mas podemos fazer uma ideia do progresso do homem de Cro-Magnon. No interior de cavernas como as de Lascaux e Altamira (ver pág. 11) pintou extraordinárias cenas dos animais que caçava.



Cabeça de mulher delicadamente esculpida em marfim de mamute, datando de 22000 a.C. É provável que tenha representado um toucado ou um penteado especial. Foi encontrada em França.



À esquerda: o Crescente Fértil, região no Próximo Oriente onde a agricultura primeiro se desenvolveu, por volta de 8000 a.C.

Caçadores de mamutes nos desertos gélidos da Europa Oriental, há 25000 anos. Há vestígios que indicam que os caçadores faziam tendas e vestuário com as peles de animais e que usavam o carvão para fazerem fogueiras nos acampamentos.

O fim da era das glaciações

Por volta de 10000 a.C. termina a era das glaciações. Imensos lençóis de gelo foram derretendo lentamente, recuando para norte. A Europa, que fora um deserto árctico, começou a cobrir-se de densas florestas e de matas. O Norte de África tornou-se uma zona de fraca pluviosidade, transformando-se no deserto que é hoje.

O degelo fez com que enormes quantidades de água se precipitassem nos oceanos, elevando assim o nível do mar. Muitas regiões foram isoladas pela subida das águas, daí resultando uma diversidade no desenvolvimento da fauna e do próprio homem.

Na Europa e na Ásia muitos dos grandes mamíferos que tinham sobrevivido às glaciações foram sendo caçados até se extinguirem completamente. Outros, como, por exemplo, o bisonte, o alce e a rena, deslocaram-se mais para norte, permanecendo na tundra. Por volta de 10000 a.C., os caçadores passaram a depender de espécies menores — peixes, veados, porcos e aves selvagens. Desenvolveram grande variedade de armas e de utensílios, tais como o arco e a flecha, para caçar difentes tipos de animais. Também aumentaram a gama de alimentos, incluindo bagas das florestas e frutos silvestres. Alguns povos fixaram-se nos baixios das zonas costeiras, onde havia bastante provisão de marisco.

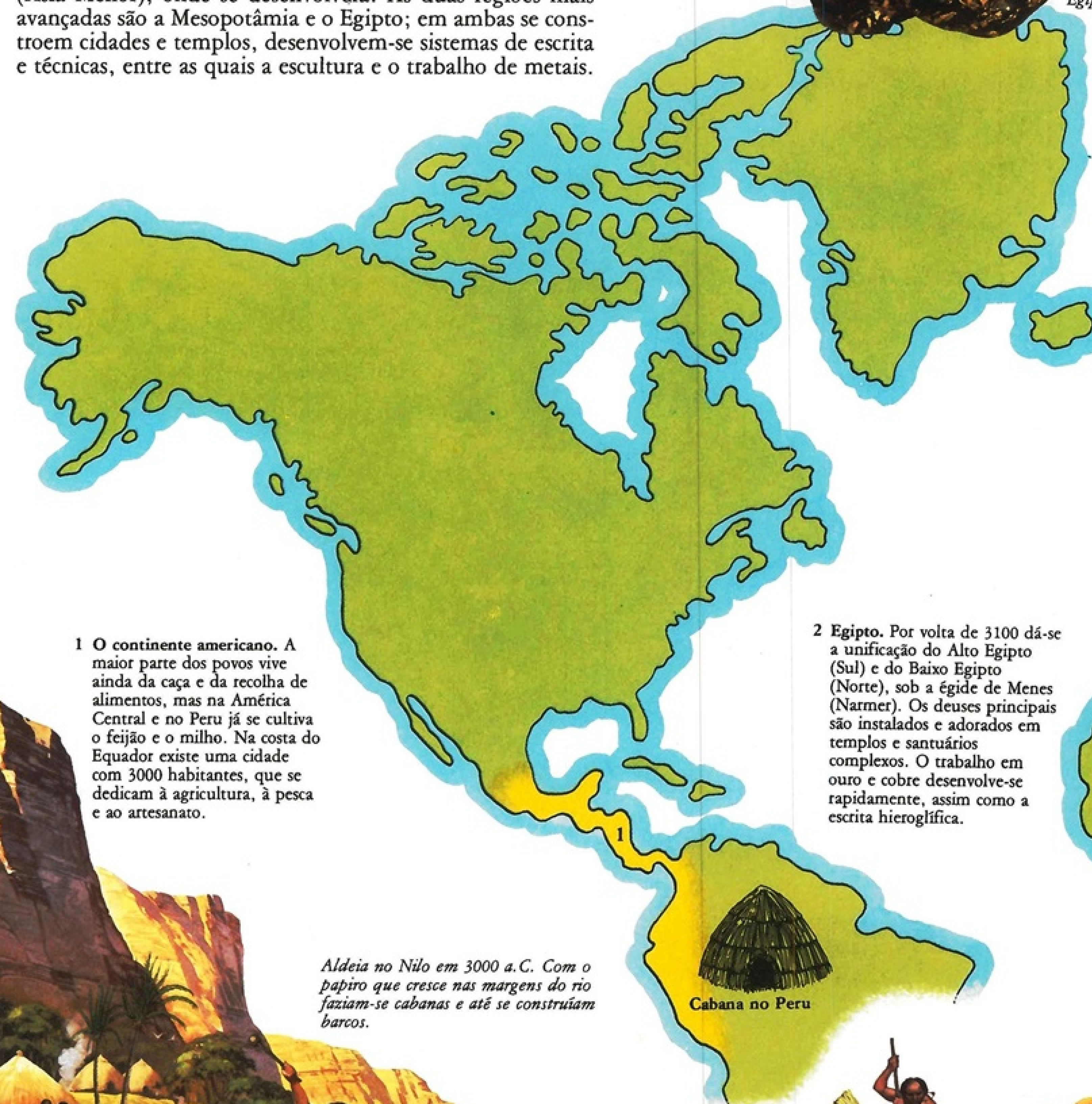
OS PRIMEIROS AGRICULTORES

Durante milhares de anos, em muitas regiões do Mundo, o homem dedicou-se à caça e à recolha de alimentos. Todavia, por volta de 8000 a.C. ocorreram no Próximo Oriente importantes acontecimentos. Foi aqui que o homem primeiro aprendeu a colher cereais selvagens que cresciam na região e depois a semeá-los. Os primeiros agricultores fabricavam pequenas foices de pedra para os ceifar e mós de moinho primitivas (chamadas "moinhos de mão") para separar o grão da casca. Pela primeira vez, o homem começou a contar com o alimento que ele próprio cultivava e a domesticar carneiros, cabras, porcos e bois selvagens.



O Mundo em 3000 a.C.

Nesta altura a agricultura sedentária tinha-se desenvolvido em muitas regiões do Mundo. Começaram a florescer aldeias e os habitantes fabricavam cerâmica maravilhosamente pintada. A utilização e trabalho de metais — primeiro do cobre e do ouro puro, depois do cobre fundido a partir de minério e bronze — começava a expandir-se a partir da Anatólia (Ásia Menor), onde se desenvolvera. As duas regiões mais avançadas são a Mesopotâmia e o Egipto; em ambas se constroem cidades e templos, desenvolvem-se sistemas de escrita e técnicas, entre as quais a escultura e o trabalho de metais.



Esta rã foi esculpida no Egipto em 3000 a.C.

Aldeia no Nilo em 3000 a.C. Com o papiro que cresce nas margens do rio faziam-se cabanas e até se construíam barcos.

1 **O continente americano.** A maior parte dos povos vive ainda da caça e da recolha de alimentos, mas na América Central e no Peru já se cultiva o feijão e o milho. Na costa do Equador existe uma cidade com 3000 habitantes, que se dedicam à agricultura, à pesca e ao artesanato.

2 **Egipto.** Por volta de 3100 dá-se a unificação do Alto Egipto (Sul) e do Baixo Egipto (Norte), sob a égide de Menes (Narmer). Os deuses principais são instalados e adorados em templos e santuários complexos. O trabalho em ouro e cobre desenvolve-se rapidamente, assim como a escrita hieroglífica.



Os primeiros agricultores da Europa Central fixavam-se no mesmo lugar durante aproximadamente dez anos, derrubando árvores para desbravar campos. Depois deslocavam-se para outro lugar quando o solo começava a ficar cansado. Mais tarde, quando o solo se tornava novamente fértil, regressavam. Na aldeia representada acima, situada onde é hoje a Checoslováquia, as casas eram construídas com ramos de carvalho e depois recobertas com barro.

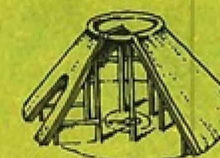
Cabeça de alce, de âmbar, Dinamarca

Veado de cobre, Anatólia

Vaso de alabastro esculpido, Mesopotâmia

Placa de ardósia esculpida, Egipto

Selo de esteatite esculpido, Índia



Cabana em Pan-p'o, China

3 **Mediterrâneo Oriental.** Hábeis artífices de metal espalham-se pela região e Chipre, em particular, próspera devido ao comércio de cobre.

4 **Mesopotâmia.** Desenvolvem-se cidades-estados fundadas numa agricultura próspera; os deuses das cidades são adorados em templos feitos com tijolos de lama e decorados com desenhos em ladrilhos esmaltados. A roda é usada desde 4000 a.C. O cobre é fundido e moldado e o bronze começa a ser usado por volta de 3100. A escrita desenvolve-se nos documentos da cidade.

5 **Índia.** Uma agricultura próspera na região à volta do rio Indo prepara os fundamentos da civilização do vale do Indo, que floresceu por volta de 2500. Fabrica-se também maravilhosa cerâmica pintada.

6 **Extremo Oriente.** Prósperos agricultores, alguns vivendo em grandes aldeias, produzem bela cerâmica pintada. Um túmulo tailandês continha um utensílio de cobre de 3500 e moldes para fundição de utensílios de bronze de 2500, aproximadamente.



Este grupo, que representa uma águia com cabeça de leão e dois veados, é um trabalho em folha de cobre batido, proveniente de um templo sumério do Iraque, e data de 3000 a.C. Tem 2,4 m de comprimento e mais de 1 m de altura.

No Limiar da Técnica

Quando olhamos para a história antiga, fazemo-lo normalmente para cada região em separado. Vemos como a sua civilização cresceu, como se tornou poderosa e como caiu. Trata-se de uma maneira fácil de aprender as coisas. Mas outro modo de olhar o passado consiste em estudar os progressos comuns a várias civilizações diferentes. Tomem-se como exemplos os trabalhos em metal, a cerâmica, o uso da moeda e os sistemas de escrita.

Estes progressos não se verificaram de um dia para o outro. Foram o resultado de milhões de anos de experiência. Por vezes, como no caso de trabalhos em metal, realizaram-se as mesmas descobertas em zonas do Globo totalmente distintas. Também aconteceu que necessidades afins conduziram a resultados muito diferentes, tais como a diversidade de sistemas de escrita.

Trabalho em metal

Onde quer que se tenha desenvolvido, a utilização dos metais sempre foi decisiva para o homem, sobretudo no domínio do meio em que vivia. Uma vez inventados os utensílios de metal, tornou-se mais fácil e mais rápido desbravar e cultivar a terra e trabalhar uma gama maior de materiais. As armas de metal produzidas em larga escala permitiram que os governantes equipassem grandes exércitos.

Os primeiros metais que se trabalharam foram o cobre, a prata e o ouro, no Próximo Oriente, sobretudo na Anatólia (Ásia Menor), que possuía grandes jazidas destes minérios. Já em 7000 a.C., se forjavam pequenos alfinetes, anzóis e adornos com pepitas de metal encontradas à superfície do solo.

O verdadeiro trabalho em metal no Próximo Oriente começou apenas por volta de 4500 a.C. Só então o homem aprendeu a aquecer pedras que tinham cobre na sua composição, levando-as a uma temperatura suficiente para fundir o metal puro. O cobre fundido era então vazado em moldes para fabrico de utensílios, como machados, pontas de lança, buris, etc. Mas o cobre é um metal muito macio: precisa de ser martelado e reaquecido repetidas vezes para manter um gume afiado. Os utensílios de cobre não eram tão bons como as armas e os utensílios feitos de pedra e obsidiana já existentes.

Só cerca de 3000 a.C. os ferreiros do Próximo Oriente descobriram que o cobre se torna mais resistente misturando uma pequena quantidade de um metal mais raro e dispendioso — o estanho. A mistura daí resultante chama-se "bronze".

O trabalho em cobre e bronze só muito lentamente se foi difundindo a partir do Próximo Oriente. Tornava-se muito dispendioso fabricar utensílios de metal e só as sociedades ricas e altamente organizadas da região podiam permitir-se empregar artífices especializados. Por exemplo, na Europa do Norte, ainda não desenvolvida, a utilização do bronze só começou por volta de 1000 a.C.

Noutras regiões do Mundo, a utilização de metais começou mais tarde que no Próximo Oriente. No vale do Indo generalizou-se depois de 2500 a.C. Na China, a utilização do bronze desenvolveu-se independentemente, por volta de 1500 a.C. Mas, no continente americano, os metais só começaram a ser de facto utilizados a partir do século IV a.C.



Pintura mural de um túmulo egípcio, de cerca de 1500 a.C., que representa artífices do metal. Estes usam foles accionados a pedal para obterem uma temperatura do fogo suficientemente elevada e capaz de fundir o cobre e o estanho para fazer bronze.

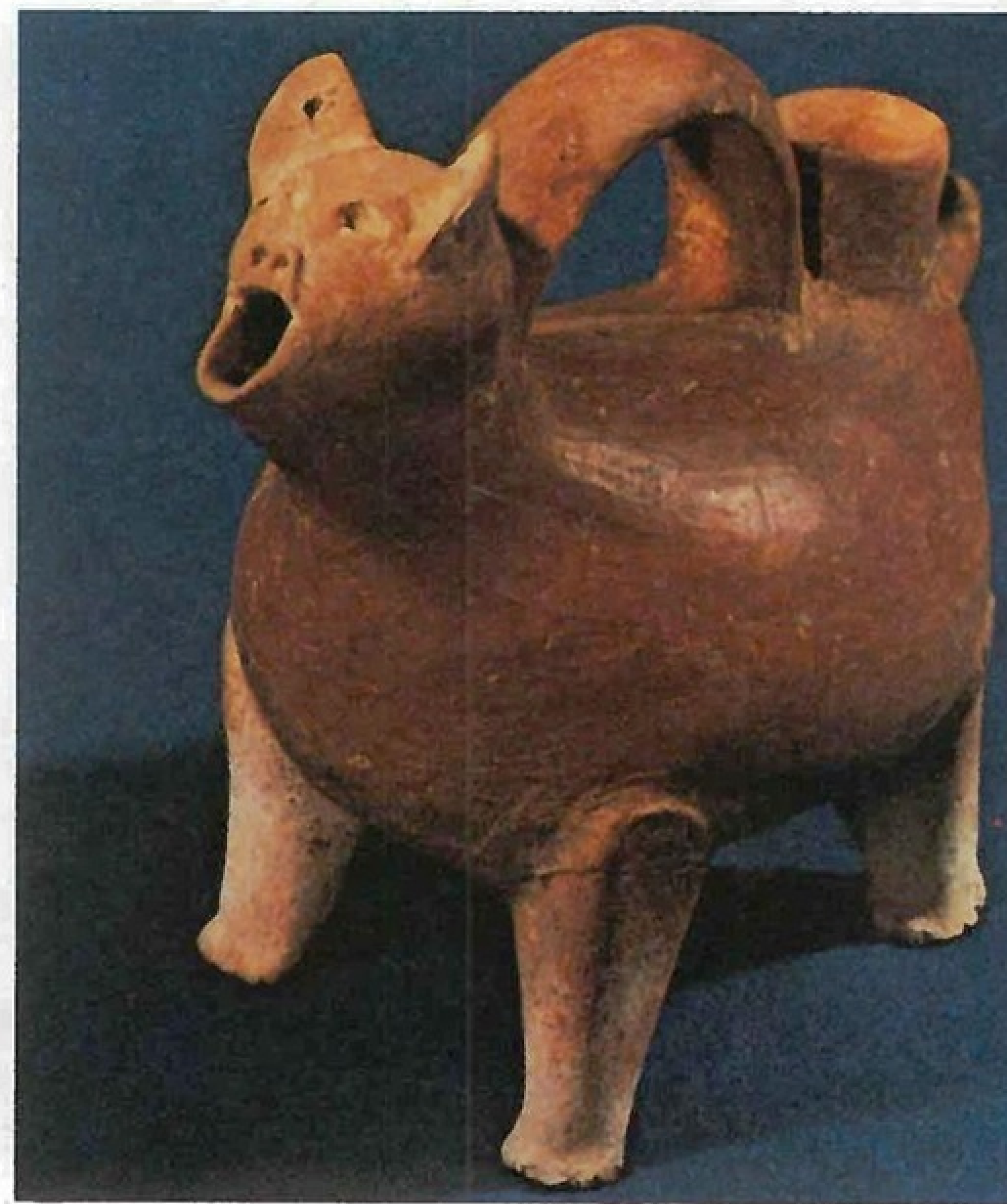
Ferro

Mais de 1500 anos separam a Idade do Bronze do começo da utilização do ferro, por este metal ser muito difícil de trabalhar. Uma das principais dificuldades era que as pedras que contêm ferro têm de ser aquecidas a temperaturas muito elevadas para se conseguir extrair o metal. O produto daí resultante não é ainda o ferro fundido, mas sim uma massa esponjosa que tem de ser aquecida e martelada durante muito tempo.

Por volta de 1200 a.C., na zona do Mediterrâneo Oriental já havia artífices especializados que trabalhavam o ferro; encontraram-se instrumentos de ferro na Europa datados de 1000 a.C. A utilização do ferro desenvolveu-se autonomamente no vale do Ganges, na Índia (cerca de 1000 a.C.), e na China (cerca de 600 a.C.). Os Chineses começaram a utilizar o ferro fundido cerca de 1800 anos antes dos Europeus.

Moeda

Hoje é-nos difícil imaginar a compra de qualquer coisa sem ter de pagar o seu preço em moeda com um valor estabelecido. Todavia, a cunhagem de moeda desenvolveu-se apenas por volta de 700 a.C., no Próximo Oriente, muito depois dos primórdios da civilização. Até então, os bens eram pagos de modo variado: ou se usavam objectos a que se atribuía a função de padrões de valores, como conchas ou contas, ou então usavam-se lingotes de metais, por exemplo, cobre, bronze ou ferro. Podia-se inclusivamente pagar com gado, como bois e cavalos. Ainda hoje isto acontece em algumas regiões do Mundo.



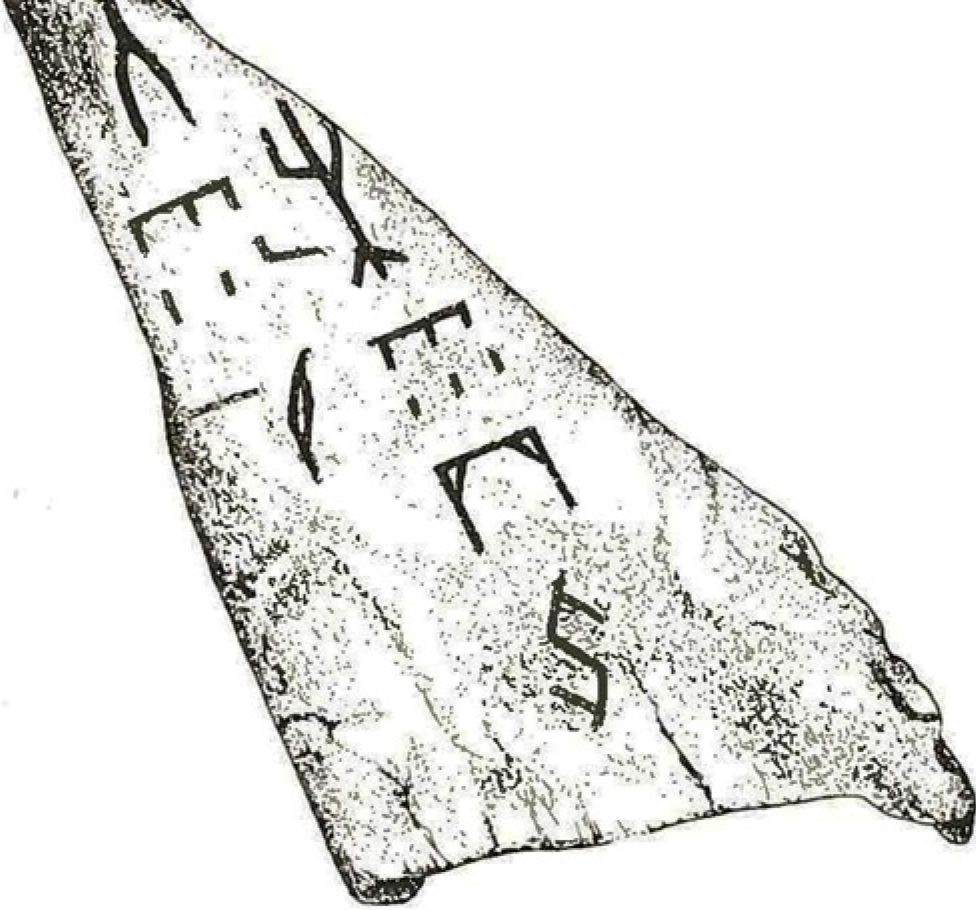
Vaso em forma de animal, feito na China, por volta de 2000 a.C. Repare-se que também o povo Mochica, por volta de 500 d.C., na América do Sul (ver pág. 56), fabricava vasos representando animais.

Moeda primitiva da Frígia, na Anatólia (Ásia Menor). É de eléctron, uma liga de ouro e prata.



Esta enorme talha ou pithos *foi encontrada em Cnossos, em Creta. Talhas como esta serviam para armazenar cereais, azeite e vinho. Durante milhares de anos usaram-se como recipientes potes de variadíssimos tamanhos, e muitos deles eram exportados para terras longínquas.*





Um osso de oráculo da China que data do período Chang, cerca de 1500 a.C. Os ossos de oráculo eram usados para predizer o futuro. Apresentam desenhos que são uma forma muito primitiva da escrita chinesa actual. A escrita Chang tinha caracteres que se foram modificando ao longo dos séculos e por isso, hoje em dia, os caracteres chineses normalmente não se assemelham em nada aos objectos ou ideias que representam.

A escrita cuneiforme suméria foi adaptada para transcrever muitas línguas do Próximo Oriente. Neste selo, datado dos séculos VI ou V a.C., trata-se da língua elamita.



Tábua de Cnossos, em que se pode ver a escrita linear B, usada pelos habitantes de Micenas. Até 1952 não se conseguia decifrar esta escrita; mas um arquitecto britânico, Michael Ventris, descobriu que se tratava de uma forma muito primitiva de grego.



À direita: papiro egípcio do século XIII a.C. A escrita egípcia, chamada ''hieroglífica'', era composta de símbolos pictóricos que, além de objectos ou ideias, representavam também consoantes. Por volta de 1900 a.C. desenvolveu-se uma forma simplificada de escrita hieroglífica, chamada ''hierática''. Por volta de 700 a.C. começou-se a usar uma escrita popular (''demótica'') muito mais rápida.

A primeira utilização de moeda cunhada de que há conhecimento ocorreu no século VII a.C., no reino da Lídia, na Anatólia. As ''moedas lídias'' eram peças ovais, grossas, de metal precioso, cunhadas com um símbolo indicativo do seu peso fixo.

O uso da moeda difundiu-se da Lídia até às cidades gregas da costa da Anatólia e daí para a própria Grécia. Estas primeiras moedas eram demasiado valiosas para uso diário — bastava uma para pagar um barco carregado de mercadorias. Todavia, por volta do século V a.C. tornou-se corrente a emissão de moeda de valor mais baixo e, portanto, de mais fácil circulação.

Cerâmica

Já há 25 000 anos os caçadores faziam pequenas figurinhas de barro dos animais que caçavam. Mas o homem, que então se dedicava à caça e à recolha de alimentos, não podia transportar consigo vasos pesados e quebráveis. Os primeiros vasos de cerâmica só começaram a ser fabricados em 7000 a.C., quando no Próximo Oriente surgiu a vida sedentária. Em toda a parte do Mundo a cerâmica está relacionada com o crescimento de comunidades fixas, agrupadas em aldeias.

Os primeiros vasos eram feitos moldando barro à volta de um objecto arredondado, ou enrolando em espiral pedaços de barro sobre uma base plana. Arredondavam-se-lhe as arestas, e os vasos eram secos ao sol antes de cozidos numa fogueira. Mais tarde construíram-se ''estufas'', onde os vasos eram cozidos a temperaturas controladas.

Em 4000 a.C. registou-se mais um progresso importante, que foi a roda de oleiro. A modelagem tornava-se mais simples fazendo rodar o barro numa mesa rotativa. A mesa de oleiro usava-se na região do mar Egeu em 2000 a.C., mas só depois de 1000 a.C. é que chegou à Europa.

Escrita

Embora existam milhares de diferentes línguas faladas, poucos sistemas de escrita se desenvolveram.

O primeiro sistema de escrita de que há conhecimento surgiu na Suméria, cerca de 3000 a.C. Desenvolveu-se para fazer face às necessidades de registar as complexas transacções, por parte de grandes organizações, como palácios e templos, possuidoras de muitas terras. No princípio, a ''escrita'' suméria não passava de uma série de símbolos pictóricos simplificados dos objectos que se queria representar e que se imprimiam com caninhas de bambu em tábuas de argila macia, proveniente do rio. Depois a argila era seca ao sol.

Com o decorrer do tempo, porém, a escrita pictográfica da Suméria desenvolveu-se, passando a registar não apenas simples listas de objectos, mas a linguagem que as pessoas falavam. Deu-se uma importante inovação quando o símbolo passa a representar tanto o objecto como o *som* da palavra a ele referente. Os primeiros símbolos pictóricos deram lugar a uma espécie de versão estenográfica dos mesmos, mais rápida e mais fácil de escrever, que consistia em marcas triangulares feitas com cunhas, nos blocos de argila. Esta é a chamada escrita *cuneiforme*.

Por volta de 3000 a.C. desenvolveu-se no Egipto uma forma de escrita bastante diferente. Não muito depois, os Egípcios inventaram uma espécie de papel feito das hastes de papiro desfiadas e prensadas. Assim podemos concluir que desde muito cedo os Egípcios começaram a desenhar numa superfície macia a escrita hieroglífica que se difundiu e tornou decorativa.

Alfabeto

Entre 1600 e 1000 a.C. desenvolveu-se no Próximo Oriente um novo sistema de escrita: o alfabeto. Embora apresentasse várias formas, todas tinham em comum a vantagem de precisarem de menos sinais para transcrever a linguagem.

Escritas como a hieroglífica egípcia e a cuneiforme eram silábicas: cada signo representava o som de parte ou da totalidade de uma palavra. Por sua vez, o alfabeto usava um signo único para cada som de uma palavra. Os sistemas egípcio e cuneiforme tinham muitas centenas de signos, ao passo que o sistema alfabético precisava de menos de trinta.

Na cidade fenícia de Tiro, por volta do século X a.C., já se usava um sistema totalmente alfabético. No século VIII ou nos princípios do VII a.C. os antigos gregos adoptaram um alfabeto, provavelmente a partir do dos Fenícios. A própria palavra ''alfabeto'' é composta dos dois primeiros signos do alfabeto grego, alfa (α) e beta (β). Todas as línguas modernas europeias se escrevem segundo o sistema alfabético.





A Mesopotâmia

a.C.	CRONOLOGIA
c. 3100	Construção de grandes templos na Suméria Escrita primitiva em Uruk
c. 2700-2400	Fortificação das cidades sumérias governadas por reis. Hostilidades constantes
2371-2255	Império Acádio, fundado por Sargão
2113-2006	III Dinastia de Ur governa a Suméria

Mesopotâmia é uma palavra grega que significa "região entre rios", usada para designar o território entre os rios Tigre e Eufrates, cuja parte sul é sobretudo constituída por terrenos pantanosos. Foi aqui, no que é hoje o Sul do Estado do Iraque, que entre 4000 e 3000 a.C. floresceu uma das primeiras civilizações do Mundo.

As terras férteis da Mesopotâmia situam-se entre o deserto e as montanhas. A oeste ficam os vastos desertos da Arábia e da Síria, a oriente os montes Zagros elevam-se a 3000 metros de altitude. A Mesopotâmia divide-se em duas regiões principais. O Norte tem chuvas regulares; o Sul, que se estende até ao golfo Pérsico, tem Verões secos e quentes, que vão de Maio a Outubro. Esta área, antigamente chamada Suméria, é uma planície constituída por estratos de lodo resultantes das inundações dos rios. O solo é fértil, mas precisa de ser irrigado para poder produzir. Dado que a região é muito plana, está sujeita à ameaça de frequentes cheias violentas.

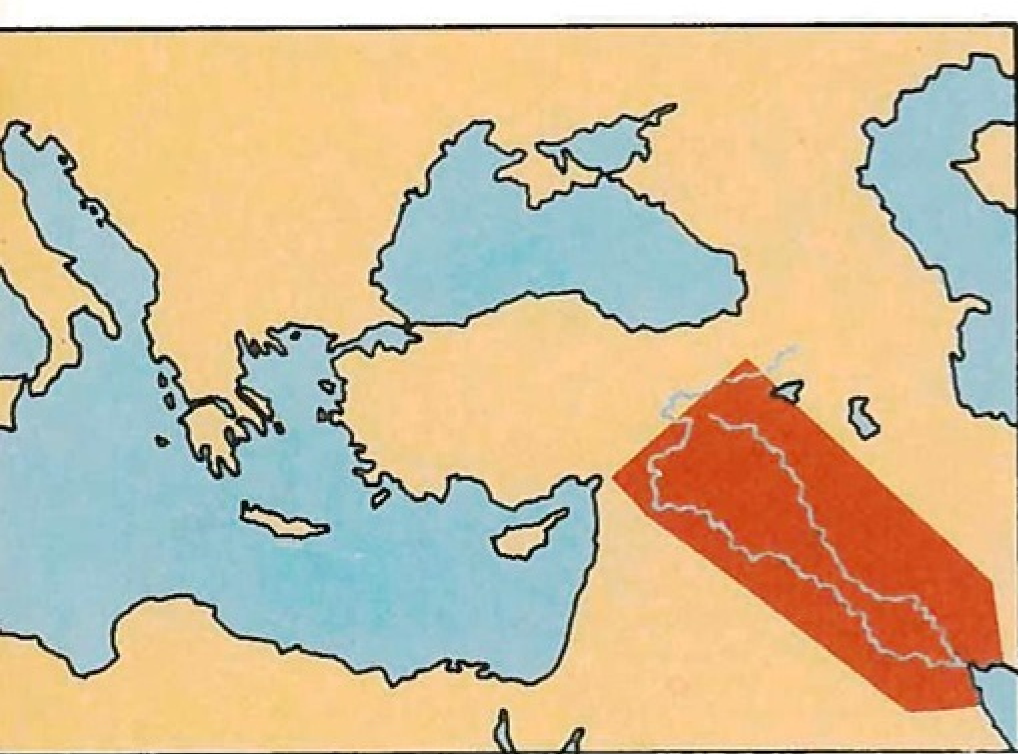
De aldeias a cidades

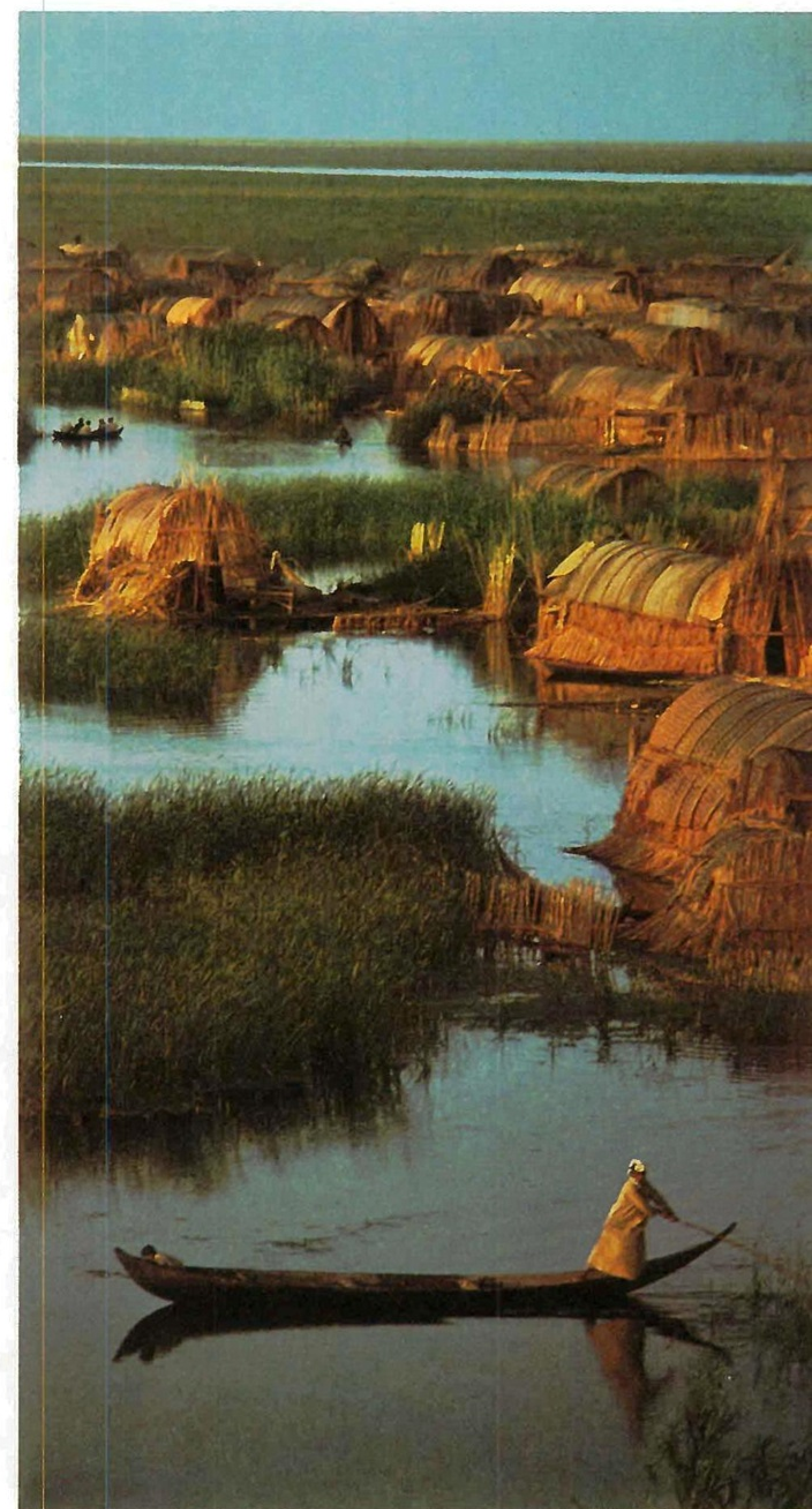
A agricultura desenvolveu-se lentamente em toda a Ásia Ocidental. Por volta de 5000 a.C., havia muitas aldeias prósperas, que, pelo seu tamanho, quase se podiam considerar cidades. Contudo, entre 4000 e 3500 a.C., os povos agrícolas da Suméria deram o primeiro passo em frente: deixaram de viver em aldeias e edificaram as primeiras autênticas cidades, em lugares como Ur e Eridu.

A Suméria é uma região plana e pantanosa, no Sul da Mesopotâmia, com uma área aproximadamente igual à da Holanda. Embora o solo fosse de aluvião, os antigos agricultores sumérios tiveram de enfrentar muitas dificuldades. A pluviosidade era muito fraca, e eles viram-se obrigados a abrir canais de irrigação. Durante sete meses, o Sol era abrasador, secava toda a humidade do solo, deixando-o salgado e estéril. Na Primavera, exactamente na altura em que as sementeiras estavam amadurecidas, muitas vezes os rios inundavam desastrosamente os campos, alagando-os e ameaçando as colheitas.

A Suméria, porém, tinha recursos naturais importantes. As tamareiras cresciam até mesmo em terrenos salgados, nos pântanos havia porcos e aves selvagens e nos rios o peixe abundava. Estes recursos alimentares mostravam-se suficientes para abastecer uma grande população. Quanto maior fosse o número de habitantes mais fácil se tornava a abertura e a limpeza dos canais e a construção de diques para controle das águas das cheias.

Ao mesmo tempo, iam crescendo centros





Os pântanos da antiga Suméria (hoje Sul do Iraque) foram o berço das primeiras cidades do Mundo. Actualmente, as comunidades de árabes (à direita) que vivem nesta região não diferem muito das dos antigos sumérios: ainda usam as canas para a construção de casas e de barcos e até mesmo como alimento; o peixe e as tâmaras são hoje importantes recursos alimentares, tal como já o eram há 6000 anos. Há quem pense que os árabes que vivem nestes pântanos descendem dos antigos sumérios.



urbanos, que incluíam templos em honra da divindade local; esta garantia boas colheitas e protecção contra as cheias. Nos templos armazenavam-se produtos, quer para a alimentação, quer para sementeiras, que se faziam em Outubro. Tinham manadas de animais, como bois e burros, necessárias para puxar o arado. É possível que os templos alugassem estes animais aos agricultores em troca de uma parte da colheita.

Os templos tornavam-se cada vez mais ricos e algumas cidades eram governadas por um funcionário do templo, em colaboração com um grupo de funcionários e escribas. Desenvolveram-se métodos de cálculo e de escrita, com o fim de registar os bens que entravam e saíam dos armazéns. Ao governante cabia cumprir duas tarefas: a construção de novos templos em honra do deus e a manutenção do sistema de irrigação. Junto a estes templos cresceram cidades. Neles não só viviam os funcionários do templo como também os artífices que os construíam e mantinham, além de mercadores e escribas. A Suméria tornou-se um mosaico de cidades independentes que se bastavam a si próprias, graças aos produtos das colheitas dos campos circundantes.

Parte do chamado Estandarte de Ur, *provavelmente base de uma harpa, datado de cerca de 2500 a.C. As cenas mostram uma sociedade já estratificada em classes: em cima, os ricos estão sentados numa festa; no meio, os servos conduzem os bois, os carneiros e as cabras; em baixo, os trabalhadores carregam pesadas cargas. As figuras são feitas com conchas e pedra vermelha calcária, embutidas num fundo de lápis-lazúli. Esta pedra azul semi-preciosa era importada do Afeganistão, atravessando grandes distâncias.*

À direita: cabeça de bronze de um rei acádio. O Império Acádio desenvolveu-se até incluir toda a Mesopotâmia, parte do Norte da Síria e de Elão (no Sudoeste do Irão) e constituiu a primeira tentativa de que há conhecimento de governar uma vasta zona, habitada por diversos povos.



As cidades-estados sumérias estavam frequentemente em guerra. Esta pedra gravada foi erigida para celebrar uma grande vitória da cidade de Lagash sobre a cidade rival de Umma, infligida por Eannatum (cerca de 2500 a.C.). Representa duas cenas: em cima, Eannatum, vestido com peles de animais, comanda um corpo de tropas; em baixo, Eannatum, no seu carro de combate com quatro rodas, ameaça o inimigo com a lança.

Comércio e império

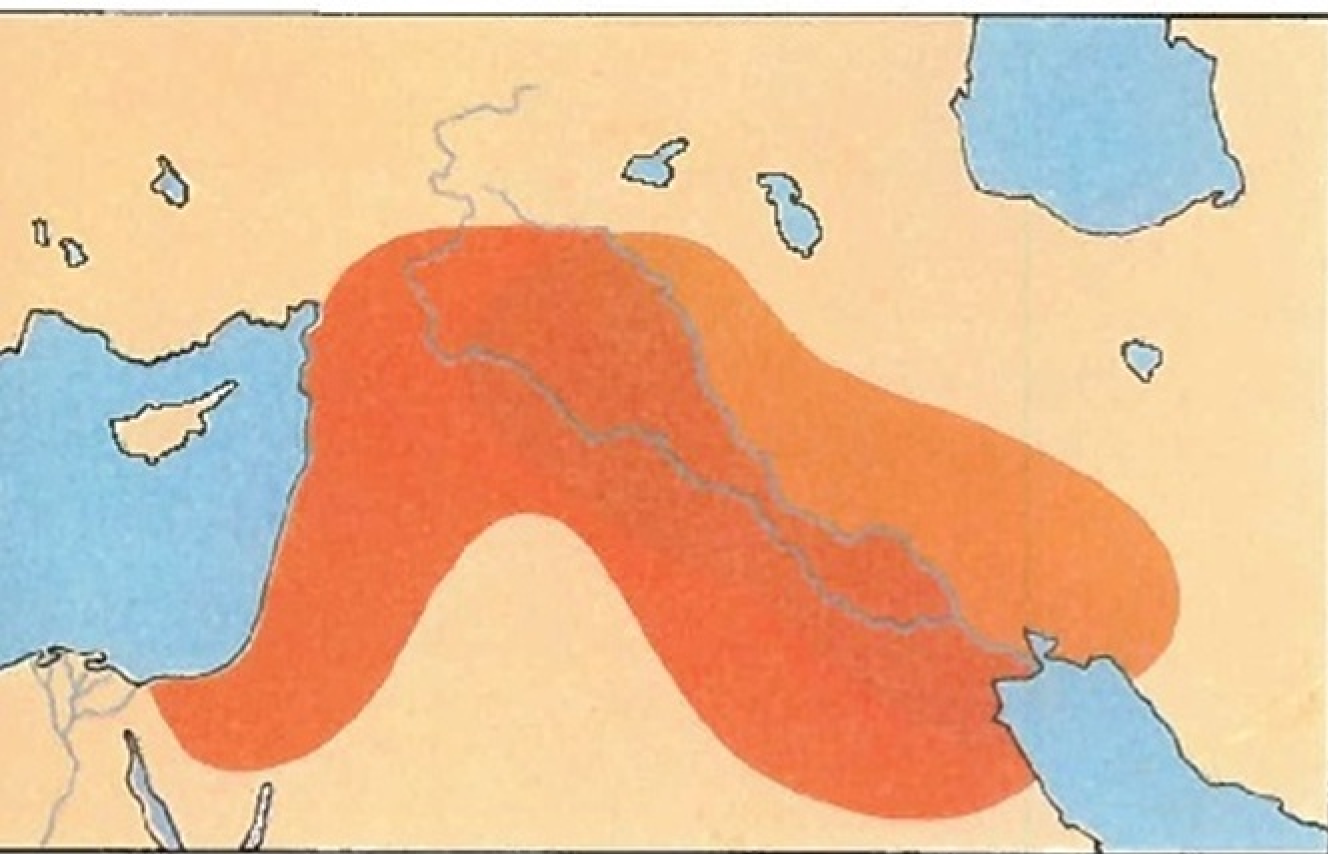
Entre 2800 e 2400 a.C., as cidades-estados da Suméria encontravam-se no auge do seu poder e riqueza. Alternadamente, uma cidade ou outra tornava-se suficientemente poderosa para dominar as restantes. A Suméria passou a ser o mercado mais rico do Mundo, atraindo o comércio do Mediterrâneo Oriental e do vale do Indo.

Mas a riqueza da Suméria também atraía olhos cobiçosos. Exactamente a norte, na região da Acádia, Sargão tinha-se tornado muito poderoso, graças ao controle das rotas comerciais do Norte, Ocidente e Oriente. Por volta de 2350 a.C., Sargão invadiu a Suméria, anexando-a ao seu vasto império. A capital, Acad, deu origem ao nome pelo qual o império de Sargão é conhecido: o Império Acádio. Este foi a primeira tentativa de unificação desta vasta área, sob a égide de um único governante. A partir desta altura, a Mesopotâmia passou a ser quase sempre dominada por um ou, no máximo, dois poderosos Estados.

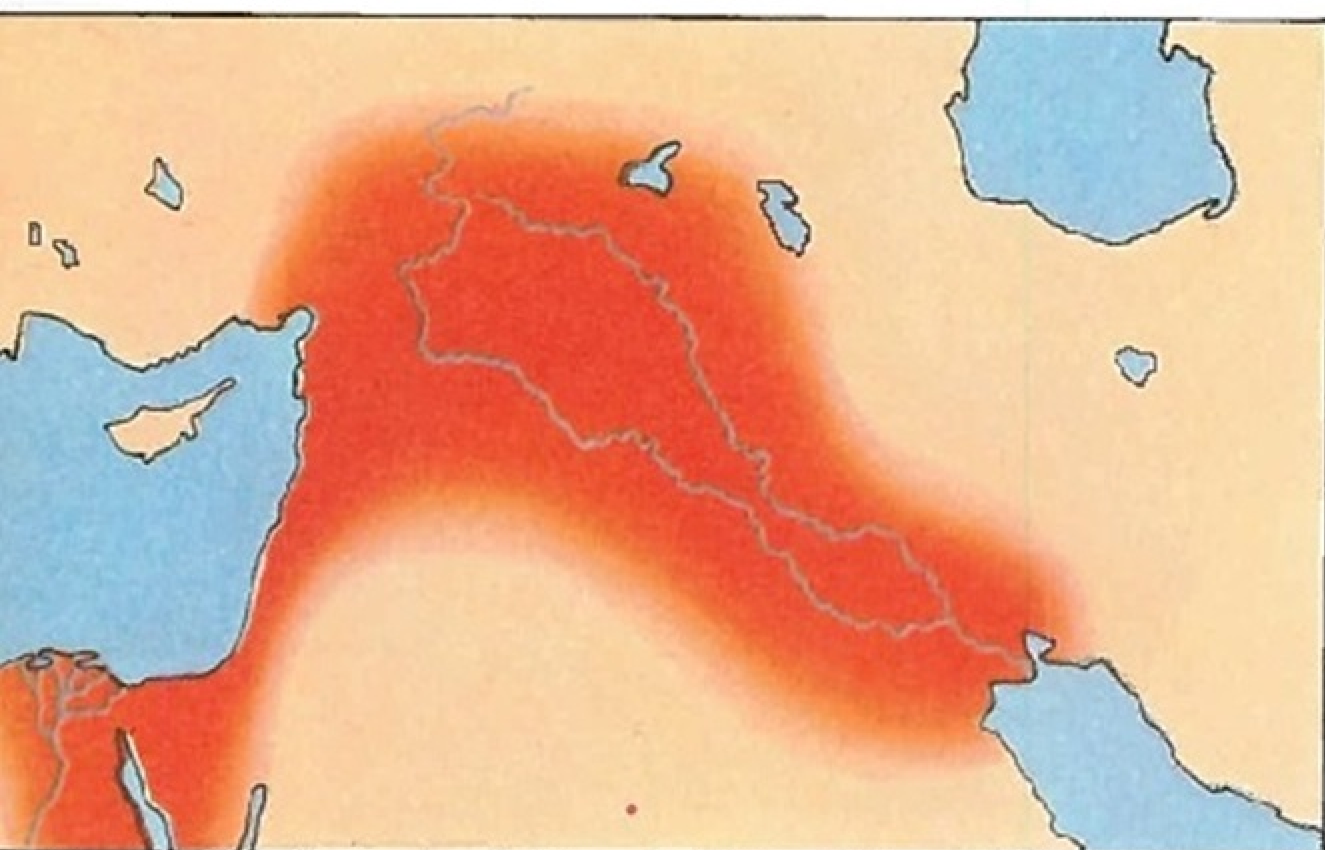


RECURSOS NATURAIS

Os Sumérios não tinham nem minério, nem pedra, nem madeira. Estes materiais, juntamente com pedras e metais preciosos e outras riquezas, eram importados através do golfo Pérsico ou do Norte, por via terrestre. Os principais recursos da Suméria eram os depósitos de argila e a própria lama do rio. Usava-se a argila para fazer tijolos decorativos e peças de cerâmica. Os escribas sumérios escreviam com caninhas de bambu em placas de argila macia. A lama do rio era enformada em tijolos e seca naturalmente ao calor do Sol. Os tijolos de lama eram o principal material de construção. Aproveitavam-se igualmente os imensos canaviais nos pântanos: as canas atadas em feixes serviam para a construção de casas, barcos e jangadas e, entrançadas, para fazer cestos e esteiras. O betume, uma espécie de alcatrão, era também importante: usava-se para calafetar e impermeabilizar; servia igualmente de cola na incrustação de mosaicos.



O mapa de cima representa os dois Impérios Babilónicos. A zona castanha foi governada por Hamurábi (1792-1750 a.C.), passou depois para o domínio dos Cassitas. A zona cor de laranja (que, exceptuada a região ao longo do litoral mediterrânico, também fez parte do império de Hamurábi) representa o Império Neobabilónico, fundado por Nabopolassar (626-605 a.C.) e seu filho, Nabucodonosor (605-562 a.C.). Entre os dois Impérios Babilónicos houve um período em que a Mesopotâmia foi governada pelos Assírios. O mapa de baixo mostra este império, durante o século VII a.C., quando atingiu a sua maior extensão.



O primeiro império

Sargão de Acádia e os seus sucessores governaram o primeiro império de que se tem conhecimento. Porém, a vastidão do território deu origem a muitos problemas. O neto de Sargão, Naram-Sin, teve de fazer face a muitas revoltas por parte dos povos que governava. O Império Acádio era também ameaçado a ocidente, pelos nómadas do deserto, e, a Oriente, pelas populações aguerridas dos montes Zagros.

Os pastores da orla do deserto nem sempre eram hostis, mas nas épocas de grandes secas dirigiam-se para as zonas cultivadas do império em busca de pastagens para os rebanhos, o que, naturalmente, era causa de muitos conflitos.

Em 2230 a.C., o Império Acádio sucumbiu a estas hostilidades. Durante um certo tempo, parte do Sul da Mesopotâmia foi dominada pelos Gútios, povo das montanhas a que os Sumérios chamavam "as víboras dos montes". Depois de um século de distúrbios, a Suméria, governada pelos reis da III Dinastia de Ur, reconquistou parte do seu anterior prestígio. Porém, apenas 100 anos mais tarde, Ur era saqueada pelo poderoso Estado de Elão, a oriente. Na mesma altura, a Suméria foi invadida a norte por um povo semita, os Amorreus, dos quais houve grupos que se estabeleceram em todas as antigas cidades sumérias. De novo os Sumérios sofreram um período de enfraquecimento e perturbações.

Os Amoritas

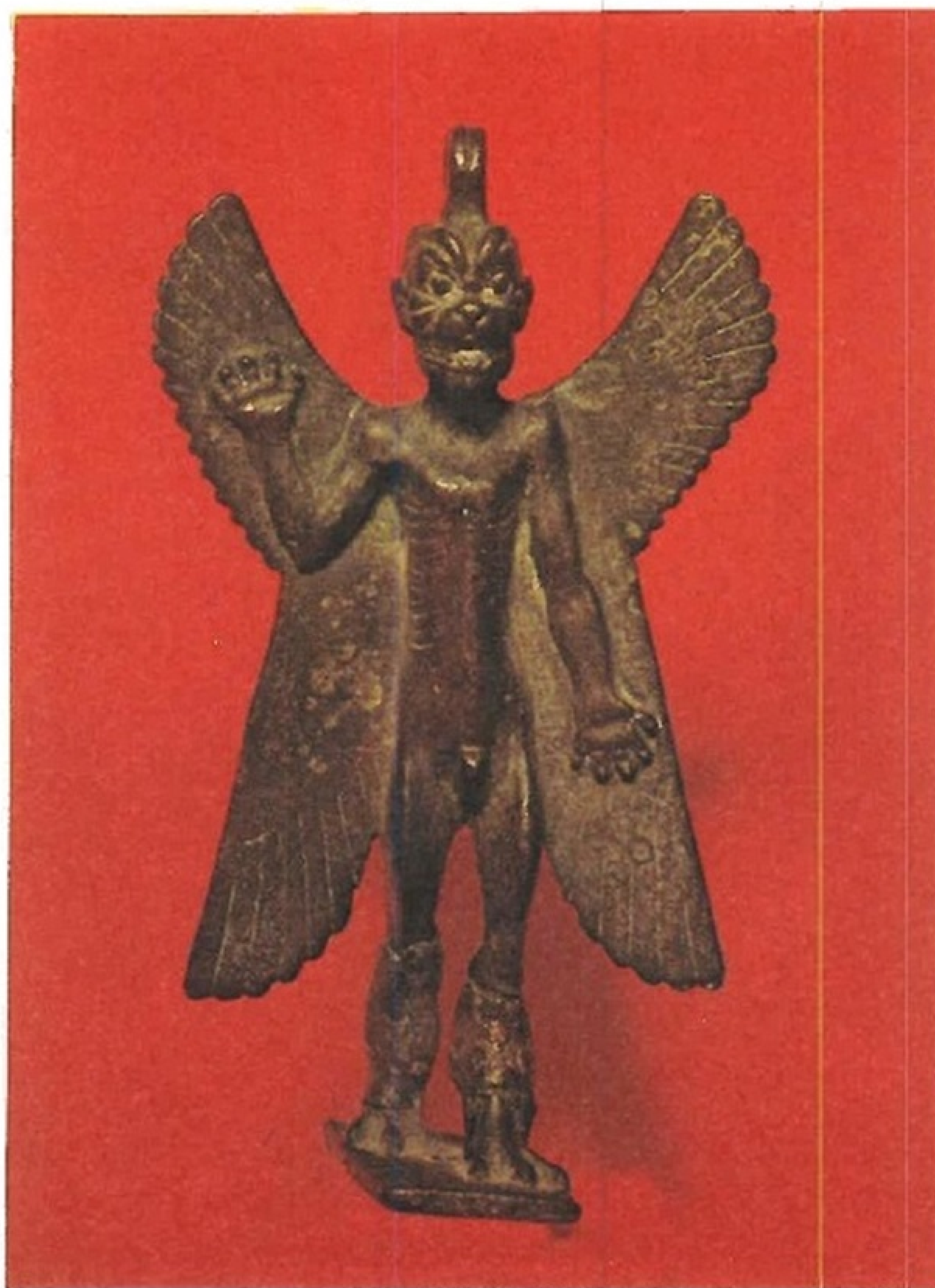
Os Amorreus ou Amoritas eram nómadas que viviam na orla do deserto e que a pouco e pouco se foram apoderando de grandes áreas da Mesopotâmia, tendo-se estabelecido em cidades como Mari, Assur e Babilónia. Ao instalarem-se nestas cidades, absorveram os costumes mesopotâmicos e adoptaram a escrita cuneiforme dos Sumérios e Acádios (ver pág. 19) para transcrever a sua própria língua.

Cerca de 1760 a.C. o grande Hamurábi, governante amorita de Babilónia, invadiu Mari e Assur, tornando-se senhor da maior parte das cidades-estados do Norte e do Sul da Mesopotâmia. Nos finais do seu governo, em 1750 a.C., Hamurábi podia auto-apelidar-se de "poderoso rei de Babilónia, rei de todos os amorreus, rei da Suméria e da Acádia, rei dos quatro quadrantes do universo".

Os Cassitas

Por volta de 1600 a.C., Babilónia foi saqueada por um povo indo-europeu, oriundo da Anatólia Central, a noroeste, os Hititas. Durante o período de agitação que se seguiu, os Cassitas, provavelmente vindos dos montes Zagros, apoderaram-se do trono de Babilónia. O seu poder devia-se aos profundos conhecimentos acerca de cavalos: os carros de combate com duas rodas, puxados por cavalos, constituíam a arma mais sofisticada da época.

Os Cassitas governaram pacificamente durante 400 anos. Sob a sua égide, as cidades da Babilónia passaram a ter um governo central, não deixando contudo de ser consideradas importantes centros religiosos, artísticos e literários. Babilónia desenvolveu-se até se tornar um Estado tendo como capital administrativa a cidade da Babilónia. Mas em 1150, Babilónia foi devastada por uma terrível invasão elamita. Enfrentando enormes dificuldades, os novos governantes de Babilónia expulsaram os invasores, para poderem fazer face, a norte, a nova ameaça, os aguerridos assírios.



Pazuzu *alado, espécie de demónio do deserto. O deserto era a pátria dos nómadas que, de tempos a tempos, ameaçavam a estabilidade da Mesopotâmia.*



Peso de pedra negra com a forma de um pato. O estabelecimento de pesos e medidas-padrões representou um modo de dilatar o poder de um governador até às zonas mais distantes do império. Este peso data da III Dinastia de Ur.



Marco de delimitação, de pedra, ou kudurru, *do período cassita, de Babilónia (1590-1245 a.C.). Estas pedras eram esculpidas com orações implorando aos deuses protecção para o dono da terra.*

Os Assírios

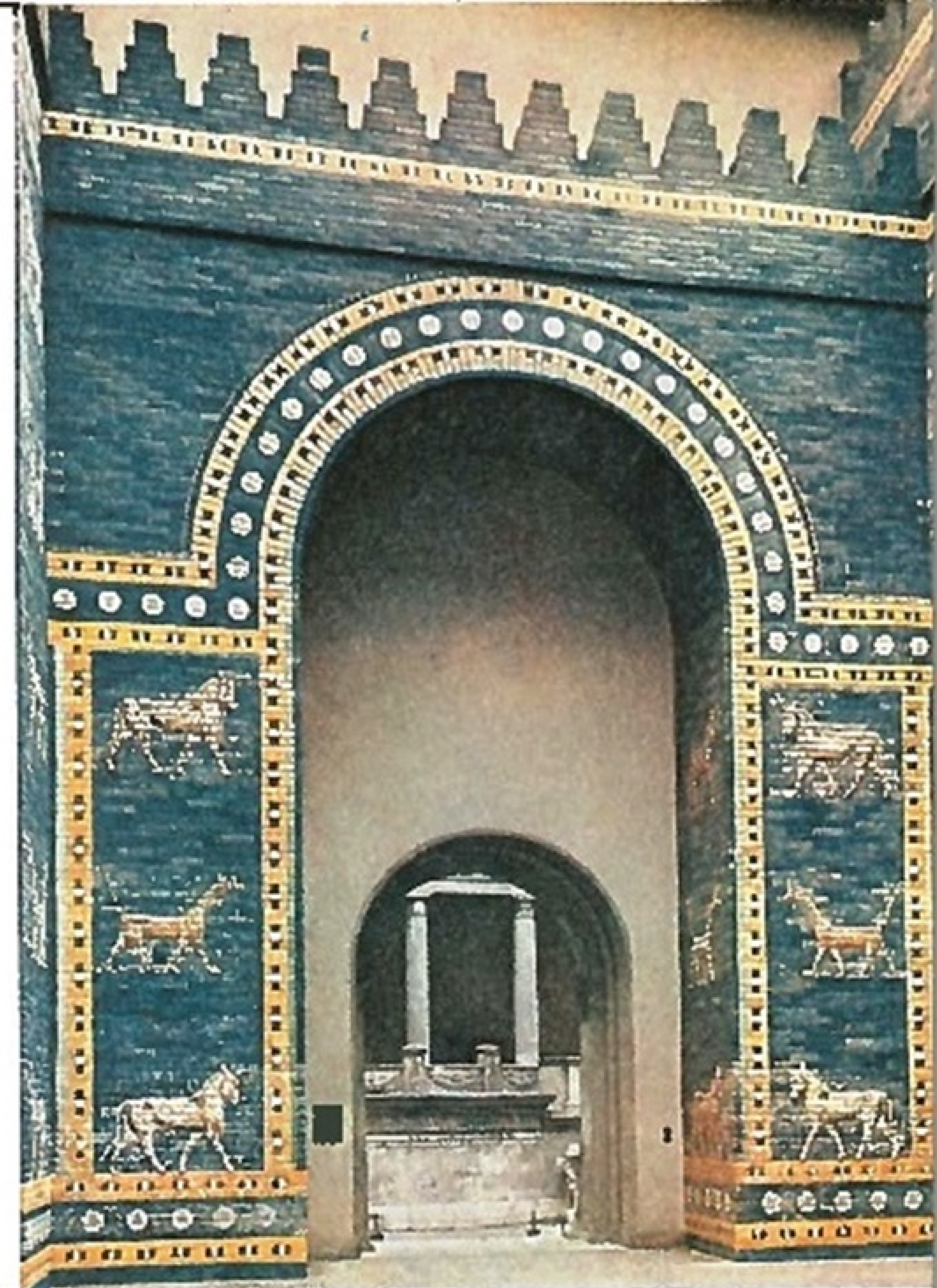
A pátria dos Assírios situa-se entre as cidades de Assur e Nínive, nas margens do rio Tigre. A partir daqui, importantes rotas comerciais conduziam à Síria e à Anatólia. Durante muito tempo o poderoso governo de Babilónia, a sul, e os Hititas, a noroeste, impediram que a Assíria se expandisse. Mas nos séculos que se seguiram ao colapso do Império Hitita, os Assírios começaram a expandir-se para essa região.

No século VIII, sob a égide de um poderoso rei, Tiglat-Pilesar III, o exército assírio transformou-se numa força permanente altamente treinada. Nos cinquenta anos que se seguiram, os Assírios conquistaram a maior parte da Síria, da Palestina e da Fenícia e invadiram o Egipto, ocupando inclusivamente Tebas (Luxor). Algumas regiões passaram a ser províncias e outras tornaram-se autónomas, com governantes pró-assírios. Os tributos e os impostos exigidos pelos Assírios foram a causa de uma tremenda opressão; havia revoltas constantes, brutalmente reprimidas. A terra ficou por cultivar, dando assim ocasião a que os pastores arameus hostis devastassem enormes áreas do império.

Um rei assírio observa os prisioneiros de guerra arrastando, desde as pedreiras até à capital, a enorme estátua de um touro alado com cabeça humana. Quase todos os reis assírios mandaram construir um palácio ou ampliar algum já existente. O dinheiro e a mão-de-obra necessários para estes empreendimentos provinham das províncias do Império Assírio. Esta política empobrecia as províncias e fomentava as revoltas. Todos os pormenores desta reconstituição, inclusive o trenó arrastado sobre rolos e a jangada de flutuadores feitos de peles de animais, são inspirados em representações de esculturas assírias.

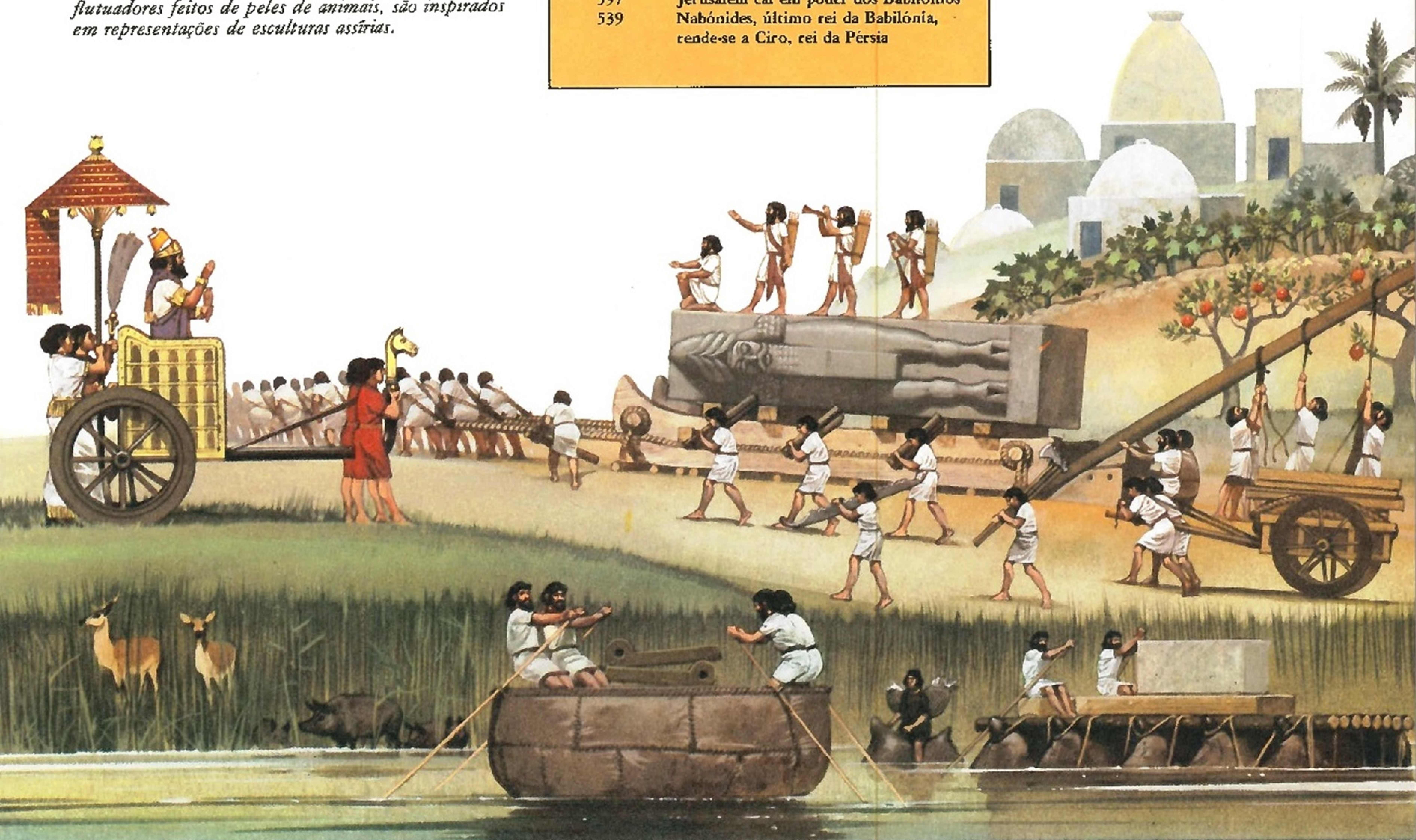
O IMPÉRIO NEOBABILÓNICO

Em Babilónia, vários grupos lutavam desesperadamente para se libertarem do domínio assírio. O rei assírio Senaqueribe chegou inclusivamente a saquear Babilónia, dizimando a sua população. Os Babilónios, porém, persistiram na luta. Por volta de 631, a guerra civil estalou na Assíria, depois da morte de Assurbanípal. Nabopolassar, rei dos Babilónios, congregou forças com os Medos, do Irão Ocidental. Entre 640 e 612, a Assíria foi invadida e as cidades principais, Nínive, Assur e Kalak, foram conquistadas e destruídas. Nabucodonosor, filho de Nabopolassar, prosseguiu a conquista de grande parte do Império Assírio. Mas menos de um século mais tarde, o seu império neobabilónico capitulou ante o poder persa.



Esta reconstituição da Porta de Istar, em Babilónia, é feita com os ladrilhos esmaltados originais. Data do período neobabilónico, quando Babilónia foi esplendorosamente reconstruída.

a.C.	CRONOLOGIA
1792-1750	Hamurábi, rei da Babilónia
1590	Os Hititas devastam Babilónia
1590-1245	Os Cassitas governam Babilónia
1124-1103	Nabucodonosor I chefia as lutas de Babilónia contra os Elamitas
745-c. 630	Império Assírio no seu apogeu, governado por reis poderosos como Sargão II, Senaquerib, Assaradão, Assurbanipal
689	A Babilónia é arrasada pelos Assírios
626-605	Nabopolassar governa a Babilónia e, depois de destruir Nínive em 612, a maior parte do antigo Império Assírio
605-562	Nabucodonosor II, rei da Babilónia
597	Jerusalém cai em poder dos Babilónios
539	Nabónides, último rei da Babilónia, rende-se a Ciro, rei da Pérsia



O Egipto



As pirâmides de Gizé vistas da mancha verde da área cultivada. Esta zona de cultivo era tão preciosa no Egipto que grandes monumentos como estes foram construídos no deserto que começa onde termina a fértil "terra negra".

Para os Egípcios o rei era um deus. Este sarcófago de prata do rei Psussenes (cerca de 1000 a.C.) mostra-o empunhando um cajado de pastor e um azorrague, símbolos do seu poder para orientar e punir o povo.

a.C.	CRONOLOGIA
3100	Menes (Narmer?) unifica o Egipto
2686-2181	Império Antigo Morte de Zoser, para quem foi construida a primeira pirâmide
2180-2040	Primeiro Período Intermédio. Domínio absoluto dos reis termina com guerra civil
2040-1633	Império Médio. O poder egípcio expande-se para sul. Desenvolvimento de relações comerciais com o mar Egeu e o Levante
1633-1567	Segundo Período Intermédio. O Egipto é invadido pelos Hicsos, que usam carros de combate puxados por cavalos
1567-1085	Império Novo. Os Hicsos são expulsos do Egipto
1504-1450	Reinado de Tutmés III, conquistador de um vasto império. Apogeu do poder egípcio com Ramsés III, que derrota os invasores estrangeiros conhecidos por Povos do Mar
1087-751	Terceiro Período Intermédio. O Egipto é primeiro governado por invasores líbios e, depois, por etíopes
751-332	Último Período. Períodos de independência alternados com a conquista pelos Assírios, depois pelos Persas e, finalmente, por Alexandre, o Grande (332). Depois da sua morte, o Egipto é governado por um general de Alexandre, Ptolemeu, e pelos sucessores deste.
30	O Egipto torna-se província romana

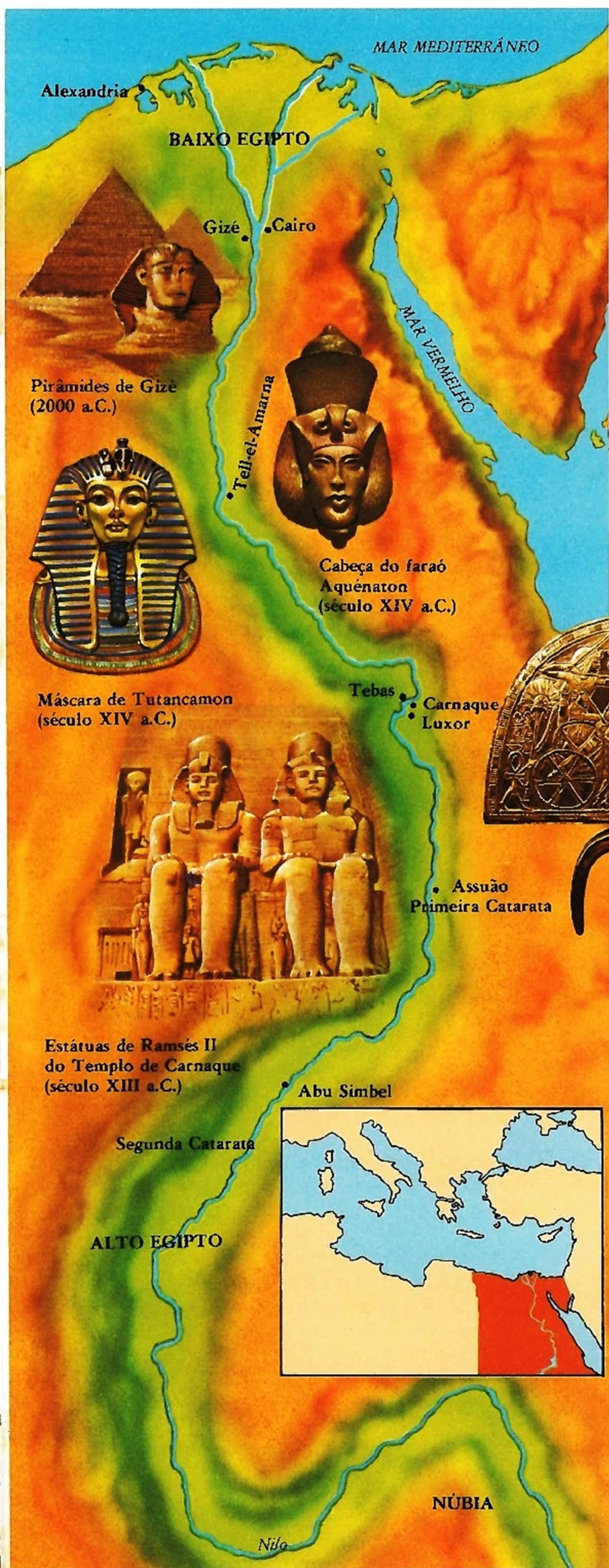
O Egipto é uma terra desértica e quente, dividida pelo fértil vale do rio Nilo. Raramente chove e os Verões são terrivelmente quentes. Ainda hoje mais de 90 por cento do Egipto é um deserto árido onde nada cresce. Mas a faixa de terra em cada uma das magens do Nilo, denominada "área de cultura", é uma das zonas mais férteis do Mundo. Embora não tenha mais de 20 km de largura, estende-se ao longo de cerca de 1000 km, desde Assuão, a sul, até às vastas terras de cultivo do delta, onde o rio desagua no Mediterrâneo.

A rica terra negra da área de cultura foi-se depositando ao longo de milhares de anos devido às cheias regulares do Nilo. Todos os anos, até à construção de barragens modernas para controle das águas, o rio saía do seu leito, entre Junho e Outubro. O lodo negro e húmido depositado pelas cheias era tão rico que se podiam fazer numa estação duas a três sementeiras, enquanto o solo estivesse bem irrigado.

Os antigos egípcios

A fertilidade do solo foi a razão pela qual há mais de 5000 anos o vale do Nilo assistiu ao florescimento da brilhante civilização dos antigos egípcios. Os primeiros egípcios tinham aprendido a cultivar a terra ao longo das margens, aproveitando as águas dos rios para regar as sementeiras. Ao longo do Nilo, as aldeias foram prosperando e começaram a unir-se para ajuda mútua na abertura de valas e diques para controlar as inundações anuais. Cerca de 3100 a.C., um rei chamado Menes unificou sob a sua égide todo o Egipto. Ele e os seus descendentes foram a primeira família ou dinastia egípcia a governar. O primeiro período de que temos conhecimento é conhecido por Império Antigo (2686-2181 a.C.). Nesta altura os reis tinham-se tornado imensamente poderosos. A escrita, a pintura, a arquitectura e as artes tinham-se desenvolvido bastante. O poder e a influência egípcios perduraram durante quase 2000 anos, não obstante dois períodos de guerra civil e invasão estrangeira.

No seu auge, o Egipto, sob a égide de governantes poderosos como Tutmés III (1504-1450 a.C.), dominou a Palestina e a Síria e estendeu o seu poder mais para sul, até ao estado africano da Núbia. Mas em 1150 a.C. o Egipto encontrava-se rodeado de poderosos inimigos. Em 935, Sheshonk I, da Líbia, apoderou-se do trono. À excepção de um período entre 664 e 525 a.C., o Egipto foi governado por reis estrangeiros até ser finalmente conquistado por Roma em 30 a.C.



O Egipto estende-se ao longo de cerca de 1000 km. No Baixo Egipto, nas imediações do delta, a taxa de pluviosidade anual é mínima. Mas a terra irrigada pelo Nilo é espantosamente fértil.



O comércio por terra e mar ligava o Egipto ao resto do Próximo Oriente. Também mantinha contactos comerciais com Creta. A sul, o Egipto explorava o ouro da Núbia e importava incenso e mirra de Punt (Somália).



Base de leque, de ouro, pertencente a Tutancamon. O leque propriamente dito era feito de plumas de avestruz importadas e o ouro provinha da Núbia.

O Egipto mantinha relações comerciais numa vasta área. Em troca de cereais, ouro, cobre, pedras preciosas e pedra para construção, importava o que não possuía. Do Líbano vinham a madeira, a resina, o azeite, a prata e os escravos. Mais tarde, os cavalos foram importados da Síria e da Anatólia e, através da Mesopotâmia, o lápis-lazúli. Durante o império, o comércio com a Palestina e a Síria foi controlado pelo Egipto. A sul, a Núbia manteve-se, durante um período quase ininterrupto de 800 anos, sob o domínio egípcio, constituindo a sua fonte mais importante de ouro e escravos.



Os reis do Egipto eram governantes absolutos. O rei era senhor de toda a terra e os agricultores tinham que lhe dar uma parte do que esta produzia. Um exército de funcionários e escribas (ver as figuras em cima e à direita) tinha a função de registar a quantia exacta devida ao rei por cada agricultor. O produto das colheitas e o gado eram transportados para armazéns situados à volta dos palácios reais. Com este enorme tributo, o rei pagava aos seus funcionários e concedia fundos para os imensos projectos de irrigação.



O culto dos mortos

Os primeiros povos do vale do Nilo enterravam os seus mortos em covas abertas na areia quente, que secava e preservava os cadáveres. Mais tarde, quando os mortos começaram a ser enterrados em túmulos de pedra, os cadáveres deterioravam-se e, por isso, os Egípcios começaram a desenvolver as técnicas de preservação (mumificação). Os reis construíram, em vida, sólidos túmulos em pirâmide e mais tarde, na tentativa de evitar roubos, escavaram-se túmulos escondidos nas rochas, no Vale dos Reis, próximo de Tebas.

Os Egípcios acreditavam na vida além-túmulo e passavam grande parte do tempo a preparar-se para ela. As câmaras funerárias eram decoradas com belas pinturas e relatos que contavam a vida do defunto, da sua família, dos seus criados e dos dias felizes passados a caçar. Os Egípcios acreditavam que no Outro Mundo estas cenas se tornariam realidade, graças à oração. Nos túmulos colocavam-se também alimentos, bebidas e pequenas figuras humanas, juntamente com todas as jóias e objectos pessoais do defunto.

As instruções para a viagem do defunto eram também inscritas no túmulo, já que ele teria que empreender uma difícil viagem pelo Rio da Morte até ao Outro Mundo, antes de ver a face de Osíris, deus dos mortos, para a prova final, a pesagem do coração. O coração do defunto era colocado num prato da balança e no outro a Pena da Verdade — um coração pecador pesaria mais que a pena e o seu dono seria devorado por um monstro medonho; um homem bom teria um coração leve e viveria eternamente na Terra dos Benditos.



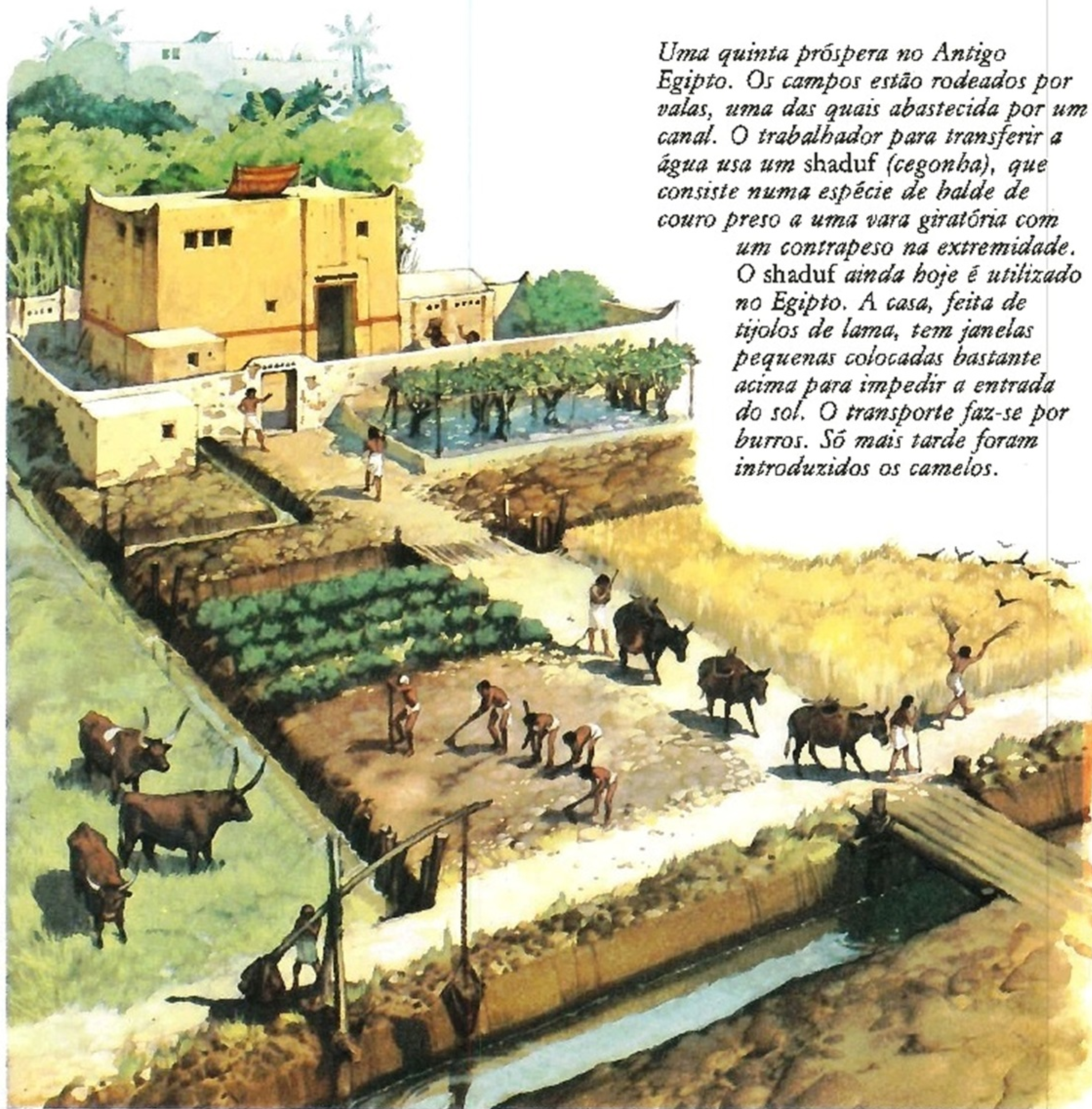
Os Egípcios acreditavam que a morte representava apenas o início de uma longa viagem para o Outro Mundo. O defunto era transportado num barco ao longo do rio até ao reino de Osíris, o deus dos mortos. Mas havia muitos obstáculos a ultrapassar. Para ajudar o defunto na sua viagem, colocava-se no túmulo, ao pé do corpo, um livro de instruções chamado Livro dos Mortos. *Este papiro do túmulo do sacerdote Ani mostra alguns dos estádios da viagem. À esquerda, o sacerdote defunto atravessa o rio; em baixo, vêem-se os Campos Benditos do Outro Mundo; à direita, Rá, deus-sol, recebe Ani.*

Agricultura

O ano agrícola iniciava-se em Setembro, quando a cheia do Nilo começava a baixar, deixando um lodo negro e rico que tornava o solo muito fértil. Lavrava-se então o solo com arados de madeira puxados por bois e em Novembro as sementeiras já estavam feitas. Cultivava-se sobretudo trigo para pão e engorda de gado, cevada para cerveja, uva para vinho, fruta, vegetais e também linho para fazer roupa.

Os agricultores mondavam as sementeiras e regavam-nas por meio dos canais de irrigação. Em Março e Abril podiam-se fazer as colheitas. Depois, os cereais eram debulhados e armazenados. A terra era de tal modo fértil que por vezes se podiam fazer duas sementeiras antes do mês de Abril, início da estação quente e momento em que o rio começava a baixar. Assim, de Abril a Junho, os agricultores preparavam os canais e os diques antes da próxima inundação em Junho. Enquanto havia cheia, os homens trabalhavam nos projectos reais, como por exemplo na construção de pirâmides.

A maior parte da terra inundada pelas cheias era usada para sementeira. As únicas pastagens situavam-se no Delta e, portanto, no Alto Egipto o gado para alimentação era mantido em estábulos. Os Egípcios tinham carneiros, cabras, porcos, gansos, patos, macacos e, mais tarde, galinhas. Os gatos e os cães eram considerados animais de estimação e os cavalos foram introduzidos durante o período dos Hicsos.



Uma quinta próspera no Antigo Egipto. Os campos estão rodeados por valas, uma das quais abastecida por um canal. O trabalhador para transferir a água usa um shaduf *(cegonha), que consiste numa espécie de balde de couro preso a uma vara giratória com um contrapeso na extremidade. O* shaduf *ainda hoje é utilizado no Egipto. A casa, feita de tijolos de lama, tem janelas pequenas colocadas bastante acima para impedir a entrada do sol. O transporte faz-se por burros. Só mais tarde foram introduzidos os camelos.*

MEIOS DE TRANSPORTE

O Nilo era a via de comunicação mais importante; viajava-se pelo rio até onde este fosse navegável. As viagens por terra tornavam-se difíceis. Um homem abastado deslocava-se numa cadeira transportada aos ombros de servos e só muito raramente em carros puxados por cavalos, os quais eram os únicos veículos de duas rodas usados. Os menos abastados andavam a pé. As cargas pesadas eram transportadas em trenós e as mais leves em cestos carregados em burros. Os camelos só começaram a ser usados no último período; as longas caravanas que antes atravessavam o deserto eram constituídas por burros.

A África

Estas gravações em rocha, datadas da Idade da Pedra e originárias da Argélia, representam um leopardo e um avestruz. O lugar em que foram encontradas faz parte hoje do deserto do Sara. São a prova evidente de como parte da África se modificou, já que estes animais não podiam certamente viver em regiões desérticas.

a.C.	CRONOLOGIA
c.30000-10000	Espécies primitivas de homens africanos desalojados por povos caçadores ulteriores
6000-5000	Período de escultura e pintura em rocha
5000-1500	A agricultura estende-se para sul, a partir dos primeiros centros no Egipto e no Sudão. Cultiva-se o inhame (batata-doce) na África Ocidental
2000	Populações negras de agricultores e pastores começam a deslocar-se para sul das suas terras de origem, no Sara Meridional
c.1000	Povos com gado bovino e ovino povoam a região do vale do Rift, na África Oriental
500	Utilização do ferro pelo povo Nok
d.C.	
200-300	Estruturas de pedra sem argamassa no Zimbabwe

O vasto continente africano foi berço dos primeiros antepassados do homem.

Quer a agricultura, quer a grande civilização do Egipto, no Norte de África, floresceram em tempos remotos. Todavia, apenas no século IV a.C. surgiram mais a sul e a oeste algumas civilizações urbanas. A agricultura desenvolveu-se em algumas destas regiões por volta de 1500 a.C. Mas em muitas zonas da África a caça e o pastoreio, até recentemente, continuaram a ser o meio de vida mais satisfatório.

"Civilização", tal como a entendemos, não existia em muitas regiões da África, mas isso não implica que os povos fossem "selvagens primitivos". As complexas estruturas tribais, com os seus ritos, um rico reportório de lendas, música e arte, provam-no.

Os desertos, as densas florestas tropicais e as montanhas da África constituíam todos eles sérias barreiras à expansão da cultura e das ideias. No resto do Mundo, os continentes eram cruzados por rotas comerciais e os povos de uma civilização mantinham contactos com povos de outras civilizações. Mas a África, à excepção das costas do Mediterrâneo, não manteve praticamente quaisquer contactos com o resto do mundo antigo.

Entre cerca de 15000 e 10000 a.C., a África era muito mais fria do que na actualidade. Ulteriormente, o clima tornou-se cada vez mais quente e húmido; estas condições duraram até cerca de 2500 a.C. Encontraram-se no Sara pedras esculpidas que mostram que viviam ali muitos animais que proporcionavam boa caça. O lago Chade tinha cerca de oito vezes a extensão que tem hoje, sinal de como esta região deve ter sido mais fértil.

MEROÉ
A sul do Egipto situa-se o estado de Cuxe. A princípio foi suplantado pela grandeza do Egipto, mas, depois de 700 a.C., Cux começou a desenvolver-se como estado independente. Meroé, que passou a ser o seu centro, situa-se na junção de três rios, num ponto em que o Nilo é ainda navegável. Havia grandes reservas de minério de ferro e abundância de florestas que forneciam combustível para a fundição. Meroé era também uma escala na rota de caravanas que se dirigiam ao mar Vermelho. A riqueza da região patenteia-se nos templos de pedra decorados com esculturas. Estas e um tipo de pirâmide usado para túmulos reais denotam considerável influência egípcia. Durante muito tempo, Meroé manteve contactos comerciais com o Império Romano (ver página 52). No apogeu, dominou um território que se estendia para norte até à Primeira Catarata, fronteira sul do Egipto. Mas depois de 100 d.C. Meroé começou a declinar. No século IV sucumbiu sob a influência de Axum, na Etiópia, que mantinha contactos comerciais estreitos com os reinos árabes do mar Vermelho.

Por seu turno, os comerciantes que exerciam a sua actividade na costa ocidental da África quase não tinham relações com os povos que lá viviam. Os Cartagineses trocavam produtos alimentares por ouro, mas deixavam-nos em pilhas na praia, refugiando-se nos barcos quando os Africanos se aproximavam.



Cabeça Nok (500 a.C-200 d.C.)

Pouco conhecemos dos povos primitivos de África, exceptuando os utensílios de pedra e algumas gravações e esculturas em rochas. Além disso, há pouquíssimos vestígios da transição da vida de caçadores a agricultores. O trigo cultivava-se no Egipto há cerca de 4400 anos atrás e só cerca de 1000 anos mais tarde os agricultores primitivos, perto de Cartum, começaram a domesticar cabras. A partir daqui, a agricultura foi-se expandindo lentamente através do continente, demorando 2000 anos ou mais até atingir a África Ocidental. Não sabemos ao certo que espécie de plantas cultivavam; o inhame, provavelmente, abundava nas florestas equatoriais e há quem pense que o arroz já era cultivado em 1500 a.C. pelos agricultores que viviam nas margens do lago Níger. Mais para oriente, os pastores de gado bovino e ovino devem ter cultivado o milho miúdo.

A Idade do Ferro em África

A mutação mais decisiva em África foi de longe a introdução do ferro, em 400 a.C., a sul do Sara. Os Nok, povo do Norte da Nigéria, viveram entre 500 a.C. e 200 d.C. Eram hábeis ferreiros e também tinham artífices especializados que fabricavam belas figurinhas de barro.

O uso do ferro é um indício de que os povos africanos tinham muito maior controle sobre o meio ambiente. Os utensílios de ferro permitiam cortar a madeira muito mais facilmente e desbravar novas terras para cultivo. As armas de ferro tornaram os guerreiros mais fortes e podiam também ser usadas para a caça. Claro que alguns povos se tornaram poderosos, tais como os construtores da grande cidade de pedra de Zimbabwe, que se deslocaram para a região por volta de 300 d.C. Embora pouco saibamos acerca do modo de vida destes povos, sabemos que eram hábeis construtores, ceramistas e mineiros de ouro, mas desapareceram muito antes de os Europeus terem começado a explorar o interior de África.

Creta e Micenas



O mar Egeu é uma parte do mar Mediterrâneo situada entre a Grécia continental e a costa ocidental da Anatólia. A nordeste confina com o mar Negro pelo estreito canal dos Dardanelos, que separa a Europa da Ásia. O Egeu está semeado de um grande número de ilhas montanhosas. A maior, Creta, fica a cerca de 96 km a sudeste da Grécia.

As ilhas e as regiões costeiras do Egeu têm muito em comum. Em todas existem planícies estreitas e férteis que confinam com o mar, e para além delas elevam-se montanhas escarpadas. Em todo o Egeu, especialmente na Grécia, há baías pronunciadas que proporcionam excelentes portos naturais.

Os Minóicos de Creta

Entre 2000 e 1450 a.C. a ilha de Creta representou o ponto mais importante do mar Egeu. A ilha, densamente arborizada, era a maior e a mais fértil da região. Caça selvagem e peixe do mar, e também os cereais, as uvas, de que se fazia vinho, e as oliveiras proporcionavam aos habitantes abundância de alimento.

Esta facilidade de subsistência permitiu o desenvolvimento da arte. Em 4000 a.C. os habitantes de Creta (chamados Minóicos devido ao lendário rei Minos) já usavam obsidiana da ilha de Melo para o fabrico de lâminas afiadas para utensílios e armas, provavelmente comercializados com o Egipto e outras regiões do Norte de África, em troca de peças de cerâmica. Quando, aproximadamente em 3000 a.C., se divulgou o uso do cobre, Creta começou a importar de Chipre lingotes de metal, exportando por sua vez maravilhosa cerâmica pintada, selos de pedra gravada e têxteis. Mais tarde, os objectos de bronze passaram também a ser fabricados para exportação.

Creta prosperou devido ao comércio com o Egipto, o mar Egeu e a Anatólia (Ásia Menor). Os seus marinheiros contavam-se entre os mais experientes e hábeis de todo o Mediterrâneo. Em lugares como Cnossos, Malia e Faístos desenvolveram-se grandes centros chamados "palácios", os quais incluíam salas para habitação, pátios, armazéns e oficinas, além de santuários religiosos. Os palácios eram também centros de armazenagem e distribuição de produtos, tais como cereais e azeite e, provavelmente, as matérias-primas que os artífices trabalhavam.

Quem vivesse nestes palácios controlava não apenas a vida em Creta, mas ainda a rede comercial espalhada por todo o mar Egeu. O facto de os palácios não serem fortificados demonstra que não temiam ataques exteriores.

Subitamente, porém, tudo acabou. Ninguém sabe ao certo qual a razão, mas alguns historiadores relacionam o facto com uma terrível explosão vulcânica ocorrida no ano de 1450 a.C., na ilha de Tera. A seguir, uma enorme onda deve ter destruído a maior parte dos barcos de comércio cretenses, de que dependia toda a riqueza. O que quer que tenha acontecido, a verdade é que os grandes palácios foram abandonados, excepto o de Cnossos, que durante um breve período foi habitado pelo povo dos Micénios do Norte do mar Egeu.

a.C.	CRONOLOGIA
c.6000-5000	Primeiros aglomerados populacionais em Creta
c.3000-2000	Aldeias construídas em pedra nas costas de Creta. Contactos comerciais com o Egipto, Levante, Cíclades e Anatólia
1900-1450	Construção e ampliação de palácios. Auge da civilização cretense. Artífices cretenses produzem as suas melhores obras
1650-1450	O poder dos Gregos (Micénicos) aumenta em centros como Micenas e Pilos
1450	Queda do poder de Creta. Cnossos ocupada pelos Micénicos
1220?	Destruição de Tróia, segundo a lenda grega
c.1150-1100	Colapso da civilização micénica. Extinção da escrita linear B. Começo da Idade das Trevas na Grécia



Porta dos Leões em Micenas (c. 1250 a.C.)

Broche minóico (1500 a.C.)

Vaso de beber, minóico, em forma de cabeça de touro (1500 a.C.)

À esquerda: reconstrução hipotética do Palácio de Cnossos — uma grande área de edifícios, pátios e escadarias interligados. À volta de uma série de grandiosas salas havia câmaras onde se armazenavam, em filas, grandes talhas com cereais e azeite; além disso, havia ainda oficinas de artífices especializados.

Em baixo: Sala do Trono do Palácio de Cnossos. Tanto o trono como as magníficas pinturas murais (bastante restauradas) datam do tempo da ocupação de Creta pelos Micénicos. Mas em muitos edifícios minóicos foram encontradas pinturas murais ainda mais antigas.

Os Micénicos

Enquanto o império comercial de Creta se encontrava no seu apogeu, povos de língua grega viviam em cidades, nas costas do continente grego. Os historiadores chamam "micénicos" a estes povos, por terem sido encontrados em Micenas os seus primeiros vestígios.

As cidades micénicas floresceram de uma forma geral perto da costa por dois motivos principais: primeiro, porque a terra aí era mais fértil e situava-se numa estreita faixa costeira que orlava o interior montanhoso; depois porque as montanhas tornavam as viagens por terra muito mais difíceis que por mar. Estas cidades fortificadas dominavam os férteis campos vizinhos. Cada uma tinha o seu ponto forte (cidadela), por exemplo uma colina íngreme, onde, em tempo de guerra, toda a população se refugiava.



Quem eram os Micénicos? Esta pergunta constitui ainda hoje uma interrogação. É possível que povos da Anatólia se tenham deslocado para a Grécia por volta de 1900 a.C., mas a civilização micénica também manteve contactos com a cultura grega primitiva e pensa-se que se terá desenvolvido gradualmente entre 1900 e 1600 a.C. Nesta altura, os Micénicos mantinham contactos comerciais no mar Egeu, embora Creta continuasse a ser a principal potência comercial.

Depois da queda de Creta, estabeleceram-se postos comerciais e populacionais numa vasta região, desde a Sicília, no Sul da Itália, até à costa da Síria. Havia também contactos estreitos com Tróia, região rica em cereais, na embocadura do mar Negro.

Contudo, depois de 1300 a.C., o comércio no Mediterrâneo Oriental declinou subitamente, por razões que desconhecemos. Deve ter sido uma época de perigos crescentes, pois as cidadelas de Micenas, Tirinte e Atenas encontravam-se agora fortificadas com sólidas muralhas de pedra. Por volta de 1200 a.C. toda a região viveu uma fase de violentas perturbações. Vários centros na Grécia, na Ásia Menor e no Próximo Oriente foram saqueados e queimados. Nesta altura, pequenos bandos de piratas e aventureiros (talvez relacionados com os Povos do Mar dos escritos egípcios) devastam o Sudeste do Mediterrâneo. Devem ter contribuído para o declínio da região, ou então apareceram durante a crise económica que se lhe seguiu. Quaisquer que tenham sido as causas, houve de facto um período de caos em que a civilização micénica da Idade do Bronze desapareceu, passando a ser apenas vagamente recordada nas lendas.



À direita: máscara de ouro martelado, descoberta num túmulo real, em Micenas. Muitos objectos em ouro e prata eram colocados nos túmulos dos governantes micénicos. O artesanato mosta que houve contactos com o Próximo Oriente e com Creta.



Círculo de sepulturas do Palácio de Micenas. O palácio, que dominava vastas áreas circundantes, estava solidamente fortificado e tinha o seu próprio abastecimento de água.



Punhal micénico de bronze embutido, que representa uma cena da caça ao leão. Os caçadores empunham escudos altos, iguais aos descritos na Ilíada de Homero, poema do século IX que conta a lendária destruição de Tróia.

O Mundo em 1500 a.C.

No Sudeste do Mediterrâneo, o Egipto constitui um poder imperial e comercial extremamente próspero; os seus contactos comerciais incluem os Minóicos, de Creta, e os Micénicos, do continente grego. Na Mesopotâmia, os Cassitas dominam Babilónia, enquanto a Assíria é vassala do estado vizinho dos Mitânios. Os Hititas dominam a Anatólia (Ásia Menor). O uso do bronze difunde-se. Na China começa o primeiro período histórico, a dinastia Chang; no Norte da Europa erguem-se as últimas grandes estruturas megalíticas enquanto no continente americano se desenvolve a agricultura e se constroem no Peru os primeiros centros religiosos.

3 Norte da Europa e Escandinávia. Início da Idade do Bronze. Ferreiros fabricam armas, ornamentos maravilhosos, muitas vezes profusamente decorados.

Cabeça de cerâmica, México

Figura feminina, de cerâmica, Equador

Stonehenge, Inglaterra

1 México e Guatemala. As aldeias são grandes e fabricam-se maravilhosos vasos e estatuetas de cerâmica.

2 Peru. Os templos de pedra são decorados com baixos-relevos; as aldeias agrícolas da zona costeira prosperam.

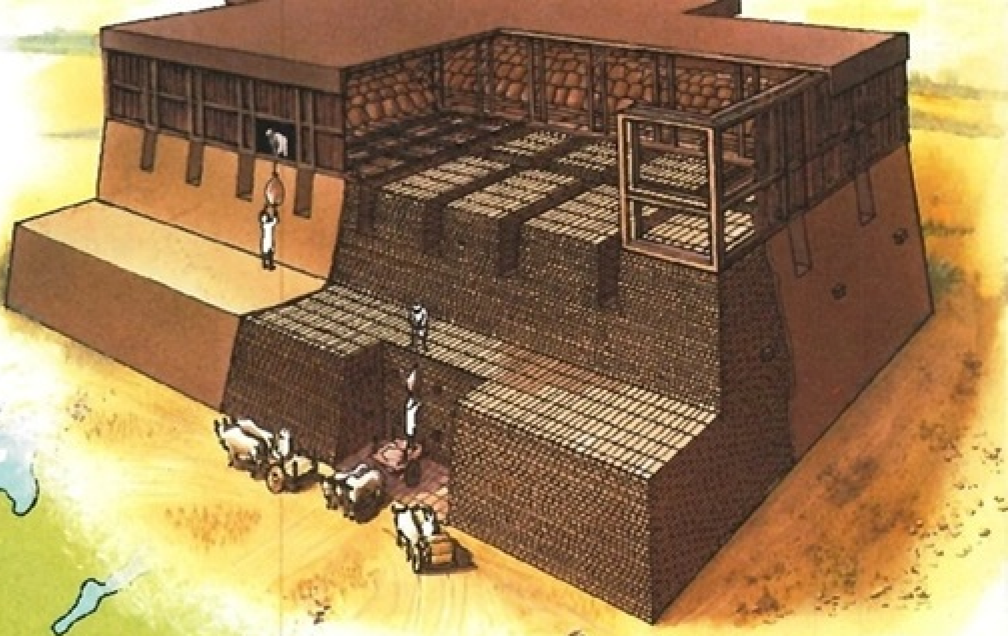
4 Bretanha e Europa Ocidental. Início da Idade do Bronze Média. Termina a construção de Stonehenge e realizam-se magníficos trabalhos de ouro.

5 Grécia. Os Micénicos, vivendo em cidadelas fortificadas, rodeadas por terras de cultivo, prosperam graças ao comércio e à guerra. Dentro dos túmulos encontram-se tesouros impressionantes.

Exploração de uma mina de cobre nos Alpes Austríacos no século XII a.C. Nessa altura não havia explosivos para abrir túneis. Em vez disso, acendia-se uma fogueira junto às rochas e quando estas já estavam quentes lançava-se água fria para as fender. Depois de apagadas as fogueiras, os mineiros retiravam com picaretas de bronze o minério da rocha fendida. Uma vez fora da mina, o minério era triturado e lavado para depois ser fundido em fornalhas aquecidas com madeira das florestas vizinhas.



Por volta de 1500 a.C., a primeira civilização indiana, fundada no vale do Indo, tinha desaparecido. Escavações efectuadas nos grandes centros de Harappa e Mohenjo-Daro mostraram a sua excelente organização. À direita está representada uma reconstituição do imenso silo do Estado em Mohenjo-Daro, para o qual os agricultores traziam cereais.



Escultura de pedra, Suécia

Deus hitita, Anatólia

Cabeça de touro de bronze, Micenas

Figura de Tutancamon, Egipto

Cabeça do vale do Indo

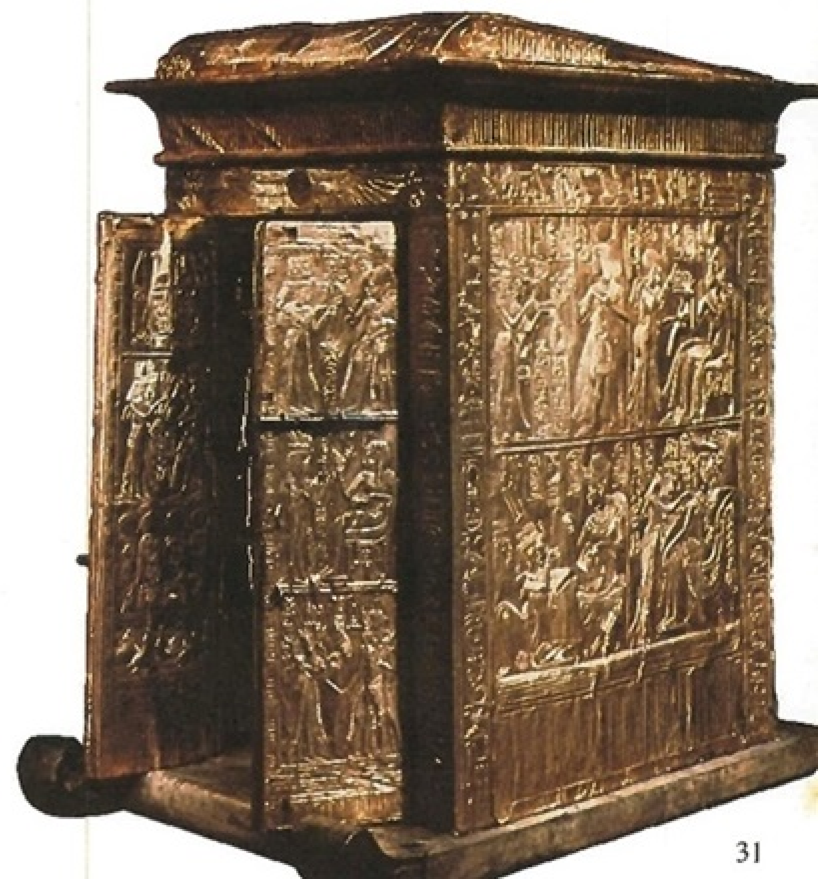
Vaso de bronze chinês

7 Anatólia. Os Hititas governam um vasto império centrado em Harusa (Boghazköy) e usam carros de guerra puxados por cavalos.

11 China. Início da Dinastia Chang. Ossos de oráculo testemunham a existência de um sistema de escrita. Fabricam-se bronzes maravilhosos e usam-se carros na guerra.

10 Índia. A civilização do vale do Indo, com as suas magníficas cidades organizadas, fragmentou-se por volta de 1750. Até então não houve civilização que se lhe comparasse.

Sarcófago de ouro de Tutancamon, faraó criança que reinou no século XIV a.C. O seu túmulo no Vale dos Reis, perto de Tebas, continha tesouros fabulosos que evidenciam a imensa riqueza do Egipto nesta altura.



8 Creta. Palácios luxuosos como o de Cnossos são testemunho de uma civilização próspera, baseada no comércio de produtos agrícolas. Esta civilização desaparece por volta de 1450, talvez devido a uma erupção vulcânica. Durante 50 anos, os Micénicos ocupam Cnossos, até sucumbirem a uma catástrofe desconhecida.

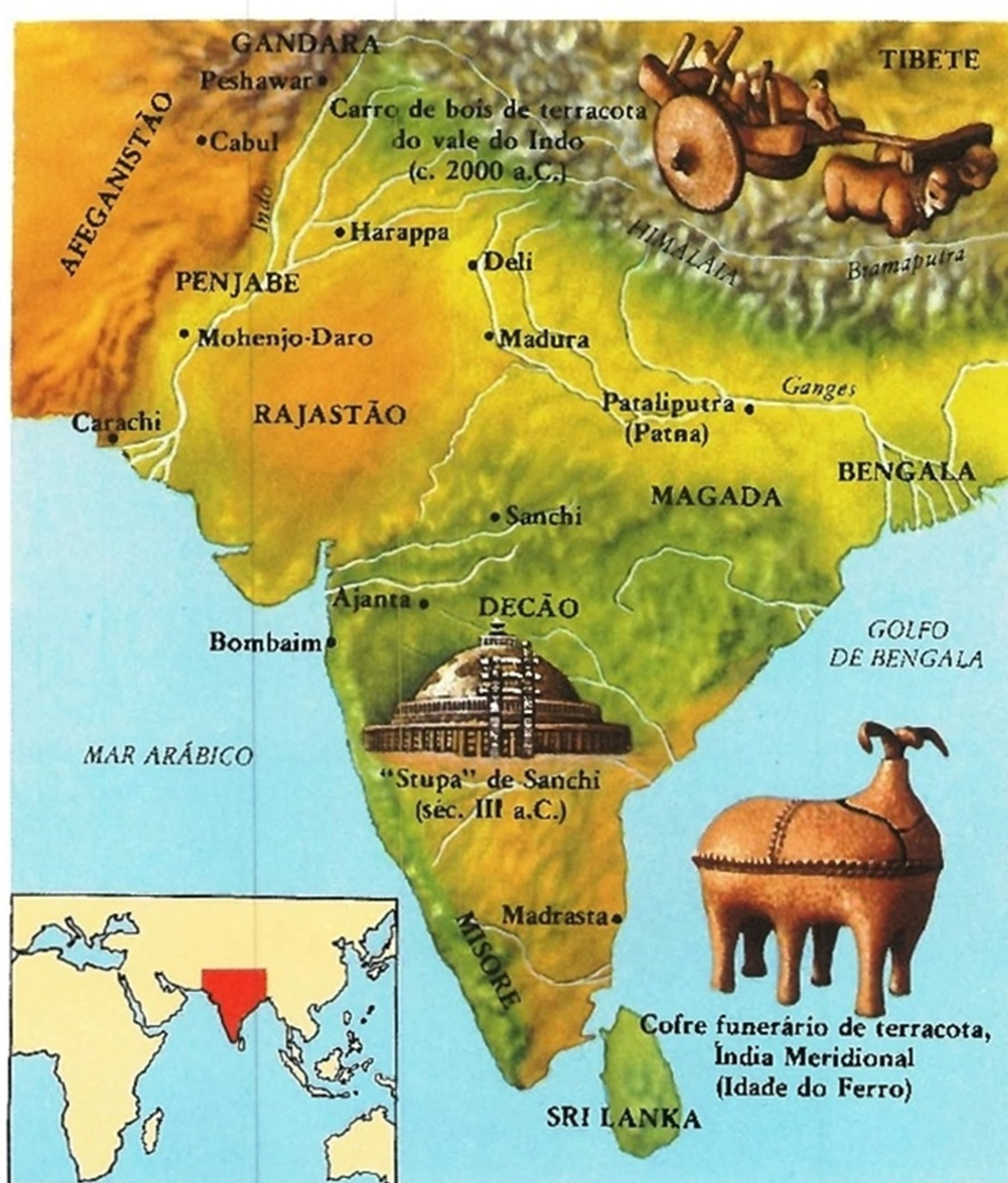
6 Egipto. Império Novo; o Egipto torna-se um poder imperial. Os faraós são sepultados no Vale dos Reis, tal como Tutancamon, um faraó criança, em cujo túmulo se encontram valiosíssimos objectos que evidenciam a riqueza do Egipto de então.

9 Mesopotâmia. Os Cassitas dominam Babilónia e mantêm relações comerciais com o Egipto, importando ouro em troca de lápis-lazúli.

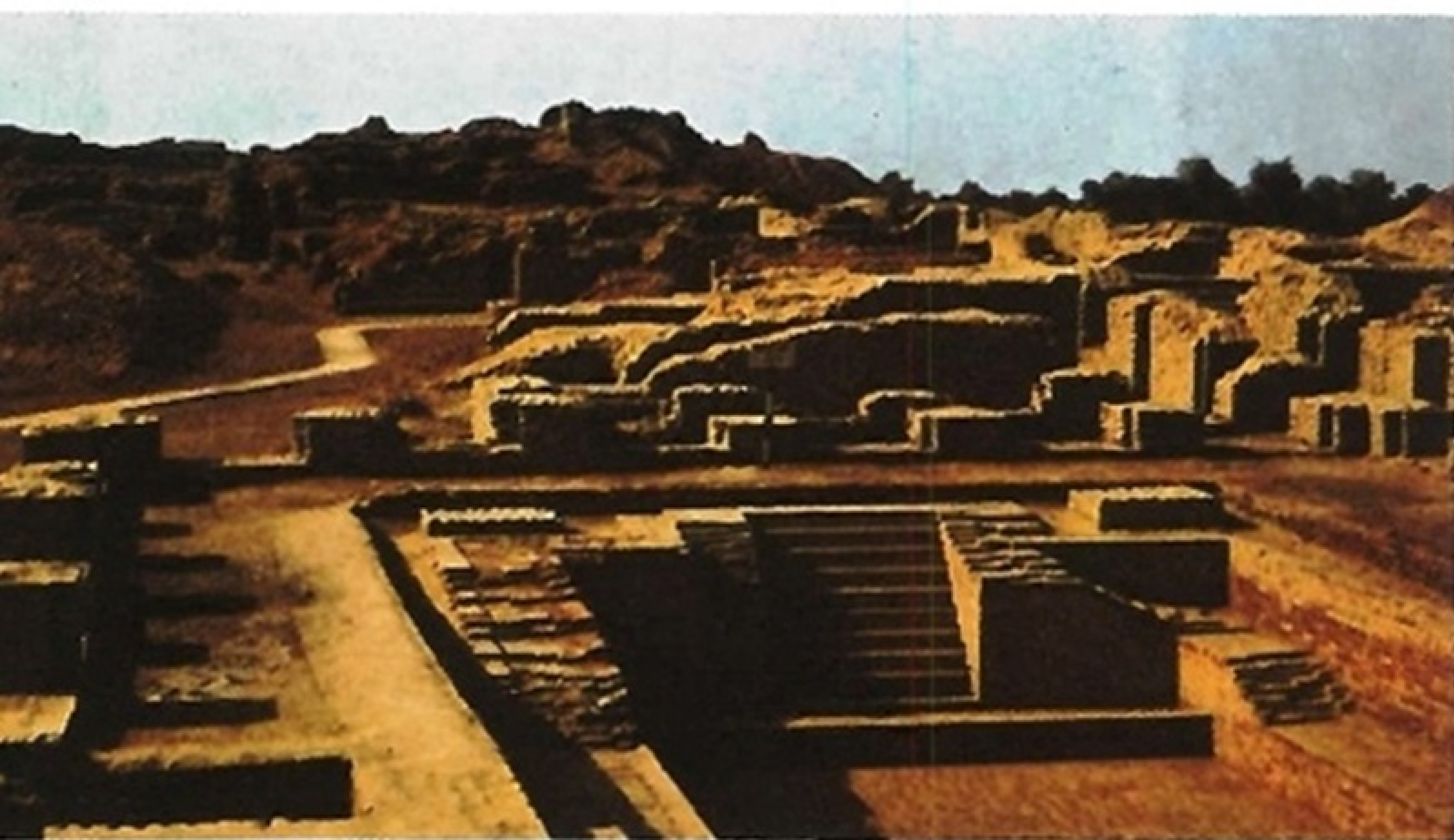
A Índia

O subcontinente indiano é um enorme triângulo destacando-se a sul da Ásia. A nordeste eleva-se a imensa cordilheira do Himalaia, a noroeste os altos desfiladeiros das montanhas que conduzem ao Afeganistão e ao Irão. A maior parte da Índia é um planalto elevado, o Decão, rodeado por montanhas. Entre as montanhas do Norte e o Decão estendem-se vastas planícies muito férteis, irrigadas por rios. A oriente fica a planície do Ganges, e a ocidente a planície do Indo, com os seus quatro afluentes, conhecida por Penjabe, ou Terra dos Cinco Rios.

A Índia tem grandes variações locais de clima e flora; todavia, no geral, durante sete meses no ano é muito seca. Chove sobretudo durante os meses de Junho e Setembro, devido a um vento quente vindo do sudoeste, chamado "monção".



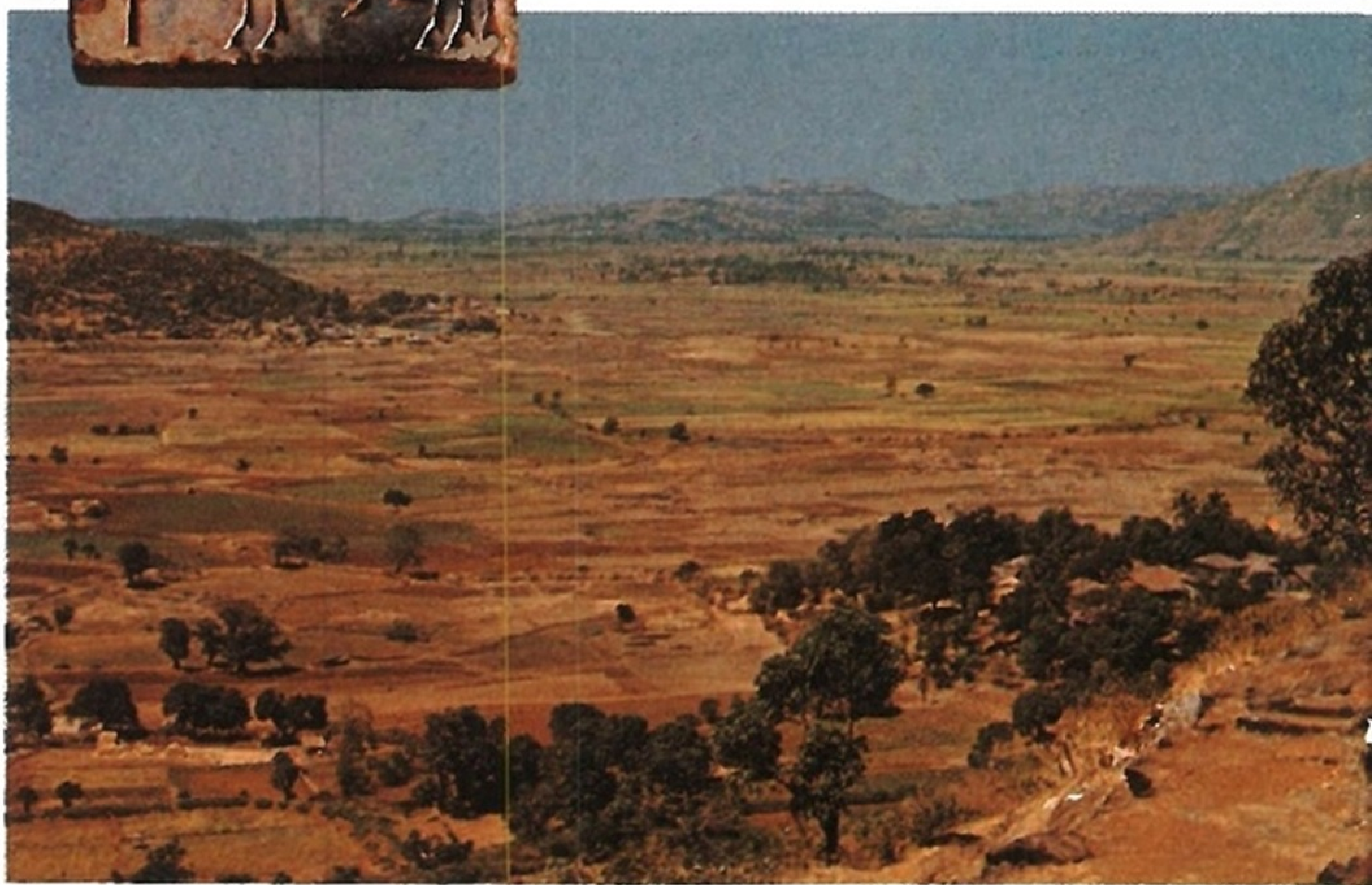
Em Mohenjo-Daro havia um complicado sistema de irrigação e drenagem. Pensa-se que este edifício, conhecido por o Grande Balneário, deve ter estado de algum modo ligado a cerimónias religiosas.



Em baixo: selo de pedra representando um búfalo domesticado e uma escrita ainda hoje por decifrar. Selos como este devem ter sido usados pelos administradores. Em baixo: a civilização da Índia floresceu em planícies como esta. O solo é fértil, mas persiste a ameaça das inundações.

a.C.	CRONOLOGIA
c.2500-1750	Civilização do vale do Indo
c.1500-1000	Primeiro Período Ariano (védico) no vale do Ganges
c. 600	Primeiras cidades no vale do Ganges
563	Nascimento de Buda
533	Os Persas invadem a Índia
c. 550-342	Império Magada no Nordeste da Índia
326	Invasão da Índia por Alexandre, o Grande
324-187	Império Mauria
187-75	Dinastia Sunga no Norte da Índia
c.100 a.C.- -200 d.C.	Os Andras dominam a Índia Central
d.C.	
15-300	Os Cuxanas governam o Norte da Índia
320-535	Os Guptas governam o Norte da Índia





A civilização do vale do Indo

A primeira civilização da Índia floresceu no fértil vale do Indo, cerca de 2500 a.C. Até ao século XX nada se sabia acerca dela, à excepção de vagas lendas, registadas pelos povos que habitaram a região muitos séculos mais tarde. Recentemente os arqueólogos descobriram vestígios de duas grandes cidades, Mohenjo-Daro e Harappa, e de mais de 100 cidades de menor importância e algumas aldeias.

A população do vale do Indo dependia de um enorme sistema de diques e canais que controlavam as violentas cheias do rio, proporcionando um aproveitamento das águas na estação seca. Podiam-se assim cultivar enormes extensões de terra que alimentavam uma grande população. Os agricultores cultivavam o trigo e a cevada e foram os primeiros a produzir algodão. Criavam gado bovino, tinham búfalos e pensa-se que domesticavam elefantes para os trabalhos pesados. Nas cidades, os artífices trabalhavam o ouro e o cobre importado do Afeganistão e do Rajastão, fabricavam peças maravilhosas de cerâmica e eram peritos na escultura do marfim. O comércio por terra e por mar ligava o vale do Indo ao Irão, à Mesopotâmia e até ao Mediterrâneo Oriental. Todavia, apesar de toda esta riqueza e de uma excelente administração, a civilização do Indo sucumbiu por volta de 1750 a.C. Algumas cidades foram arrasadas e a população foi massacrada.

AS CIDADES DO VALE DO INDO

Os dois grandes centros da civilização do vale do Indo foram Mohenjo-Daro e Harappa, a cerca de 600 km uma da outra. Nestas cidades viviam os governantes, mercadores, artífices e negociantes. A alimentação dependia dos agricultores que transportavam os cereais em carros de duas rodas puxados por bois, para depois serem armazenados nos enormes celeiros da cidade. Ambas as cidades tinham um traçado rectangular com blocos separados por amplas ruas. Esses blocos eram constituídos por casas de tijolo, que davam para pátios interiores. As casas, por sua vez, estavam separadas por ruas estreitas, com filas de tendas.

Cada cidade era dominada por uma plataforma elevada e fortificada, onde se construíam enormes celeiros de tijolo, casas comunitárias e provavelmente templos. Havia excelentes sistemas de drenagem e um grande número de fontes públicas que proporcionavam abastecimento constante de água.



Capitel de pedra polida pertencente a um dos muitos pilares erigidos por ordem do grande imperador Asoca no século III a.C.

O vale do Ganges

Durante várias centenas de anos, novos povos vindos do Ocidente, os Arianos, deslocaram-se para a região do vale do Indo. Foram provavelmente esses povos os causadores da queda definitiva da civilização do Indo, por volta de 1750 a.C.

Os descendentes dos Arianos foram-se espalhando lentamente para oriente, para o vale do Ganges. Falavam uma língua indo-europeia, remotamente relacionada com o grego, o hitita e o persa. Por volta de 1000 a.C., a população do vale do Ganges aprendeu a fundir minério de ferro e a fabricar utensílios e armas com este metal.

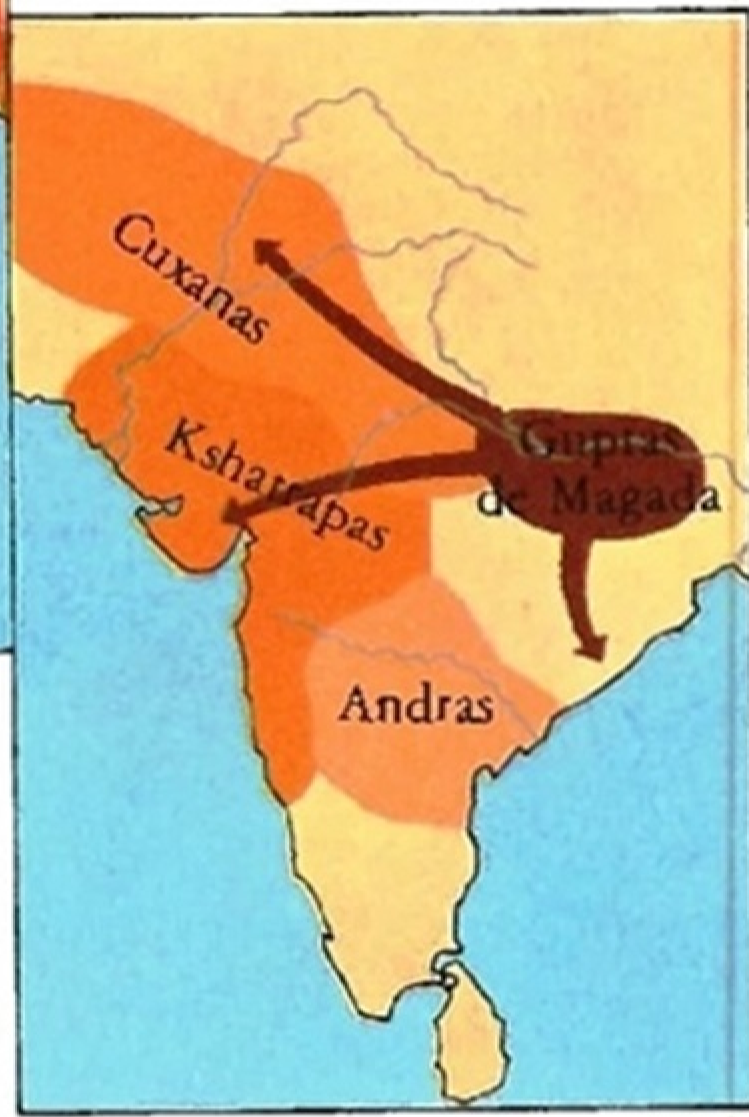
Por volta do século VI a.C., desenvolveram-se grandes cidades no lugar onde, na Idade do Ferro, tinham existido aldeias. As casas eram construídas de tijolo e pedra e rodeadas por altas muralhas e um fosso. Tal como as cidades-estados independentes da Grécia, estas cidades controlavam as terras de cultura que se situavam à volta. As cidades do Ganges estavam muitas vezes em guerra, mas, pouco a pouco, Magada tornou-se mais poderosa que as cidades vizinhas, passando a governar um imenso reino no Nordeste. Mais tarde, ficou sob o domínio da dinastia Mauria, que unificou praticamente toda a Índia. Asoca (273-232 a.C.), o maior dos imperadores maurías, estabeleceu a paz e a ordem no seu imenso império. Contudo, 50 anos depois da sua morte, o império desmembrava-se.



A civilização do vale do Indo durou de 2500 a 1750 a.C. Depois do seu declínio, os povos "arianos" deslocaram-se para oriente, para o vale do Ganges (1500-1000).



Depois das invasões da Pérsia (533 a.C.) e de Alexandre (327) a dinastia Mauria (324-187) assumiu o controle de grande parte da Índia. Com Asoca (273-232) atingiu o seu auge.



Em 150 d.C., a Índia encontrava-se dividida em três grandes impérios: o Cuxana, e o Kshatrapa e o Andra. Foram integrados no Império Gupta (320-535), com centro em Magada.

Os Andras

No Decão, uma das primeiras tribos vassalas, os Andras, foi-se tornando cada vez mais poderosa. No século II d.C., dominavam a Índia Central de lés a lés. Os Andras construíram magníficas *stupas*, monumentos budistas, decorados com belas esculturas de pedra. Também eram exímios escultores de marfim, e algumas peças chegaram a Pompeia, no Sul de Itália. Nesta altura, a cultura hindu desenvolvia-se na Índia Meridional e no Sri Lanka, onde a influência estrangeira não se fazia sentir.

OS INVASORES DO OCIDENTE

O Norte da Índia é cercado por cordilheiras. A oriente situam-se os Himalaias, quase intransponíveis, mas, a ocidente, os desfiladeiros atravessam as montanhas entre a Índia, o Afeganistão e a Pérsia. Esta situação fez com que o Noroeste da Índia estivesse em contacto muito mais estreito com o mundo ocidental do que com o Extremo Oriente.

Em 533 a.C., o rei Ciro II da Pérsia invadiu o Penjabe. Dois séculos mais tarde, Alexandre, *o Grande*, rei da Macedónia, invadiu o Noroeste da Índia, mas os seus exércitos depressa foram expulsos. Nos primórdios do século II, os Gregos do reino da Bactriana ocuparam porém o Norte da Índia até Pataliputra, a oriente. Em seguida, vieram os Citas (conhecidos por Sacas) e, depois, os Cuxanas, da Ásia Central, que conquistaram o Norte e grande parte da Índia Central. No século V d.C., os hunos brancos também utilizaram os desfiladeiros para invadirem o território.



Este relicário (recipiente para objectos sagrados) é oriundo da província de Gandara, no Noroeste da Índia, que fez durante pouco tempo parte do império de Alexandre, mas onde a influência grega perdurou muito depois da sua morte. Quatro séculos mais tarde, quando este relicário foi feito, as figuras laterais patenteiam ainda uma mistura de estilos indiano e grego. Os artífices de Gandara eram excelentes escultores da pedra e também trabalhavam primorosamente o ouro e as pedras preciosas. As pedras deste relicário são rubis.

A Anatólia

A Anatólia, também conhecida por Ásia Menor, é uma vasta península que se projecta para ocidente do continente asiático. A norte fica o mar Negro e a sul a parte mais oriental do Mediterrâneo. À entrada do mar Negro situam-se os estreitos do Bósforo e dos Dardanelos. Esta é a parte da Ásia mais próxima do continente europeu e, por isso, a Anatólia sempre foi um elo de ligação entre o Oriente e o Ocidente.

A Anatólia é uma região muito diversificada: a zona costeira tem clima mediterrânico, com Verões quentes e secos e Invernos frios e húmidos, mas nas montanhas do interior os Invernos são muito frios e os Verões extremamente quentes. Na região central situa-se o elevado planalto da Anatólia e a sudeste as altas montanhas do Tauro separam a Anatólia da Síria.



A Anatólia era rica em cobre, ouro, prata e ferro e possuía técnica avançada na transformação destes metais. Mantinha contactos comerciais intensos com o resto do Próximo Oriente, mas a região montanhosa constituía uma barreira à conquista fácil.



Os primeiros agricultores

A história da Anatólia é complexa devido aos diferentes povos que a habitaram. As cadeias montanhosas dificultavam as comunicações, de modo que o progresso de uma região não era facilmente acompanhado pelas outras. Até ao aparecimento dos Hititas, por volta de 1700 a.C., temos apenas ideias vagas do que se terá passado na região.

A partir aproximadamente de 8000 a.C., é evidente que a agricultura era praticada em aldeias da região montanhosa, na Anatólia Oriental. Contudo, só começou a haver criação de gado por volta de 6000 a.C. Para além da agricultura havia também um antigo comércio de obsidiana da Anatólia e sílex da Síria. Estas pedras eram usadas no fabrico de utensílios e de armas. Mais tarde desenvolveu-se a comercialização de outros recursos naturais, como o cobre e talvez a prata. Entre 3000 e 2000 a.C., houve na Anatólia um importante progresso na utilização do bronze.

ÇATAL HÜYÜK

Entre 6000 e 5000 a.C., mais de 5000 habitantes viviam em Çatal Hüyük, na Anatólia Central. Cultivavam o trigo, a cevada e os vegetais. Tinham carneiros e cabras e caçavam o auroque (boi selvagem), veados e javalis. A prosperidade de Çatal Hüyük só em parte se devia à agricultura. Provavelmente controlava o comércio de obsidiana, vidro vulcânico duro, utilizado pelos artífices no fabrico de utensílios cortantes e de armas de guerra. Havia também exímios carpinteiros e tecelões.

Çatal Hüyük é uma das primeiras cidades de que temos conhecimento, não apenas na Anatólia, mas em todo o Mundo. Contudo, não foi o berço de uma verdadeira civilização urbana e até hoje desconhece-se a razão deste facto.



As casas em Çatal Hüyük eram construídas em terraços à volta de pátios; não havia ruas e entrava-se pelos terraços e por meio de escadas. As casas eram construídas em tijolos sobre uma estrutura de madeira. Muitas destas casas devem ter servido de santuários. As paredes eram decoradas com pinturas de abutres e de seres humanos sem cabeça, além de figuras modeladas de animais, entre as quais as de leopardos, que devem ter sido considerados animais sagrados.

Esta vista de um zona de Hatusa, antiga capital hitita, mostra a fertilidade dos vales da região.

Vaso de beber, de ouro, ou ritão, fabricado por artífices da Trácia no século III a.C. Os Trácios viviam no Sudeste da Europa e em parte da Anatólia. Não construíram grandes cidades, mas os seus chefes viviam em acampamentos fortificados, rodeados de guerreiros. Reconheceram um único rei que era também supremo sacerdote. Os artífices eram famosos pela perfeição e beleza dos trabalhos em metal.





a.C.	CRONOLOGIA
c.3000-2000	Princípio da Idade do Bronze na Anatólia. Ligações com o Egeu e o Norte da Síria
2000	As cidades-estados reconhecem um grande príncipe como chefe supremo
c.1650-1460	Antigo Império Hitita. Os exércitos, usando carros de combate puxados por cavalos, conquistam o Norte da Síria e invadem a Mesopotâmia
1460-1180	Segundo Império Hitita
c.1200	Os Hititas são subjugados pelos Frígios do Norte. As províncias hititas do Norte da Síria mantêm-se até ao século VIII
c.1000	Fundação das cidades gregas no Egeu. Colonização posterior das costas do mar Negro
c. 900	Anatólia Ocidental dividida em pequnos reinos, entre os quais a Lídia, que se expande, vindo a anexar grande parte da Anatólia Central
545	Ciro, o Grande, da Pérsia conquista a Lídia e domina as cidades gregas da costa ocidental da Anatólia

Os Hititas

Por volta de 2000 a.C., vários povos indo-europeus, talvez vindos de nordeste, deslocaram-se para a Anatólia. Entre eles contam-se os Hititas, que se fixaram provavelmente na Anatólia. Pouco se sabe sobre este período, mas parece certo que por volta de 1700 a.C. os Hititas já dominavam uma região à volta da capital, Hatusa.

Os Hititas expandiram-se para ocidente, através da Anatólia, e também para sul, até à Síria, o que originou conflitos com o Império Egípcio. Depois de uma série de guerras, o Egipto reconheceu o Império Hitita como o grande poder do Norte.

A este, o Estado Hurrita dos Mitânios e mais tarde os Assírios ameaçaram os Hititas. A oeste, os Estados de Arzawa e Ahhiyawa (que alguns pensam ser gregos micénicos) desafiavam o controle hitita das rotas comerciais. Em 1200 toda a região foi lançada na confusão pelas incursões dos Povos do Mar. Os hititas da Anatólia desapareceram da história. Apenas na Síria se mantiveram províncias hititas durante mais 500 anos, até sucumbirem, no séc. VIII a.C., ao poder assírio.

Novos governantes

Depois da queda do poder hitita, a Anatólia foi ocupada primeiro pelos Frígios e depois, por volta de 700 a.C., pelos Cimérios. Na mesma altura, os pequenos principados da Lídia, Lícia e Cária, que tinham sido dominados pelos Hititas, foram-se tornando mais poderosos. Os Lídios tinham bastante ouro de aluvião (arrastado pelas águas fluviais) e no século VI o governante Creso tornou-se lendário pela sua riqueza. Mas foi derrotado por Ciro, *o Grande*, da Pérsia, e a Anatólia passou a fazer parte do Império Persa.

Urartu

Na confusão que se seguiu à queda dos Hititas fundaram-se novos Estados. Urartu (a Ararat da Bíblia) era constituída por vários reinos pequenos. O seu território estendia-se desde o Leste da Anatólia até às estepes da Rússia Meridional, a nordeste. Os reis de Urartu construíram cidades fortificadas para se defenderem dos ataques dos Citas, nómadas vindos das estepes. Grandiosas obras de engenharia traziam a água para irrigar os campos. Os agricultores de Urartu criavam gado e tinham grande variedade de sementeiras. As indústrias principais eram a tecelagem do linho e de outros materiais.

Durante muito tempo, Urartu constituiu um forte obstáculo à expansão do Império Assírio. Mas, no século VI a.C., caiu finalmente em poder dos Medos e dos Citas, que se tinham unido.

AS CIDADES GREGAS DA ÁSIA

Existiram cidades gregas, fundadas no século X, nas costas do mar Egeu e nas ilhas ao longo da costa ocidental da Ásia Menor. Nas costas do mar Negro também havia colónias gregas, fundadas nos séculos VIII e VII. Cultivavam-se os cereais nas férteis terras à sua volta. Algumas das cidades, como Mileto e Éfeso, tornaram-se ricas e poderosas. Mantinham estreitas ligações umas com as outras, devido ao comércio, à língua e a tradições comuns. Todavia, a sua independência foi frequentemente ameaçada por poderosos governantes da Ásia Menor, primeiro os Lídios e depois os Persas.

As Cidades Gregas

A Grécia é uma península acidentada que, a sudeste do continente europeu, penetra pelo Mediterrâneo. Tem Verões quentes e secos e Invernos frios e chuvosos. Actualmente as montanhas são nuas e pedregosas, mas na Grécia antiga estavam cobertas de densas florestas.

Nessa época a Grécia era mais fértil do que hoje. Mesmo assim, as zonas férteis eram entrecortadas por montanhas. Havia pequenas áreas de cultivo entre o mar e as montanhas, no fundo de vales estreitos e ventosos. As regiões mais férteis situavam-se na Grécia Central entre Atenas e Tebas e no interior da península meridional da Grécia, o Peloponeso.

As montanhas constituíam barreiras que dificultavam o tráfico terrestre e, por isso, desenvolveram-se pequenos estados isolados, muito dependentes do mar para o contacto com o mundo exterior. À medida que o tempo foi correndo e a população aumentando, estes estados tornaram-se cada vez mais dependentes do comércio, pois a agricultura era insuficiente para alimentar a população crescente.



A Acrópole de Atenas. Originariamente o ponto fulcral defensivo da cidade, esta saliência rochosa tornou-se o símbolo do poder e do prestígio de Atenas. No século V a.C., a Acrópole era um magnífico conjunto de santuários e templos. O mais famoso de todos era o Pártenon, dedicado a Atena, a deusa da cidade.

O florescimento das cidades-estados

As cidadelas bem fortificadas dos Micénicos, o seu sistema social e a sua cultura acabaram por sucumbir, por volta de 1100 a.C. Durante 200 anos, a maior parte da Grécia tornou-se uma região de povoações rurais dispersas, governadas por chefes locais. O tipo de população modificou-se e o número de pessoas aumentava cada vez mais. A Ática, a Eubeia e as Cíclades eram os centros com maior densidade populacional e alguns habitantes do continente grego fixaram-se em Chipre.

Por volta do século X a.C., os Gregos tinham-se estabelecido na maior parte das ilhas do Egeu e nas costas da Anatólia (Ásia Menor), com cidadelas *(poleis)* para protecção das terras de cultivo. Estas colónias mantinham contactos comerciais com o Próximo Oriente e foram mais tarde a pátria de alguns dos maiores pensadores e cientistas gregos.

Os Gregos aprenderam provavelmente a escrita alfabética dos Fenícios. À medida que esta se difundia, os Gregos começavam a aperceber-se que partilhavam a mesma tradição e a mesma língua. Renovaram-se os elos entre os Gregos do Oriente e do continente.

Entre 800 e 700 a.C., o crescimento demográfico forçou os Estados gregos (nomeadamente os de Leste) a colonizarem novas áreas. Fundaram colónias, primeiro nas terras férteis do litoral do mar Negro, depois, para ocidente, na Sicília e na Itália Meridional. Em 550 a.C. havia centenas de colónias gregas, desde Espanha ao mar Negro.



O mundo grego por volta de 550 a.C. Os colonos gregos fundaram novas cidades desde a Espanha ao mar Negro. Difundiram a língua e a cultura da Grécia para além dos pequenos Estados do continente.

Colheita de azeitona — vaso grego com figuras negras. Os Atenienses exportavam azeite em troca de cereais.





Casa grega típica do século V a.C. A entrada principal dá para uma passagem que conduz a um pátio aberto. As salas estão sobriamente mobiladas; mesmo os cidadãos abastados não apreciavam o luxo.

a.C.	CRONOLOGIA
c.1000	Os Gregos colonizam as costas da Anatólia
850-750	Cidades-estados independentes crescem no continente grego. Corinto torna-se particularmente poderosa
850-550	Os gregos do continente e do Oriente estabelecem colónias desde o mar Negro até à Espanha
546	A Pérsia começa a apoderar-se de cidades gregas na Anatólia
507?	Início da democracia ateniense
490-479	A Pérsia invade sem sucesso, por duas vezes, o continente grego
477-405	A armada ateniense controla o Egeu. Idade de Ouro de Atenas
431-404	A guerra do Peloponeso entre Atenas e Esparta termina com a derrota ateniense. Esparta governa a Grécia
356-338	As hostilidades entre os Estados gregos facilitam a Filipe da Macedónia apoderar-se do governo da Grécia

COMÉRCIO E DOMÍNIO

No século VI a.C. o continente grego estava no centro do comércio entre o Ocidente e o Oriente do Mediterrâneo. A cidade de Corinto, na estreita faixa ou istmo de terra ligando o Norte ao Sul da Grécia, tornou-se muito poderosa. Os Coríntios construíram o *diolkos,* armação de madeira sobre o istmo. Os grandes navios eram puxados por juntas de bois, poupando assim vários dias de navegação que teriam de efectuar se fossem forçados a contornar a extremidade meridional da Grécia.

Os Gregos construíram barcos para transporte das mercadorias. Construíram também barcos de guerra, com os quais controlavam o Mediterrâneo Oriental. Quando os Persas invadiram a Grécia, a armada ateniense desempenhou o papel principal na derrota. Isto fez de Atenas o membro mais poderoso de uma aliança das ilhas gregas.



Procissão de guerreiros espartanos num vaso de metal. Todos os cidadãos espartanos do sexo masculino eram treinados desde a infância para serem soldados. As suas resistência e coragem tornaram-se lendárias. Este vaso data do século VI a.C.

Atenas e Esparta

Sempre houve grande rivalidade entre as cidades-estados da Grécia. Este facto devia-se em parte ao próprio orgulho das cidades. A mais terrível rivalidade foi a que existiu entre Atenas e Esparta, no século V. A diferença entre estas duas cidades não podia ser maior. Atenas era uma democracia em que todos os cidadãos podiam votar para decidir sobre o modo como queriam ser governados. Esparta era um estado militar. Todo o cidadão do sexo masculino tinha de passar a sua vida ao serviço do exército, sendo todo o trabalho feito por escravos cruelmente tratados, chamados "hilotas". Os Atenienses desprezavam os Espartanos, que lhes pareciam bárbaros; os Espartanos consideravam os Atenienses perigosos revolucionários. Em 431 as duas cidades e os seus aliados iniciaram uma longa e amarga luta, que enfraqueceu e desmembrou a Grécia. No final, Esparta saiu vitoriosa. Os Espartanos tornaram-se senhores das cidades gregas, mas as revoltas eram constantes. Por fim, Filipe da Macedónia, dominou toda a Grécia.



Busto de Péricles, que governou Atenas em meados do século V a.C. e a tornou a cidade mais magnífica da Grécia.



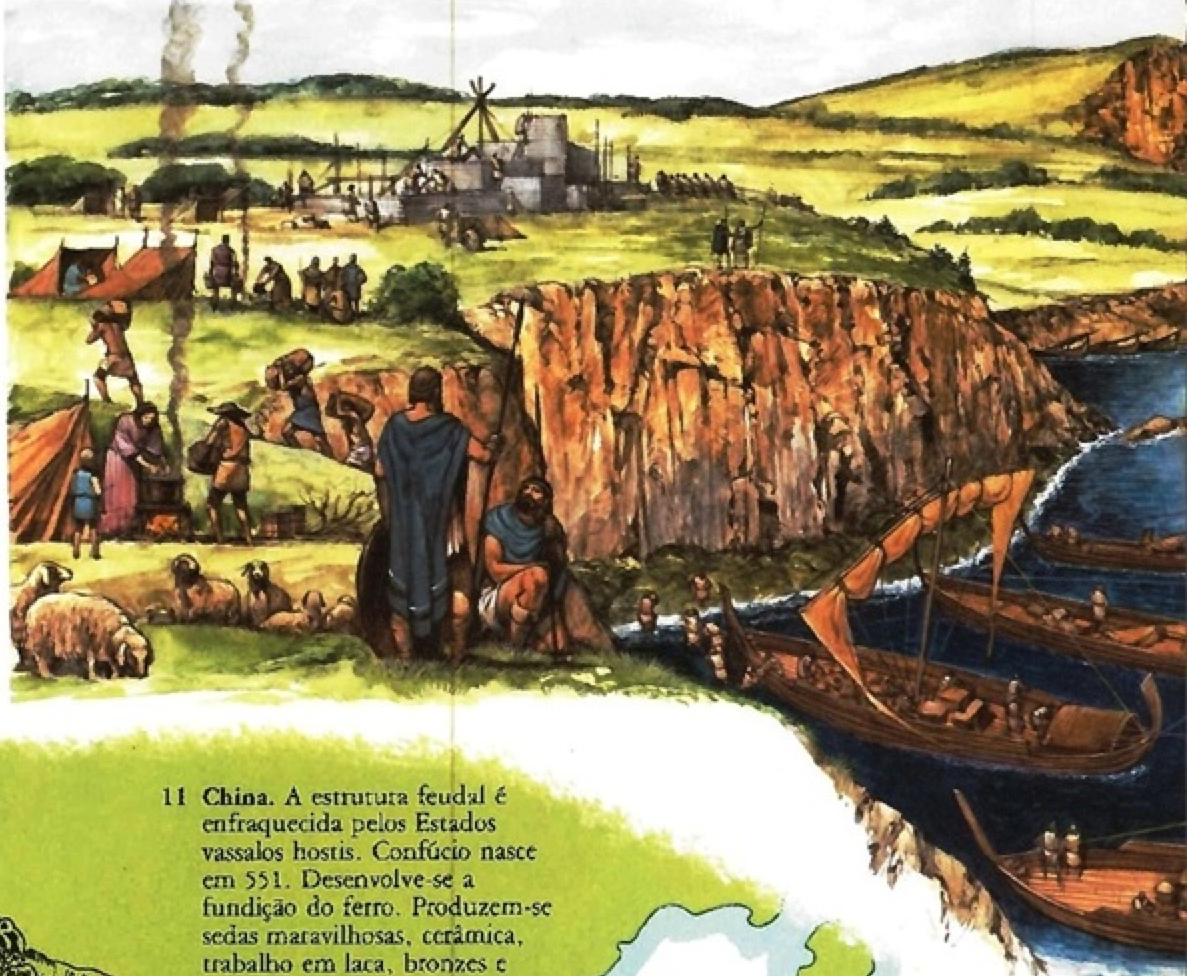
Teatro de Delfos, grande santuário dedicado ao deus Apolo. Os Gregos acreditavam que em certos lugares como este os deuses estavam em contacto estreito com o mundo dos homens. Para todos os gregos a importância destes lugares sagrados estava muito acima das diferenças políticas. Em celebrações como os jogos a Zeus, de quatro em quatro anos, em Olímpia, até mesmo cidades gregas em guerra se juntavam para prestar homenagem aos deuses.

O Mundo em 500 a.C.

Nesta altura já as primeiras grandes civilizações da Mesopotâmia e do Egipto tinham decaído; ambas sucumbiram ao poder dos Persas que, em menos de um século, edificaram um império que se estendia desde o Egipto, a ocidente, até à Índia, a oriente. Na sua expansão para norte, os Persas entraram em conflito com as cidades-estados gregas que dominavam o Mediterrâneo Oriental. Destas cidades-estados, as mais importantes eram a aguerrida Esparta e Atenas, esta famosa pela arte e pela democracia. O uso do ferro divulgara-se por quase todo o mundo antigo.

3 **Europa Central e do Norte.** A partir de 700 a.C. a cultura de Hallstatt, que usa o ferro, expande-se a partir da Áustria; as fortificações nas montanhas são rodeadas por terras de cultivo. Em 450 desenvolve-se a cultura celta La Tène, com o seu delicado trabalho de metal e esplêndidos adornos de ouro.

Uma expedição de gregos estabelece uma nova colónia. Entre 750 e 550 a.C. o aumento demográfico no continente grego obrigou as populações a procurar novos lugares para viver. Uma série de cidades gregas ao longo das costas do Mediterrâneo difundiu a língua e a cultura gregas numa vasta região.



Cabana escandinava

Templo grego

Modelo de carro sagrado, Áustria

Nómadas citas

Vaso chinês de bronze

Porta de Istar, Babilónia

Comerciante persa

Gato egípcio de bronze

Cabeça olmeca, México

Vaso chavin, Peru

11 **China.** A estrutura feudal é enfraquecida pelos Estados vassalos hostis. Confúcio nasce em 551. Desenvolve-se a fundição do ferro. Produzem-se sedas maravilhosas, cerâmica, trabalho em laca, bronzes e esculturas em pedra.

4 **Grécia.** As cidades-estados do continente, das ilhas e da Anatólia difundiram a cultura grega por toda a região leste do Mediterrâneo. Estabeleceram colónias na Itália, na Sicília e na orla costeira do mar Negro. Esparta, assim como Atenas, onde a democracia começa em 507, são as cidades mais importantes e as grandes rivais no continente.

Ritão (vaso de beber) persa, de ouro. O Império Persa tornou-se fabulosamente rico nos séculos VI e V a.C.

Continente americano. Cultivo do girassol e talvez do milho na América do Norte.

1 Na América Central os Olmecas vêem aproximar-se o fim do seu domínio; no Peru as populações chavin fabricam vasos

2 maravilhosos com formas humanas e de animais.

Cartagineses negociando com africanos na ilha a que chamavam "Cerne", ao largo da costa do Senegal. O intercâmbio de mercadorias era efectuado por meio de uma espécie de linguagem de sinais convencionais.

5 **Cartago.** Por sua vez, Cartago, fundada em 814 pelos Fenícios, coloniza a costa do Mediterrâneo Ocidental.

6 **Roma.** A República é fundada em 509, depois de os reis etruscos terem sido expulsos.

7 **Egipto.** O enfraquecimento crescente leva à conquista pelos Persas, em 526.

8 **Mesopotâmia.** A Pérsia controla agora a região, tendo conquistado Babilónia em 539.

9 **Pérsia.** O Império Persa estende-se do Egipto à Índia. Constroem-se magníficos palácios, nomeadamente o de Persépolis.

10 **Índia.** A partir de 500 desenvolvem-se grandes cidades nas planícies setentrionais e começam as lutas entre elas. Buda nasce em 563. Em 533, o Norte da Índia é invadido pelos Persas.

Taweret, deusa egípcia dos Partos, é representada aqui sob a forma de hipopótamo prenhe. Esta pequena figura provém do Último Período egípcio, depois do século VII a.C.



O Império Persa



A Pérsia, ou Irão, estende-se para leste, desde os montes Zagros até praticamente ao Norte da Índia. É, quase na sua totalidade, um vasto planalto desértico, rodeado de montanhas. Todavia, nas zonas limítrofes existem regiões mais férteis: as planícies do mar Cáspio e do Azerbaijão, a norte, e a vasta planície do Cuzistão, a sul.

O Irão tem uma grande diversidade climática e em muitas regiões a pluviosidade é irregular. Por esta razão, havia vastos grupos nómadas, como ainda hoje. Durante o calor tórrido do Verão, os Iranianos conduzem os rebanhos para as pastagens dos férteis vales das montanhas, onde cultivavam o trigo, a cevada, a vinha, a figueira e a romãzeira. Nos sopés das montanhas havia amendoeiras selvagens, nogueiras e pistácias.

Ao longo da sua história, o Irão foi muitas vezes invadido por povos nómadas. Alguns atravessaram as montanhas do Elburz, a sul do mar Cáspio. Outros, como os Medos e os Persas, penetraram no Irão pelas montanhas do Cáucaso, entre o Cáspio e o mar Negro.

No século IX a.C., os Medos, juntamente com os seus súbditos persas, constituíam o grupo mais poderoso no Irão. Média, o seu reino, situava-se a noroeste; a oeste e a noroeste era cercado pelos poderosos Estados da Assíria e de Urartu.

Em 612, os Medos, juntamente com os Babilónios, capturavam Nínive, Assur e Kalhu. O Império Assírio sucumbiu e os vastos territórios foram divididos entre os Medos e os Babilónios.

O esplendor que rodeava os reis persas atraía os artífices e fazia afluir os metais preciosos de todo o império. Este ibex alado em pose de salto, de prata dourada, era originalmente a asa de um vaso, fabricado no século IV a.C.



a.C.	CRONOLOGIA
3000	Civilização elamita no Sudoeste do Irão
1300	Medos e Persas deslocam-se para o Irão
600	Ciaxares, rei dos Medos, derrota a Assíria
549	Os Persas, comandados por Ciro II, o Grande, derrotam os Medos e conquistam a Lídia
539	Babilónia cai sob o poder persa
533	Ciro II invade a Índia
526	Cambises conquista o Egipto
490-479	Os Persas comandados por Dario e Xerxes invadem sem êxito a Grécia
331	Alexandre da Macedónia conquista o Império Persa



O Elão situava-se entre o Oeste da Pérsia e a Mesopotâmia Meridional. Por volta de 3000 a.C., foi centro de uma civilização de que pouco se sabe. À esquerda: o rei Teumann, do Elão, e seu filho Tammaritu, fugindo dos invasores assírios, no século VII a.C.

AS GUERRAS MÉDICAS

Em 495, os gregos da Anatólia (Ásia Menor) revoltaram-se contra os Persas. O rei Dario I depressa dominou a revolta. Como as cidades tinham recebido o apoio do continente grego, em 490 Dario enviou uma expedição por mar contra a Grécia, mas esta foi derrotada pelos Atenienses, na planície costeira de Maratona. O seu filho, Xerxes, fez nova invasão em 481. Foi enviado um exército para invadir a Grécia pelo norte, apoiado por uma enorme esquadra. O exército persa conquistou várias cidades, incluindo Atenas, mas a esquadra foi derrotada pela armada grega em Salamina. O exército persa foi derrotado novamente em Plateias pelos Gregos, que expulsaram os Persas da Grécia e da Ásia Menor, onde as cidades gregas se voltaram a aliar ao continente. A vitória grega foi completa e total.



À direita: ruínas do Palácio de Pasárgadas, na Pérsia Meridional. Foi mandado construir por Ciro, o Grande. Como todos os grandes palácios persas, situava-se num vasto terraço feito pelo homem, com duas grandes escadarias de acesso.



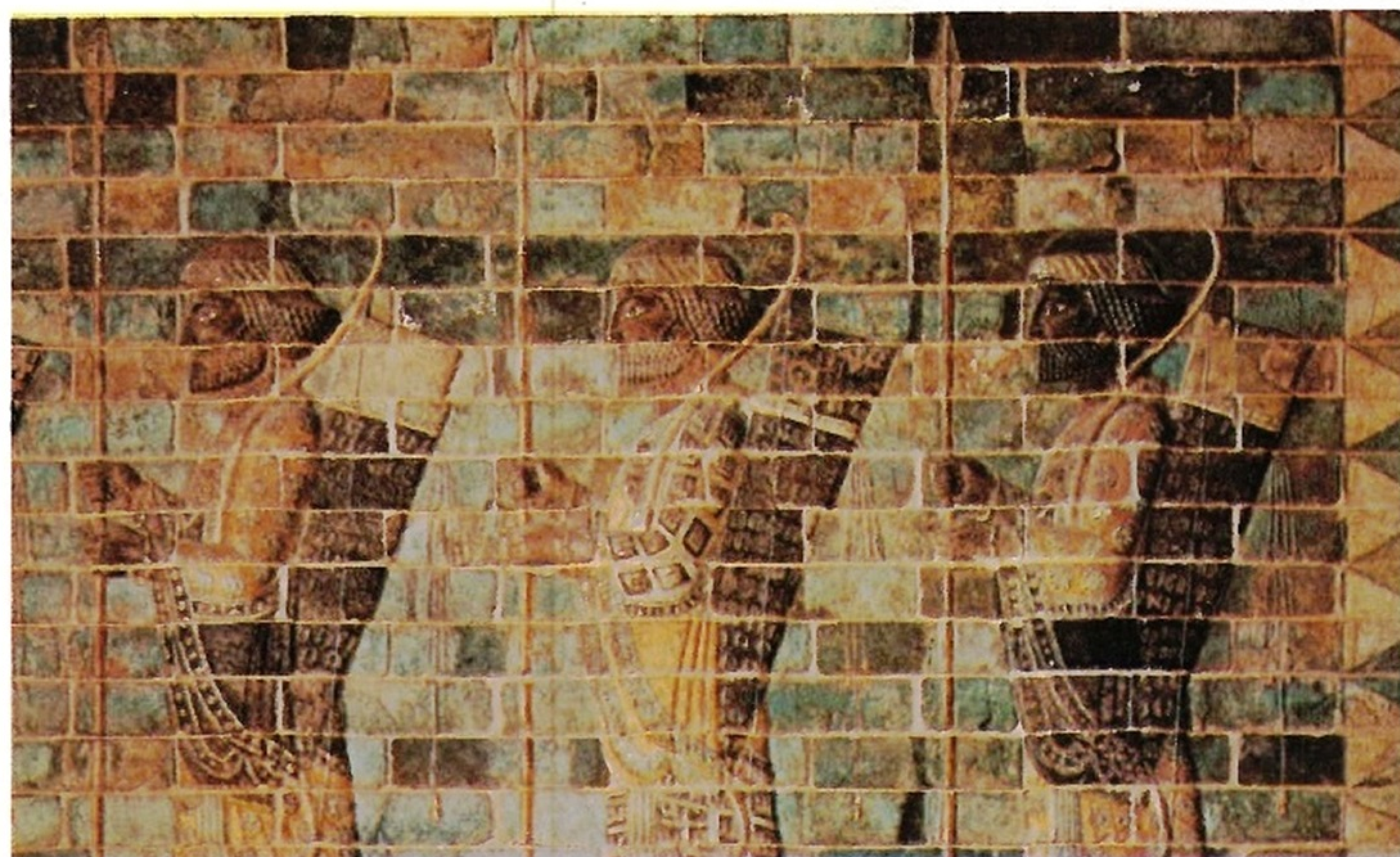
OS CITAS

O Império Persa incluía vários povos nómadas, entre os quais se contam os Citas, que se tinham deslocado para ocidente, por volta do século VIII, vindos das estepes da Ásia, e se tinham fixado na Rússia Meridional, na Arménia e no Norte do Irão. Deslocavam-se bastante depressa, os homens a cavalo, as mulheres e crianças em grandes carros, indo de uns para outros terrenos de pastagem. Levavam almofadas e tapeçarias de feltro, com desenhos maravilhosos; tinham ornamentos e belos vasos de ouro trabalhado, como o da figura à esquerda. Muito do que se sabe acerca dos Citas deve-se aos túmulos de Pazyryk, na Sibéria, que se conservaram graças ao clima frio. Enterravam-se os homens e as mulheres juntamente com os bens que lhes tinham pertencido, e os corpos dos homens eram tatuados com desenhos de animais.

Ascensão do poder persa

Por volta de 550 a.C., Ciro, *o Grande*, rei dos Persas, subjugou os chefes medos. A partir de então, os Persas começaram a governar o Irão. Ciro conquistou Babilónia e anexou todo o antigo Império Babilónico. Praticamente toda a Ásia Ocidental estava agora sob o domínio persa. Os dois reis que lhe sucederam, Cambises e Dario, dilataram o poder persa até ao Egipto, a sul, e até às fronteiras da Índia, a leste. Dario dividiu o vasto império em províncias, governadas por *sátrapas* (governadores) e ligadas por uma rede de magníficas estradas.

Apesar das revoltas nas províncias e das conjuras nos palácios, os reis persas conseguiram governar e manter a maior parte do império. O Egipto foi a única excepção, tendo-se revoltado vitoriosamente contra Artaxerxes II (404-359 a.C.). Artaxerxes III (359-338 a.C.) conseguiu reconquistar o Egipto; porém, foi envenenado antes de se poder dedicar à questão da Grécia. Depois de dois anos de distúrbios, Dario III subiu ao trono, mas teve de enfrentar a invasão dos Gregos e dos Macedónios, chefiados por Alexandre Magno, que derrotou o exército de Dario na grande batalha de Gaugamelos, na Mesopotâmia. Dario fugiu, mas em beve foi assassinado por um dos seus próprios governadores. Com a sua morte sucumbia o Império Persa.



À direita: os reis persas comandavam uma guarda pessoal de 10000 soldados, como estes archeiros do Palácio de Susa.



Alexandre Magno em Isso (pormenor de um mosaico de Pompeia). Discípulo de Aristóteles, Alexandre não foi apenas um grande conquistador; teve o talento de respeitar, nas terras que ia conquistando, as instituições, usos e tradições.



Alexandre

Alexandre da Macedónia foi um dos maiores generais de todos os tempos. Em dez anos de sucessivas lutas conquistou o Império Persa e dilatou o domínio grego até ao Noroeste da Índia. As conquistas de Alexandre constituem um marco importante na história. Antes, os grandes progressos civilizacionais, nomeadamente o início da agricultura e o aparecimento dos primeiros impérios, tinham-se verificado na Ásia. Com Alexandre nasceu o primeiro império na Europa. A partir de agora, a Europa, ainda bastante atrasada, começa a ser o centro do progresso.

Filipe da Macedónia morreu em 336 a.C. Em poucos anos tirou partido das disputas entre as cidades-estados gregas, submetendo-as ao seu poder. Mas, quando morreu, os cofres reais estavam vazios.

O filho de Filipe, Alexandre, tinha apenas vinte anos e pouco mais de metro e meio de altura. Os Gregos pensaram que se tratava apenas de uma criança e, por isso, em breve, a cidade de Tebas se rebelou contra ele. Mas Alexandre e o seu exército atacaram e conquistaram rapidamente a cidade, dizimando a população. Depois disto não houve mais nenhuma cidade grega que ousasse revoltar-se.

Além disso, Alexandre tinha de arranjar dinheiro. Durante muito tempo, os Gregos tinham invejado a riqueza fabulosa do Império Persa e achavam-no enfraquecido. Alexandre reuniu então um exército de 24 000 soldados gregos e macedónios, acompanhado por batalhões especiais de engenheiros e pessoal médico.

Em 334 a.C., Alexandre conduziu o exército através do Helesponto em direcção à Anatólia. Lutando sempre è frente das suas tropas, Alexandre venceu uma série de pequenas batalhas antes de enfrentar, em Isso, o principal exército persa, comandado por Dario III. Este exército foi derrotado e Dario fugiu, deixando o caminho aberto para a Síria e para o Egipto. Depois de conquistar o Egipto, Alexandre virou-se para norte e para leste, o coração do Império Persa.

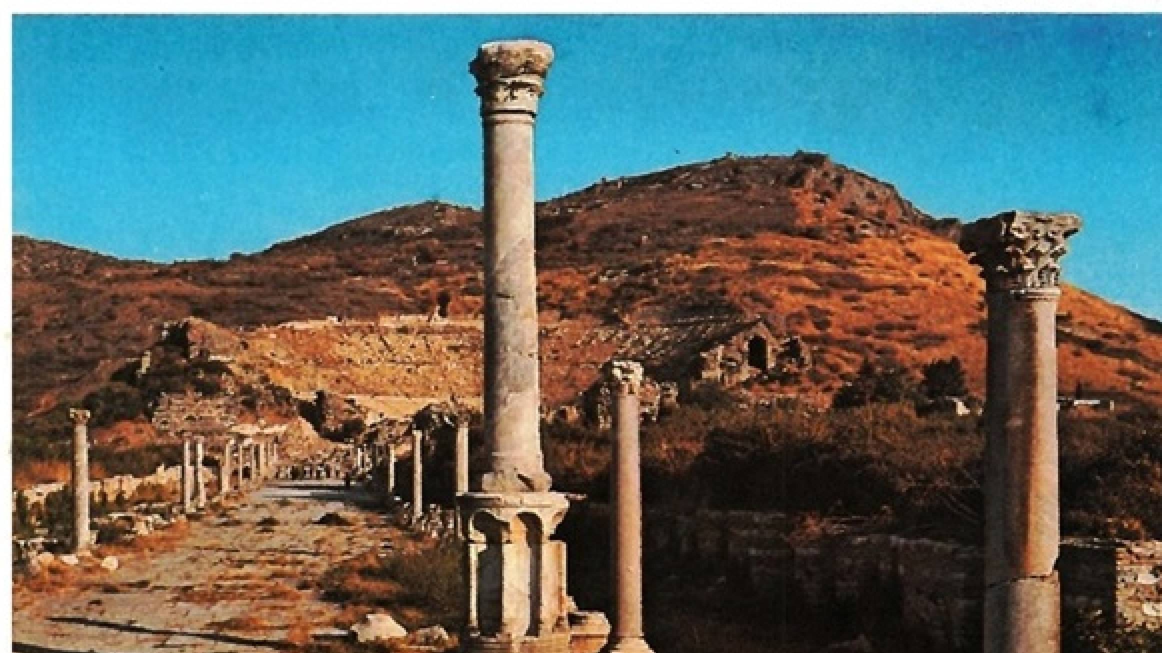
As ruínas do Filipeum, em Olímpia. Esta edificação foi mandada construir por Filipe da Macedónia para celebrar a sua vitória sobre os Gregos em Queroneia, em 338 a.C. Muitos gregos desprezavam Filipe porque consideravam o seu reino pouco civilizado.

a.C.	CRONOLOGIA
336	Alexandre herda o trono da Macedónia. Torna-se o chefe incontestado da Grécia
334	À frente de um exército grego e macedónio Alexandre invade a Anatólia
333	Alexandre derrota, em Isso, os persas comandados por Dario III
331	Batalha de Gaugamelos Alexandre passa a controlar o Império Persa
330-325	Alexandre conquista as províncias do Oriente do Irão e Noroeste da Índia
323	Alexandre morre na Babilónia
323-319	O império é disputado pelos generais de Alexandre e seus herdeiros
188	A Síria cai sob o poder de Roma
168	A Macedónia torna-se uma província romana
146	Os Romanos anexam as cidades gregas à província da Macedónia
133	Pérgamo é legada em testamento a Roma
65-63	Pompeu anexa a Cilícia e a Lídia a favor de Roma
30	O Egipto torna-se província romana

Parte de um diadema (ornamento para cabeça) feito na época helenística. Tem a forma de um nó de Héracles. Este nó indicava a ascendência da família de Alexandre Magno, que começaria com o herói lendário Héracles (Hércules) e aparece com frequência em ornamentos helenísticos.



Ruínas da antiga cidade grega de Éfeso, na Anatólia. As cidades orientais gregas, libertadas por Alexandre do domínio persa, em 333 a.C., cresceram esplendorosamente. A imensa riqueza do Império Persa derrotado foi aplicada na construção de magníficos templos, teatros e edifícios públicos.



A ADMINISTRAÇÃO DO IMPÉRIO

Alexandre pouco ou nada reformou relativamente à administração do antigo Império Persa, apenas com a diferença de que as províncias persas eram agora governadas por generais macedónios, com a ajuda de guarnições de tropas. Alexandre admirava muitos aspectos da civilização persa e encorajou os oficiais e os soldados a casarem-se com mulheres persas, o que ele próprio fez. Alexandre idealizava um mundo governado por uma raça superior de gregos, macedónios e persas. Jovens da nobreza persa foram incorporados no exército. Alexandre insistiu em seguir as tradições da corte persa e exigia, entre outras coisas, que todos os súbditos, incluindo os amigos mais próximos, se prosternassem na sua presença. Esta atitude não foi bem aceite pelos oficiais macedónios e gregos.

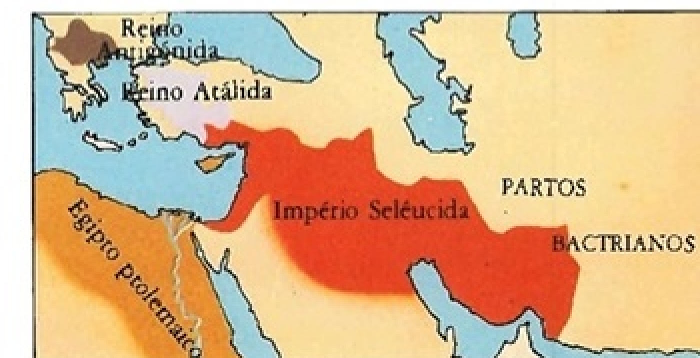
Pérsia e Índia

Em Gaugamelos, na Mesopotâmia, Alexandre enfrentou uma vez mais Dario. Os Persas foram de novo derrotados e Dario fugiu, para acabar por ser assassinado pelos seus próprios cortesãos. Em pouco tempo, Alexandre tornara-se o senhor da Pérsia.

Não satisfeito com a vitória, Alexandre prosseguiu com os seus exércitos para o Noroeste da Índia. Alexandre regressou apenas quando as suas tropas, exaustas da guerra, se recusaram a continuar. Planeava novas campanhas de conquista quando morreu em Babilónia em 323, provavelmente envenenado.



Quando Alexandre morreu, o filho que teve de Roxana era ainda muito criança para governar e em breve foi assassinado. O império foi disputado pelos generais (em cima). Seleuco, seu escudeiro, e os descendentes deste governaram uma vasta federação de províncias, que se estendiam para oriente, até aos territórios de Chandragupta, governante da Índia. Ptolemeu e os seus descendentes governaram o Egipto. A Anatólia foi governada por Antígono. Estas divisões só foram conseguidas depois de lutas sangrentas.



O mapa em cima mostra o mundo helenístico por volta de 180 a.C. Os Selêucidas perderam parte dos seus territórios em favor dos Partos e dos Bactrianos. Nesta altura, os Antigónidas apenas governavam a Macedónia, ao norte da Grécia. A Anatólia estava dividida numa série de pequenos reinos, o mais importante dos quais era Pérgamo. Estes reinos travaram várias lutas entre si e em breve foram subjugados por Roma, o poder crescente no Mediterrâneo.

ALEXANDRIA

A maior cidade helenística foi Alexandria, no Egipto, fundada por Alexandre Magno e escolhida por Ptolemeu para capital. Alexandre ampliou o porto de mar e construiu a torre do Farol, uma das maravilhas do mundo antigo. Alexandria tornou-se uma base naval e porto comercial, das maiores e mais ricas cidades do Mundo. A sua biblioteca contava cerca de 700 000 rolos de papiro e pergaminhos do século I a.C. Alexandria ficou sendo um centro privilegiado para uma plêiade de poetas, escritores, filósofos e, talvez acima de tudo, para cientistas. Foi aqui que Euclides escreveu o seu livro de geometria, Eratóstenes provou que a Terra era redonda e Arquimedes e Hero inventaram máquinas, uma turbina a vapor, por exemplo. Alexandria foi capturada pelos árabes muçulmanos no século VII. Alguns deles tornaram-se grandes cientistas e foram muito influenciados pelos escritos dos antigos gregos.

As Terras Bíblicas

A terra bíblica de Canaã, a "terra onde corre o leite e o mel", era uma faixa de cerca de 160 km de largura que se estendia de norte a sul, ao longo da costa oriental do Mediterrâneo. Actualmente a região abrange os Estados de Israel, da Jordânia, do Líbano e de parte da Síria. A área que inclui Israel e a Jordânia é também conhecida por Palestina.

Esta região é muito diversificada, cortada a meio por altas montanhas e pelo profundo vale do rio Jordão, o ponto mais baixo da superfície terrestre. No ocidente fica uma faixa costeira estreita e fértil. Para oriente e sul, as colinas pedregosas e os vales fundem-se na desolação do deserto.

A agricultura teve início por volta de 8000 a.C.; o solo era suficientemente fértil para a cultura de trigo, vinhas e oliveiras. Floresceram cidades, construídas com tijolos, à volta de nascentes de água. Porém, longe da costa, as zonas férteis eram separadas por áreas semidesérticas. Por isso não houve uma produção alimentar em larga escala, como acontecera no Egipto ou na Mesopotâmia. Mesmo assim, a região sempre foi importante. Constituía ponto de passagem de uma rota entre a Ásia e a África, atravessado amiúde pelos exércitos de vários impérios. Era a encruzilhada de rotas comerciais vindas de oriente para ocidente e de norte para sul. Tinha recursos naturais, tais como os cedros do Líbano, que atraíam, além dos Hititas, as grandes potências do Egipto e da Mesopotâmia. Os nómadas do deserto, entre os quais os Amoritas, os Arameus e, mais tarde, os Israelitas, deslocaram-se para esta região, vindos de oriente. A ocidente havia contactos com os mercadores marinheiros de Chipre, da Anatólia (Ásia Menor) e do Egeu.



a.C.	CRONOLOGIA
8000-2000	Início da agricultura. Florescem grandes cidades, tais como Jericó. Mais tarde surgem pequenos reinos independentes
1200	Após o desmembramento causado pelas invasões, a maior parte da região passa a ser habitada por israelitas, arameus e filisteus
995	O rei israelita David constrói uma capital fortificada em Jerusalém
722-539	Os Assírios, depois os Babilónios, controlam a região; em 597 Jerusalém cai e muitos são exilados para Babilónia. A partir de 539 a região passa a ser dominada pela Pérsia, os exilados regressam e são conhecidos desde então como judeus
331-63	A Palestina e a Síria tornam-se parte do império helenístico de Alexandre e, por fim, são anexadas pelo Império Romano



O mapa no alto mostra a Terra de Canaã. O de baixo evidencia a sua posição-chave no Próximo Oriente, como ponto de ligação entre o Egipto, a Mesopotâmia e a Anatólia.



A fortaleza de Masada, situada no topo de uma colina, perto do Mar Morto, foi o último baluarte dos Judeus aquando da revolta contra Roma, (66-73 d.C.).

Povos nómadas

Por volta de 2000 a.C. este território foi invadido por povos do deserto, de origem semita, os Amorreus. Nesta altura a região mantinha relações estreitas com o Egipto, devido ao comércio. Mais tarde, os Hicsos ("governantes estrangeiros") idos da Palestina invadiram o Egipto, donde foram finalmente expulsos por volta de 1550 a.C. Pouco depois de 1468 a.C., a Palestina e a Síria passaram a fazer parte do Império Egípcio. Por volta de 1200 a.C., a civilização de Canaã foi destruída por bandos invasores, a que se seguiu a fixação dos Israelitas e dos Arameus. Em 1150 a.C., os Israelitas praticavam a agricultura nas colinas a oeste do Jordão, enquanto os Arameus se estabeleciam no Norte da Síria e do Líbano e na região de Damasco. Os Filisteus, relacionados com os primitivos invasores, ocupavam a faixa costeira desde Gaza até Jafa.



As esculturas de marfim da Síria e do Líbano eram muito apreciadas no Próximo Oriente. Este leão fenício, que data do século IX ou VIII a.C. (à esquerda), ostenta na cabeça e no peito ornamentos de inspiração egípcia. A figura de marfim representando um homem (em baixo) é proveniente do Norte da Síria e data do século X ou IX.



Os Fenícios
Durante o século XII foram destruídas muitas cidades costeiras. As poucas que conseguiram sobreviver situavam-se ao longo de uma faixa costeira montanhosa, o Líbano. As cidades principais eram os antigos portos de Biblos, Tiro e Sídon. Os Gregos chamaram ao povo do Líbano os Fenícios.

As grandes florestas de cedros das encostas das montanhas constituíam o seu maior recurso natural. Durante 2000 anos a madeira de cedro foi comercializada através do porto de Biblos. Os Fenícios tinham grandes frotas de navios mercantes. Enviaram provavelmente expedições até à Bretanha e à costa ocidental de África. No Mediterrâneo Ocidental, os Fenícios fundaram muitas colônias, entre as quais Cartago, na costa de África, e Cádis, em Espanha.

O Líbano importava linho do Egipto, prata, ferro e chumbo da Espanha e da Sardenha. De África vinham os escravos, o marfim, o ouro, a prata, macacos e pavões; de Canaã os cereais, o mel e os óleos;do Sudeste da Anatólia, cavalos e muares. A Fenícia estava ligada por estradas ao mar Vermelho, à Arábia e à Mesopotâmia.

Mas a riqueza dos Fenícios não dependia exclusivamente da compra e venda destes bens. A sua parte mais importante era até talvez aquela que provinha da comercialização dos produtos dos seus famosos artífices, que transformavam as matérias-primas em numerosos objectos de luxo ou utilidade depois exportados para uma vasta área que se estendia da Itália à Mesopotâmia.

Os tecelões faziam tecidos com lã importada da Síria. Este tecido, juntamente com o linho egípcio, era tingido com a famosa "púrpura de Tiro", extraída de uma espécie de molusco. Os ferreiros fenícios trabalhavam o bronze, o ferro, a prata e o ouro.

Na época áurea, os Fenícios controlavam uma vasta rede de colônias comerciais de Chipre a Espanha. Mesmo depois de o Líbano sucumbir à força dos grandes impérios, as cidades permaneceram prósperas. A ocidente, o Império Fenício de Cartago sobreviveu e fez face ao poder crescente de Roma.

Parte de um relevo assírio representando troncos de cedro das florestas do Líbano, transportados pela corrente para serem utilizados num palácio da Síria.



A BÍBLIA E A HISTÓRIA
Os Israelitas eram pastores nómadas da orla do deserto a oeste da Mesopotâmia. De tempos a tempos, pequenas alterações climáticas afectavam seriamente as pastagens nas margens do deserto. Quando tal acontecia, alguns dos pastores deslocavam-se para as regiões habitadas e férteis da Mesopotâmia, da Síria e da Palestina. Abraão deve ter chefiado uma destas migrações, que se deslocou do Norte da Síria para as terras de Canaã, por volta de 2000 a.C.

Alguns séculos mais tarde, outro grupo nómada semelhante (descendente de Abraão, de acordo com o Antigo Testamento) deslocou-se para o Egipto em busca de novas pastagens para os rebanhos. Os Egípcios permitiam normalmente que as tribos nómadas apascentassem os rebanhos em pastagens que ninguém queria, na Terra de Goshen, a oriente do Delta. Mais tarde, alguns destes imigrantes, que se tinham tornado escravos, fugiram para o deserto do Sinai, chefiados por Moisés, onde se uniram a outros povos de cultura semelhante. Depois de vaguearem durante muitos anos, alcançaram a Terra de Canaã (cerca de 1200 a.C.) e fixaram-se em aldeias situadas entre as colinas e os vales a leste do Jordão, passando a chamar-se "israelitas".

Depois de muitas lutas, os Israelitas derrotaram os povos vizinhos; conduzidos pelo rei David, consolidaram o reino, estabelecendo a capital em Jerusalém. Mas quando o neto de David subiu ao trono, os Israelitas dividiram-se em dois Estados rivais: Israel e Judá, os quais, a partir de então, alternavam no controle da região à medida que os impérios nasciam e decaíam. Após uma insurreição em 70 d.C., Jerusalém foi destruída pelos Romanos, que em 135, depois de outra revolta, expulsaram os Judeus da Palestina.

A China

A primeira grande civilização do Extremo Oriente floresceu na China e expandiu-se de tal modo que influenciou profundamente quase todos os países vizinhos. Foi uma civilização que cresceu no isolamento, pois a China está separada do mundo ocidental pelas montanhas do Tibete, a oeste, e pelo deserto de Gobi e a planície da Manchúria, a noroeste e a norte.

A China é dominada por três grandes sistemas de rios. A sul, onde o clima é tropical e se cultiva o arroz durante todo o ano, corre o Sequião, ou rio do Oeste. Mas esta região está bastante afastada do resto da China por montanhas que, embora não muito elevadas, são difíceis de transpor. Ao longo da China Central corre o Iansequião; aqui os Verões são quentes e húmidos, embora os Invernos, bastante curtos, possam ser muito frios. No Norte corre o Hoão-Hô, ou rio Amarelo, assim designado devido à terra de tom amarelado, especialmente fértil, que o rio arrasta ao atravessar os planaltos, antes de inundar as planícies. Aqui a pluviosidade no período de Verão é fraca e irregular, enquanto que os Invernos são longos, secos e terrivelmente frios. Ventos de noroeste, vindos do deserto de Gobi, levantam a terra provocando tempestades de areia. O rio Amarelo origina frequentes inundações desastrosas, que provocam milhares de mortes e destroem aldeias e culturas. Mas a terra amarela é tão fértil que foi precisamente ao longo do rio Amarelo que floresceu a primeira civilização da China.



Este recipiente de laca vermelha data do período Chu. A laca é a resina de uma espécie de carvalho que fica muito dura e negra quando deixada em lugar húmido. Os Chineses cobriam uma estrutura de madeira ou tecido com sucessivas camadas de laca que, muitas vezes, pintavam e decoravam com ouro e prata.



Em baixo: nos planaltos do Norte da China, a terra amarela chega a atingir a espessura de 100 metros. Quando está seca, é levantada em tempestades de areia, mas quando está húmida é muito fértil. Os Chineses construíram, desde tempos muito remotos, complexos sistemas de irrigação.



a.C.	CRONOLOGIA
c. 5000	Comunidades no vale do Hoão-Hô (rio Amarelo)
c.1500	Começo do uso do bronze na região do An-yang. A dinastia Chang governa o império com capital em An-yang
1027	O povo Chu, do Oeste da China, depõe a dinastia Chang e funda uma dinastia feudal, com domínio sobre muitos Estados súbditos
771	Chu transfere a capital para Loyang
c.700-500	Os Estados súbditos vão-se tornando poderosos e começa o enfraquecimento Chu
660	Bárbaros nómadas no Norte de Honão
551	Nascimento de Confúcio
481-221	Período dos Reinos Combatentes
256-221	Vitória do Estado Ch'in. O primeiro imperador ch'in, Chih Huang-ti, unifica a China e edifica a Grande Muralha
206	Fim da dinastia Ch'in
206 a.C.- -220 d.C.	Dinastia Han
50 a.C.- -50 d.C.	Introdução do budismo originário da Índia
d.C.	
166	Marco Aurélio envia embaixada à China
220-587	Período das Seis Dinastias



Queimador de incenso de bronze dourado da Dinastia Han. Na China os artífices do bronze eram exímios no fabrico de vasos muito trabalhados. Usavam várias peças adaptadas, o que lhes permitia decorar os trabalhos com ornamentos. Os bronzes eram muitas vezes dourados e embutidos ou lacados.

Continuidade das tradições

Em todo o mundo antigo as grandes civilizações floresceram, vindo depois a sucumbir. Mas a civilização chinesa nunca foi destruída. Pelo contrário, desenvolveu-se sem quebra até ao século XX. De tempos a tempos os invasores fixavam-se em certas regiões do Norte, mas em nada alteravam o modo de vida dos Chineses; antes pelo contrário, eram eles que absorviam os costumes destes.

As primeiras aldeias e cidades floresceram nas margens do rio Amarelo e dos seus afluentes. Usava-se a água para irrigar a terra amarela e torná-la fértil. As cidades eram cercadas por muralhas de terra batida solidamente em camadas sucessivas *(hang-t'u)* de tal modo resistentes que ainda hoje existem. O primeiro período da história da China de que temos conhecimento data de 1500 a.C., quando a Dinastia Chang governou a região do rio Amarelo. As dinastias posteriores expandiram para ocidente e para sul a cultura e o poder da China. O Império Chinês no seu auge estendia-se desde a Coreia do Norte, a oriente, até à Ásia Central, a ocidente.

O Império Chinês era governado por um grande número de funcionários eficientes, alguns empregados pelo Governo Central e outros pelos governos locais que, em nome do imperador, controlavam todos os aspectos da vida quotidiana. Os pesos e medidas, leis e impostos eram iguais em todo o império. Só este tipo de poder central podia manter unida uma região tão vasta.



A seda foi o artigo de exportação mais famoso da China. Durante séculos só os Chineses sabiam como extrair a seda dos casulos. Este pedaço de seda bordada data da Dinastia Han.

VIAGENS

A Rota da Seda constituía a principal via de ligação da China com o resto do Mundo; partindo da China, passava pelo Siquião, o Turquestão, a Bactriana e ainda pela Pérsia e a Síria. Ao longo desta rota intermináveis caravanas de camelos transportavam para o Ocidente mercadorias chinesas, principalmente seda. Por seu turno, a China pouco importava, à excepção do jade da Ásia Central e das pérolas do Sul.

Os rios e os inúmeros canais constituíam dentro da China as principais vias de comunicação, percorridas por barcos sem conta. Construíram-se estradas especiais para a deslocação e abastecimento dos exércitos. Os funcionários usavam as estradas imperiais, mas a maioria da população utilizava caminhos rudes.

AGRICULTURA

Um dos imperadores da dinastia Han disse que o mundo se baseia na agricultura. Com efeito, a maior parte da população chinesa trabalhava na terra. No Norte, os cereais mais importantes eram o trigo, o milho miúdo e a cevada; mais a sul, cultivava-se o arroz. Plantaram-se pomares de árvores de fruto nos terrenos que circundavam as aldeias. Havia porcos e carneiros, mas poucas vacas; os Chineses nunca apreciaram o leite nem os seus derivados e o gado bovino era sobretudo usado para puxar carros. As galinhas e os gansos eram muito importantes. O chá e o algodão, tão comuns na China de hoje, não eram cultivados nos tempos antigos, mas o cânhamo, de que se faziam tecidos, era muito importante.



Modelo de casa que data da Dinastia Han. Muito do que se sabe hoje acerca da antiga China provêm destas figurinhas de cerâmica e de modelos encontrados em túmulos, representando animais, casas, quintas e servos.



A caça era um passatempo popular na China antiga. Na época Chang, os jovens caçavam com carros; usavam-se leopardos, falcões e cães de caça para perseguir as presas.

A Europa sob a Égide de Roma



Até 250 a.C., o comércio no Mediterrâneo era controlado pelas colónias costeiras fenícias e gregas. Na mesma altura, porém, um novo poder crescia em Itália: o da cidade-estado de Roma. Entre 250 e 30 a.C., Roma conseguiu controlar toda a região do Mediterrâneo, o Próximo Oriente e grande parte da Europa Ocidental. Como é que isto aconteceu?

A subida de Roma ao poder deve-se à própria situação da Itália. À medida que o comércio se desenvolvia no Mediterrâneo Ocidental, a Itália tornou-se um elo de ligação importante entre o Ocidente e o Oriente. Tão importante como os seus próprios recursos naturais, pois que, embora por explorar, a Itália era muito fértil. No Sul, as colónias gregas prosperavam, mas as regiões montanhosas do Norte e do Centro eram habitadas por muitas tribos guerreiras. Só quando Roma unificou a Itália sob a sua égide é que se deu o verdadeiro valor à privilegiada situação geográfica e aos seus recursos naturais.

O nascimento de Roma

Por volta de 800 a.C., Roma era constituída por povoações situadas no topo de colinas sobranceiras ao Tibre, e, para lá dele, à fértil planície do Lácio. Durante séculos, a região foi dominada pelos Etruscos. Em 509 a.C., os Romanos derrubaram o governo do rei etrusco, Tarquínio, e fundaram uma república. Em vez do odiado rei, elegeram dois magistrados, os cônsules, para os governar. A jovem república era uma comunidade de agricultores que cultivavam o solo fértil dos arredores da cidade.

Sempre que necessário, os agricultores romanos formavam exércitos fortes e disciplinados, prontos para lutar, quando necessário, em defesa das suas terras. Nos 500 anos que se seguiram tiveram que enfrentar muitos inimigos. Em 264 a.C., Roma era o poder máximo da Itália. Neste ano começou a primeira de três sangrentas guerras contra Cartago, cidade do Norte de África e a maior rival de Roma no Mediterrâneo Ocidental. Roma saiu vitoriosa e instalou-se nas grandes ilhas do Mediterrâneo Ocidental, na Península Ibérica, no Norte de África.

A ameaça seguinte veio dos prósperos reinos gregos da Anatólia, Macedónia e Síria. Em 80 a.C. estavam submetidos ao poder de Roma. Então, em 59 a.C., Roma voltou-se para o Norte. Júlio César, um ambicioso aristocrata romano, invadiu a Europa céltica, a que os Romanos chamavam Gália. César conquistou toda a Europa a oeste do Reno. Durante os séculos seguintes, os Romanos conquistaram ainda mais territórios, incluindo a Bretanha. Roma dominava agora toda a região a oeste dos rios Reno e Danúbio, com excepção da Escócia e da Irlanda.

a.C.	CRONOLOGIA
900	Aparecimento dos Etruscos no Norte de Itália
753	Data tradicional da fundação de Roma
509	Fundação da República Romana
343-275	Roma começa a dominar a Itália
264-146	Roma derrota Cartago e conquista territórios além-mar
133-60	Facções populares e aristocráticas lutam pelo Poder
59-52	César conquista a Gália
49-44	Ditadura de César
44	Assassínio de César; depois do conflito com Marco António, Octaviano (Augusto), sobrinho de César, adquire poder e torna-se imperador
d.C	
286	Diocleciano divide o império em duas partes: a do Ocidente e a do Oriente
476	Deposição do último imperador do Ocidente depois de os Bárbaros terem devastado a Espanha, a França e a Itália

O EXÉRCITO



As vitórias do Império Romano devem-se à firmeza e disciplina dos seus exércitos. A princípio, o exército era formado por agricultores, e, quando as lutas fora da Itália se prolongavam, as terras ficavam abandonadas. Com o cônsul Mário, imediatamente antes de 100 a.C., o exército passou a ser uma força permanente e remunerada. A maior unidade do exército era a legião, composta de 6000 homens (mais tarde 4000), divididos em dez coortes. A coorte era constituída por seis centúrias, cada uma com cem soldados. Os soldados de Mário tinham equipamento uniformizado (ver figura). Os soldados romanos tinham também de construir fortificações, estradas e pontes.



A ocupação romana do Sul da Gália proporcionou um sólido desenvolvimento do comércio e da agricultura. O aqueduto de Gard (em cima) foi construído para levar água a Nîmes (Nemausus), uma das cidades mais ricas da Gália Romana.

A administração do Império

A maior dádiva legada por Roma ao seu império foi um governo organizado e o desenvolvimento técnico. Os Romanos sabiam que não podiam governar um vasto império apenas pela força das armas. Em troca da fidelidade a Roma, os Romanos permitiam que os povos conquistados mantivessem as tradições e, até certo ponto, se governassem a si próprios. Para a Europa, ainda inculta, os Romanos trouxeram conhecimentos de arquitectura, engenharia e agricultura. Edificaram cidades e capitais, ligadas por excelentes estradas. Na Europa, os proprietários romanos fomentaram uma agricultura organizada, drenando pântanos e desbravando florestas para obterem terras férteis. O comércio e as artes floresceram, chegando mesmo a rivalizar com os da própria Itália. O povo celta da Europa foi encorajado a participar em tudo isto e, com o decorrer do tempo, fixou-se pacificamente e absorveu a cultura romana.

Em Roma, o luxo e a pobreza viviam paredes meias. Os cidadãos abastados ocupavam os amplos apartamentos dos andares térreos dos blocos (insulae), *mas os andares superiores estavam superlotados de famílias pobres.*



Sociedades heróicas

Os povos da Europa Central, Setentrional e Ocidental só criaram e edificaram cidades bastante mais tarde que o Sudeste da Europa e o Próximo Oriente. Quando o Egipto e Creta se encontravam no seu glorioso apogeu, Stonehenge mal estava a ser terminado.

Antes da ocupação romana, os povos da Europa formavam o que hoje se designa por "sociedades heróicas". Chefes tribais viviam com os seus guerreiros em fortalezas situadas em colinas, rodeadas por paliçadas. Economicamente, dependiam dos agricultores que cultivavam os campos vizinhos e criavam gado. Os artífices percorriam as zonas rurais e fabricavam os utensílios, primeiro de bronze e mais tarde de ferro. No século V a.C., os gregos chamaram *Keltoi* a todos os habitantes da Europa Ocidental, desde Espanha até ao Danúbio, donde deriva o termo "celta".

Os Celtas em breve adoptaram os costumes romanos, mas a norte e a leste do Reno havia ainda outras tribos, conhecidas por "bárbaros". Faziam incursões constantes, ameaçando a fronteira romana e vieram a contribuir para a queda do império.

As fronteiras do Império Romano eram defendidas por uma cadeia de muralhas e fortalezas. A Muralha de Adriano, no Norte de Inglaterra, foi construída entre 122 e 136. Fazia parte de uma zona defensiva, com uma extensão de muitos quilómetros.



ITÁLIA

A Itália tinha um estatuto privilegiado no Império Romano. Por exemplo, no princípio estava isenta de impostos. Mas, embora tivesse muitas cidades florescentes, tornou-se um problema. Um deles era que as outras províncias em breve começaram a fornecer a mais baixo preço tudo o que a Itália produzia, incluindo os cereais, o vinho e bravos soldados. O governo incentivou a agricultura na Itália, pondo à disposição dos agricultores empréstimos a juros baixos, concedendo abonos para os filhos, abrindo estradas e concedendo terras. A Itália, porém, passou a ser um país de grandes latifúndios pertencentes a um pequeno núcleo de gente abastada, contrastando com a pobreza dos agricultores que lutavam pela sobrevivência.

O Mundo em 117 d.C.

Em 117, o Império Romano alcança a sua extensão máxima, desde a Bretanha a norte e Hispânia a ocidente, até à Mesopotâmia a oriente. No Mediterrâneo Oriental, a influência grega é ainda muito marcante, a sua cultura é admirada por todos e o grego é a língua das pessoas cultas. Mas, a norte, o império é ameaçado pelos Bárbaros, que começam a movimentar-se para sul e para ocidente. Na China, durante a dinastia Han, estabelecem-se padrões de vida que perduraram durante 1800 anos, enquanto na América Central surge a civilização maia.



Este escudo celta de bronze data provavelmente do século I. Foi encontrado no Tamisa, em Battersea, Londres. O desenho central é composto por quatro cabeças de coruja estilizadas, formando um padrão decorativo.



1 América. Na América Central o poder é disputado por pequenas cidades-estados. Os Maias constroem nas florestas centros de culto e usam uma forma própria de escrita hieroglífica.

2 Na costa peruana produzem-se cerâmicas e têxteis.



Figura de cerâmica, México



Fragmento de cerâmica, Peru



Cabeça celta, de bronze

3 A Europa, a oeste do Reno e a sul do Danúbio, prospera graças ao comércio e absorve a cultura romana. Ao longo destes rios as tribos "bárbaras" resistem às tentativas de conquista.

4 O Norte de África prospera sob a égide de Roma; cultivam-se a vinha, os cereais e as oliveiras em terrenos irrigados e edificam-se cidades.

5 Mediterrâneo Oriental. Roma permite que as antigas cidades conservem os seus costumes; a região mantém-se unificada graças à cultura e à língua gregas. Os Judeus opõem-se ao domínio de Roma, mas a Judeia é finalmente aniquilada no ano 130.

6 Egipto. Sob o governo romano, um "rio de cereais" corre do Egipto para Roma, enquanto Alexandria é um centro de comércio e cultura.



Em baixo: um acampamento militar romano era como uma pequena cidade. Construído segundo um padrão uniformizado, tinha áreas especiais separadas, destinadas aos altos comandos, aos soldados, a estábulos, etc. Hábitos familiares e rotineiros em regiões estranhas ajudavam a manter a moral elevada e a eficácia das forças romanas longe da pátria.



Os imperadores Han, da China, governaram o seu vasto território com a ajuda de um exército de servidores civis. Estes funcionários eram tratados com grande respeito. Todas as regiões do império eram regularmente inspeccionadas. Nesta figura é um cortejo de funcionários saudado com tambores e fanfarras.

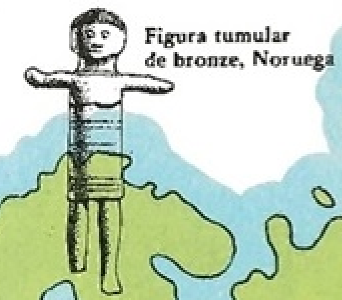


Figura tumular de bronze, Noruega

8 A Mesopotâmia e a Arménia ficam sob o domínio romano na época de Trajano, mas em breve Adriano estabelece a fronteira romana no Eufrates e faz um tratado com os governantes partos da Pérsia e da Ásia Central.



Leopardo de bronze dourado, China



Estátua de Buda, Índia

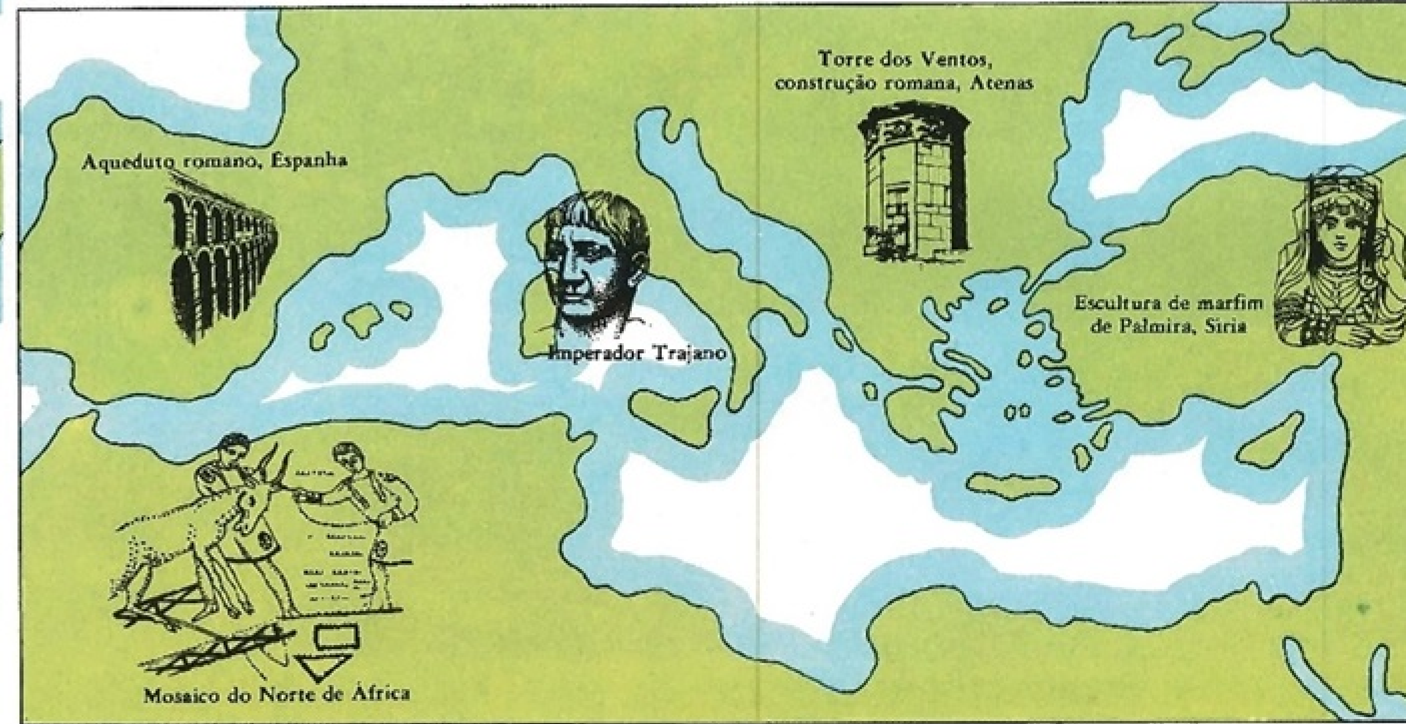


Torre do Farol de Alexandria

10 A China é unificada no século III a.C.; estabelece-se um forte governo central, exercido mediante um amplo corpo de funcionários. Exporta-se a seda para ocidente e o bronze começa a ser substituído pela cerâmica.

9 A Índia, unificada durante a Dinastia Mauria, entre 324 e 138 a.C., é agora dominada pelos Cuxanas, que mantêm estreitas ligações comerciais com Roma.

7 Roma. O Império Romano alcança a sua máxima extensão durante o governo de Trajano, mas já alguns dos problemas primordiais se fazem sentir, entre eles a questão da sucessão do imperador e a pobreza da Itália.





Torre dos Ventos, construção romana, Atenas



Mosaico do Norte de África

O Império Romano fora da Europa



Ruínas de Palmira, na Síria. Esta cidade tornou-se muito importante sob o domínio de Roma. Nos finais do século III a rainha Zenóbia declarou o país independente; foi aprisionada pelo imperador romano Aurélio, em 272, e em 273 a cidade foi destruída.

Antes de os Romanos chegarem, já se encontravam na Anatólia, no Próximo Oriente e no Egipto civilizações com 1000 e até 2500 anos de existência. Com o tempo, os povos que aí habitavam tinham-se acostumado ao domínio de grandes impérios e em muitos aspectos eram bem mais civilizados que os Romanos. Estas civilizações, bastante prósperas, tinham importantes centros de cultura. Quando Roma assumiu o controle destas regiões, não tentou impor-lhes a sua cultura; interessou-se pela continuidade e desenvolvimento de antigos padrões de comércio e de vida urbana, de arte e de agricultura.

O GOVERNO ROMANO NAS PROVÍNCIAS
Até ao primeiro imperador, Augusto (27 a.C.-14 d.C.), as províncias romanas eram governadas por políticos romanos não remunerados, responsáveis pelo cumprimento da lei, pela manutenção da ordem e pela cobrança de impostos. É evidente que muitos governadores aproveitavam a oportunidade para fazer fortuna, havendo frequentes queixas por parte das populações. Augusto, porém, remodelou toda esta organização. Nomeou governadores remunerados e permitiu que as províncias apelassem directamente a Roma, caso se considerassem injustamente governadas. Permitiu que as cidades antigas do Oriente se autogovernassem de acordo com as suas tradições. Além disso, os imperadores eram generosos nas doações às cidades e concediam fundos para construção de aquedutos, mercados e anfiteatros.

PRINCIPAIS IMPERADORES

27 a.C.-14 d.C.	Augusto
14-37	Tibério
37-41	Caio (Calígula)
41-54	Cláudio
54-68	Nero
69	Ano dos quatro imperadores
69-79	Vespasiano
79-81	Tito
98-117	Trajano
117-138	Adriano
161-180	Marco Aurélio
284-305	Diocleciano
306-337	Constantino I



a.C.	CRONOLOGIA
264-146	Roma derrota Cartago e estabelece províncias além-mar
197-63	Roma controla a Grécia, a Anatólia e o Próximo Oriente
30	O Egipto cai sob o domínio de Roma
d.C.	
14-138	Os imperadores romanos expandem e fortalecem o império, que atinge a sua máxima extensão no tempo de Trajano (98-117)
235	O império é ameaçado pelos Persas, a leste, e pelos Bárbaros, a norte
286	Diocleciano divide o império na tentativa de facilitar o governo e a defesa
306-337	Constantino, o Grande, reunifica o império e funda a nova capital em Bizâncio (Constantinopla). Depois da morte de Constantino, o império é novamente fragmentado
476	Depois da queda do império no Ocidente o Império Romano do Oriente prossegue e fortalece as ligações a leste

Roma domina o Leste

Roma conseguiu os primeiros territórios além-mar depois de derrotar Cartago e de se apoderar das suas colónias. Este facto fez de Roma uma potência temida. Nesta altura, o Mediterrâneo Oriental era dominado por poderosos reinos rivais, governados pelos reis gregos descendentes dos generais de Alexandre, que tinham dividido o império entre si. Estes reinos estavam em constantes lutas para conquistarem novos territórios. Roma, a nova grande potência do Mediterrâneo, surgia como uma aliada útil na luta pelo poder.

Por várias vezes, Roma foi chamada a negociar com os ambiciosos governantes da Macedónia e da Síria, que ameaçavam os reinos de Rodes e de Pérgamo. A princípio, Roma combatia apenas para manter um equilíbrio de forças no Oriente e também pelas fabulosas recompensas dos saques. Mas os problemas eram tantos que os Romanos, impacientes, passaram a controlar toda a região. Finalmente, em 30 a.C., invadiram o Egipto, o mais próspero de todos estes reinos. Assim se completava a conquista romana a oriente.

ÁFRICA

O domínio romano em África alastrou ao longo de toda a costa mediterrânica e no interior prolongou-se até onde montanhas ou o deserto constituíam uma barreira natural. Construíram-se quilómetros de canais de irrigação para transportar a água até aos terrenos de cultura de cereais, vinha e oliveiras. Cidades antigas, como a Cartago fenícia e a grega Cirene, floresceram, e novas cidades, tais como Timgad, na Argélia, tornaram-se famosas pela sua magnificência. Nunca o Norte de África foi tão próspero, porque, depois de os Romanos terem sido derrotados no século V, em África, pelos Vândalos, o deserto foi crescendo até às regiões férteis.

O Egipto era um caso especial. Tinha muito mais em comum com as cidades da Anatólia há muito estabelecidas do que com todo o resto da África. Era também especialmente importante pelos seus cereais, fonte de abundância para Roma.

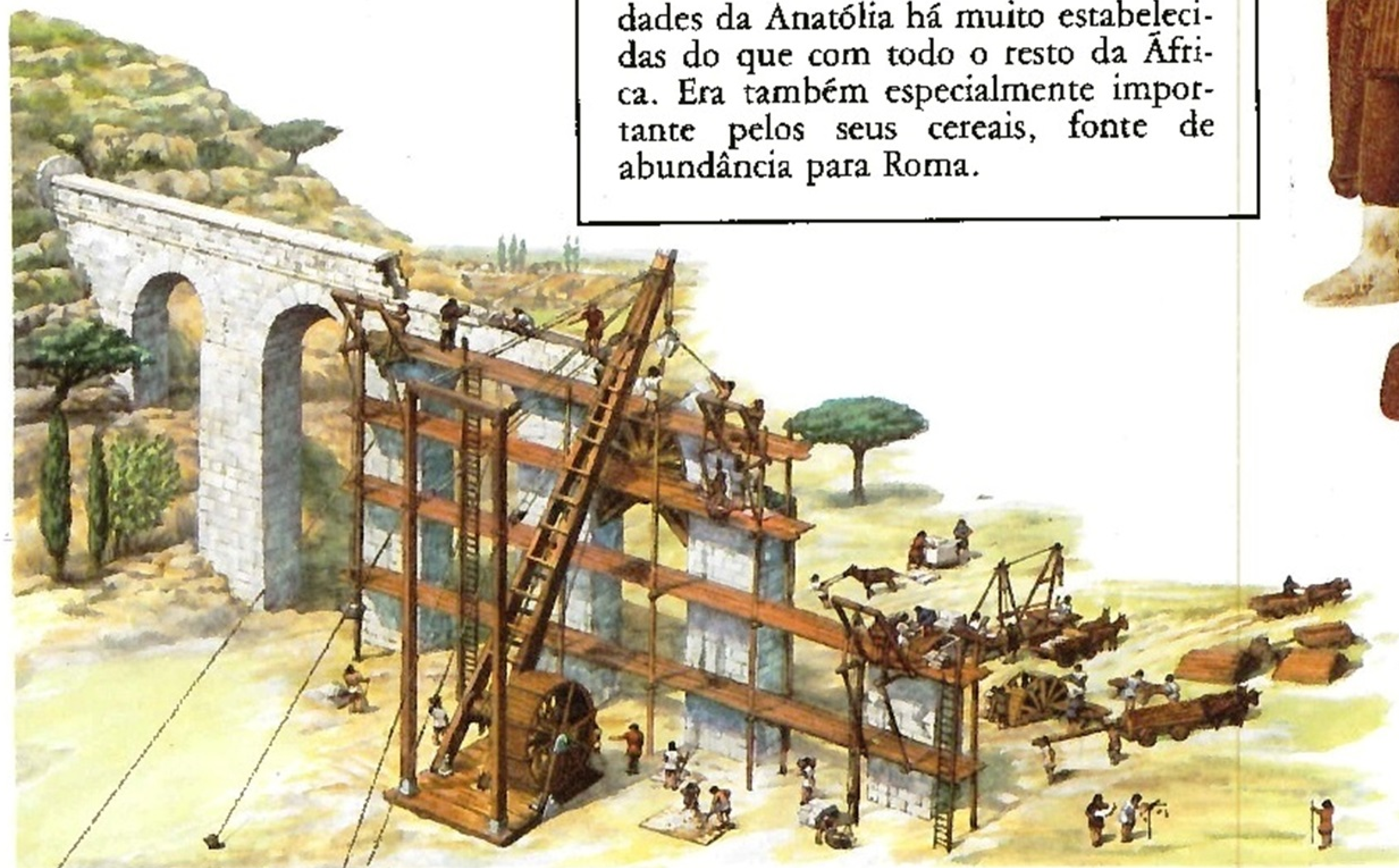
O desmembramento do império

O Império Romano em breve provou ser demasiado vasto para poder ser controlado firmemente. O exército foi aumentando para fazer face aos ataques de povos aguerridos, para além das fronteiras, mas outros problemas surgiram quando os poderosos comandantes do exército propuseram para imperador os seus próprios candidatos. Imperadores fracos, invasores bárbaros e crises económicas tornaram o império quase ingovernável. Diocleciano decidiu reestruturar completamente o império. Em 286 d.C., dividiu as províncias e o exército em unidades mais pequenas, todas firmemente controladas pelos seus colaboradores mais próximos. Dividiu o império em duas zonas, o Ocidente e o Oriente, e nomeou um imperador para governar o Ocidente; ele próprio governava o Oriente e detinha o poder supremo. O sistema não resultou por muito tempo, mas mostrou que o próspero Oriente era agora mais importante. O imperador mais poderoso do século IV, Constantino, *o Grande,* transferiu a capital de Roma para Bizâncio, que passou a chamar-se Constantinopla. Mesmo depois de o Ocidente, cada vez mais fraco, sucumbir em 476 às invasões bárbaras, o Império do Oriente permaneceu ainda forte durante séculos.



Os problemas da administração do império levaram Diocleciano a dividi-lo em duas zonas, o Ocidente e o Oriente. Estabeleceu uma tetrarquia: dois co-imperadores (Augusti) *com dois vice-imperadores* (Caesari) *que lhes sucederiam 20 anos depois. Esta escultura mostra os quatro governantes a abraçarem-se em sinal de amizade.*

A técnica dos Romanos em matéria de engenharia contribuiu largamente para a prosperidade das cidades de África e do Próximo Oriente. Os imperadores subsidiaram a construção de obras dispendiosas, mas essenciais, tais como o aqueduto que se vê em baixo. Os aquedutos transportavam a água por longas distâncias para abastecer as cidades e irrigar os campos.



Os Bárbaros



Dragão de um escudo de Sutton Hoo (século VII d.C.)

Punho de espada, Noruega (século VI d.C.)

A Europa imediatamente antes das migrações dos Bárbaros. No século I, os Romanos tentaram alargar as fronteiras para além do Reno, mas as legiões romanas eram presa fácil para os bandos de bárbaros ao atravessarem as densas florestas.

O Império Romano na Europa estendeu-se para oriente e para norte até aos rios Reno e Danúbio. Dentro do império o povo celta em breve adoptou os costumes romanos, mas ao longo das extensas fronteiras, nas florestas e nas montanhas da Europa Central e Oriental, viviam povos aguerridos a quem os Romanos chamavam ''bárbaros'', devido ao som ''bar-bar'', característico das suas línguas.

Quem eram o Bárbaros? Ainda hoje não se sabe. De acordo com as suas tradições, são originários da Escandinávia e das terras bálticas. Migraram para sul e fixaram-se durante algum tempo antes de se deslocarem novamente para outras regiões. Entre meados do século III e o século VI movimentaram-se tanto que se costuma chamar a este período a Era das Migrações.

Os Romanos desprezavam os Bárbaros. Todavia, embora não vivessem em cidades e possuíssem apenas um sistema de escrita rudimentar, tinham costumes e leis bem organizados e uma técnica avançada no trabalho de metais; e os seus menestréis compuseram longos e emocionantes poemas. Eram, além disso, bravos guerreiros: detiveram a expansão romana e invadiram e saquearam acampamentos romanos. Quando as tribos se aliaram durante a Era das Migrações, acabaram por transpor as fronteiras e derrubar o Império Romano.

As casas e as quintas

Os Bárbaros viviam em aldeias rurais. Mesmo depois de terem invadido o Império Romano do Ocidente, mantiveram-se afastados das cidades construídas de pedra. Uma aldeia bárbara era composta de casas com sólidas estruturas de madeira: as paredes eram uma espécie de esteiras entrançadas, recobertas com uma camada espessa de argila (processo chamado de ''caniçada e adobe'').

Dentro da casa havia filas de traves que sustentavam o telhado de colmo. A casa dividia-se em duas partes, uma para a família, outra para os animais domésticos que constituíam preciosa fonte de aquecimento durante o Inverno. A maior casa da aldeia pertencia ao chefe e ficava isolada, rodeada por oficinas.

Os Bárbaros possuíam gado bovino, de que aproveitavam o couro, a carne e o leite. Alguns criavam carneiros e cabras e os porcos andavam à solta, alimentando-se nas florestas circundantes. A criação de gado era mais importante que as sementeiras; no entanto, os agricultores cultivavam o trigo, a cevada, o centeio, as ervilhas e os feijões.

Os Bárbaros prendiam os mantos com fíbulas como esta, cravejada de granadas. Estes objectos preciosos eram fabricados por ourives que andavam de terra em terra. Longe de serem primitivos e ignorantes, os povos bárbaros realizaram em metal obras de excelente qualidade.



Barco de Nydam, descoberto numa turfeira no Norte da Alemanha. É o único exemplar existente do tipo de barco usado pelos Anglos, Saxões, Jutos e Frísios para fazerem a travessia do mar do Norte para invadirem a Inglaterra. Tem 21 m de comprimento e são precisos trinta remadores para o mover. Os enormes barcos vikings que aparecerão 400 anos mais tarde têm uma concepção muito semelhante à deste.



Rotas comerciais ligavam as regiões remotas do Norte da Europa aos litorais mediterrânicos. Esta maravilhosa bacia de prata está decorada com uma variedade de figuras animais e humanas. Patenteia tanto influências célticas como trácias, mas foi, de facto, descoberta em Gundestrop, na Dinamarca, bastante a norte.

a.C.	CRONOLOGIA
c. 200	Povos que vivem na região do Báltico, no Norte da Europa, começam a deslocar-se para sul e para leste, acabando por ocupar vastas regiões da Europa Central e Ocidental
d.C.	
c.250-550	Era das migrações, período confuso de hostilidades tribais e movimentações imensas de povos
c. 370	Os Hunos, nómadas ferozes da Ásia Central, dirigem-se para o Sul da Rússia e para a Europa Central; daí os Godos e Vândalos deslocarem-se para ocidente
445-453	Os Hunos, sob a chefia de Átila, atacam Constantinopla. O imperador do Império Romano do Oriente negoceia a paz. Átila invade então a Gália, mas é derrotado pelo imperador do Ocidente. Depois da sua morte, o império de Átila fragmenta-se
476	Roma é conquistada por tribos germânicas. O Sul da Bretanha, a Gália, a Espanha e o Norte de África estão dominados por tribos bárbaras

O sistema tribal

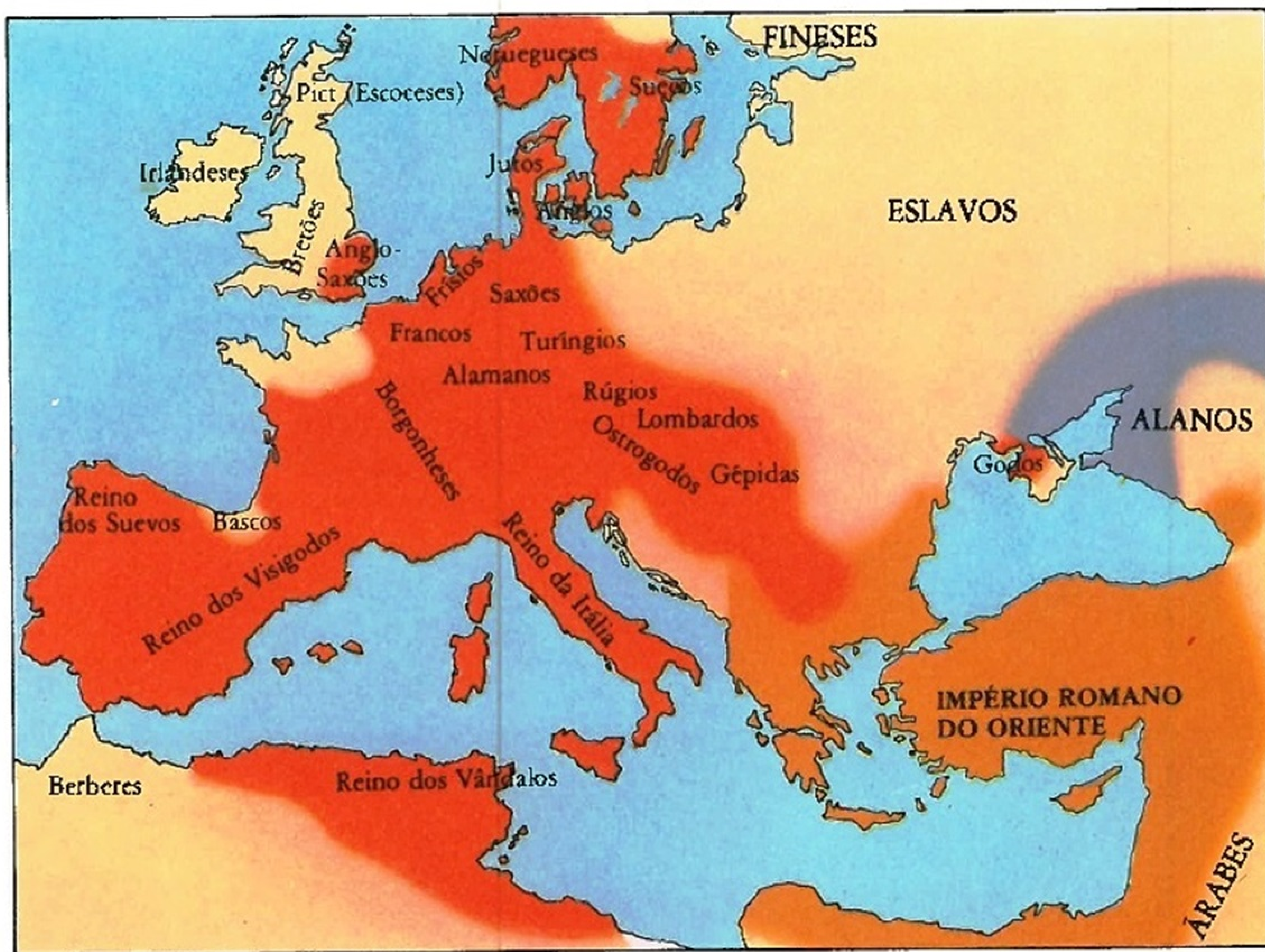
Os historiadores agrupam os Bárbaros em "povos", tais como Godos, Vândalos, etc., de acordo com a língua e as tradições de cada um. Mas não havia unidade no que respeita às tribos de cada um destes povos. Cada tribo era uma unidade independente que preservava ciosamente os seus direitos. Dentro da tribo havia uma série de parentescos consanguíneos *(kindreds)*, intimamente unidos, ou grupos de famílias.

A assembleia de guerreiros e o conselho dos mais velhos discutiam os assuntos da tribo. Os chefes ou reis eram eleitos e tinham que ser guerreiros consumados, pois os Bárbaros eram ferozes lutadores. Em poemas cantados nas festas louvavam-se os que tinham preferido morrer a recuar.

Durante a Era das Migrações, o sistema tribal foi enfraquecendo à medida que povos vindos de Oriente começavam a forçar as tribos sedentárias a abandonar as terras. Por sua vez, estas atacavam os vizinhos mais fracos ou dispersavam-se. Os jovens juntavam-se em grupos guerreiros, comandados por um chefe forte que lhes prometia riquezas em troca de lealdade. As vilas e cidades da Gália romana eram por vezes o alvo das incursões destes bandos.

Os Romanos recrutavam muitos bandos de bárbaros aliados para lutarem a seu favor; alguns deles chegaram a ocupar postos de relevo no exército romano. Ao aproximar-se o fim do império, os Bárbaros puderam fixar-se dentro das fronteiras romanas. Mas, com governadores fracos, estes povos eram tão difíceis de controlar como os que estavam fora das fronteiras. Um dos seus chefes, o godo Alarico, conduziu o seu povo, das terras que lhes tinham sido dadas, para a Itália, com o fim de saquear a própria cidade de Roma.

A Europa no tempo da queda de Roma, em 476. Transpostas as fronteiras, os Bárbaros depressa invadiram a Europa e parte do Norte de África. O Império Romano do Ocidente ficou reduzido a uma pequena área do que hoje é a Jugoslávia, que, 12 anos mais tarde, foi ocupada pelos Ostrogodos.



Esta ombreira faz parte do par encontrado em Sutton Hoo, no Leste da Inglaterra, num navio funerário. Datam de cerca de 625 e o rei que as usou possuía armaduras e jóias maravilhosas. Estas ombreiras são esplendorosamente trabalhadas e cravejadas com granadas e vidro. As peças de joalharia bárbara encontradas em Sutton Hoo são normalmente consideradas das mais belas e perfeitas jamais descobertas.



O Continente Americano

Aproximadamente em 26 000 a.C., devem ter chegado ao continente americano os primeiros homens. Nessa altura, uma faixa de terra unia a Ásia ao Alasca, pela qual, provavelmente, atravessaram povos caçadores da Idade da Pedra, que se tornaram assim os antepassados dos Americanos. Foi descoberta uma série de vestígios que indicam que os caçadores habitaram no Norte do Alasca por volta de 24 000 a.C., e no México por volta de 22 000 a.C. Em 10 000 a.C. alcançou-se pela primeira vez a extremidade meridional da América. O continente americano era uma imensa região de florestas, desertos, planícies e montanhas. Em cada região, os habitantes enfrentavam um tipo diferente de exigências e, com o tempo, começaram a descobrir o modo mais eficaz de adaptação ao meio ambiente. Em muitas zonas era a caça, acrescida de reservas alimentares, como sementes e fruta, que garantia a sua subsistência. Até ao século XIX, muito depois de os Europeus terem chegado, pouco ou nada se alterou; não havia a necessidade de agricultura quando era fácil encontrar alimento deste modo.

Com o desenvolvimento da agricultura, como aconteceu antes de 3000 a.C., no vale de Tehuacán, no México, começaram a cultivar-se três produtos principais: o milho, o feijão e a abóbora. Antes de 1500 a.C., apareceram as primeiras aldeias nestas áreas; na costa do Peru floresceram aldeias e até cidades des-



de 3000 a.C. Havia aqui uma excelente reserva de peixe e marisco, mas, muito gradualmente, as populações foram-se tornando agrícolas. As sementeiras incluíam a batata e a batata-doce, cultivadas pela primeira vez nos Andes.

Em todo o continente americano cresceram grandes comunidades de caçadores e agricultores. Contudo, apenas em duas regiões principais se desenvolveram civilizações urbanas: na América Central e na costa noroeste da América do Sul, nas vizinhanças dos Andes.



A cultura mochica do norte da costa peruana produziu maravilhosa cerâmica durante os primeiros 500 anos da nossa era. A cerâmica era enformada em moldes, pois a roda de oleiro era ainda desconhecida.



Este pavimento olmeca ostenta a forma de cabeça de jaguar. Tem quase 3000 anos, mas está muitíssimo bem conservado, dado que foi tapado pelos Olmecas pouco depois de ter sido feito. Por vezes, os Olmecas representavam seres humanos com presas e garras como os jaguares.

OS OLMECAS

A primeira civilização da América Central de que temos conhecimento, a dos Olmecas, floresceu por volta de 1300 a.C. nas florestas pantanosas tropicais da costa do golfo do México. Os principais lugares olmecas não eram cidades, mas centros cerimoniais; tinham templos de arquitectura cuidada, plataformas e pátios, mas poucas casas.

De entre os vestígios olmecas mais impressionantes contam-se as cabeças gigantes, esculpidas em enormes blocos de pedra; a maior tem cerca de três metros de altura. Os traços carregados, com lábios grossos, aparecem também em outras esculturas olmecas. Embora não haja centros olmecas fora da região costeira, a influência desta civilização difundiu-se através das rotas comerciais para oriente e ocidente.

OS MAIAS

Para sudoeste da região olmeca, numa outra área das florestas tropicais, cresceu a civilização maia. Tal como os Olmecas, tinha ricos centros de culto, mas não propriamente cidades. Cada um dos quatro principais centros governava um quarto da região maia, mediante uma rede de centros menores. Os Maias, em geral agricultores que viviam em pequenas aldeias, construíram templos em forma de pirâmide e maravilhosos palácios com pinturas murais e esculturas de pedra. Também esculpiam o jade, a turquesa e uma pedra esverdeada chamada "serpentina". Fabricavam cerâmica pintada e erigiram enormes placas de pedra curiosamente esculpidas; eram os astrónomos mais avançados da América Central. A civilização maia nasceu por volta de 1000 a.C. e durou até cerca de 911 d.C., altura em que sucumbiu sem que ninguém saiba porquê. A população ou morreu ou deslocou-se para outros lugares, deixando a selva crescer sobre as ruínas.

América Central

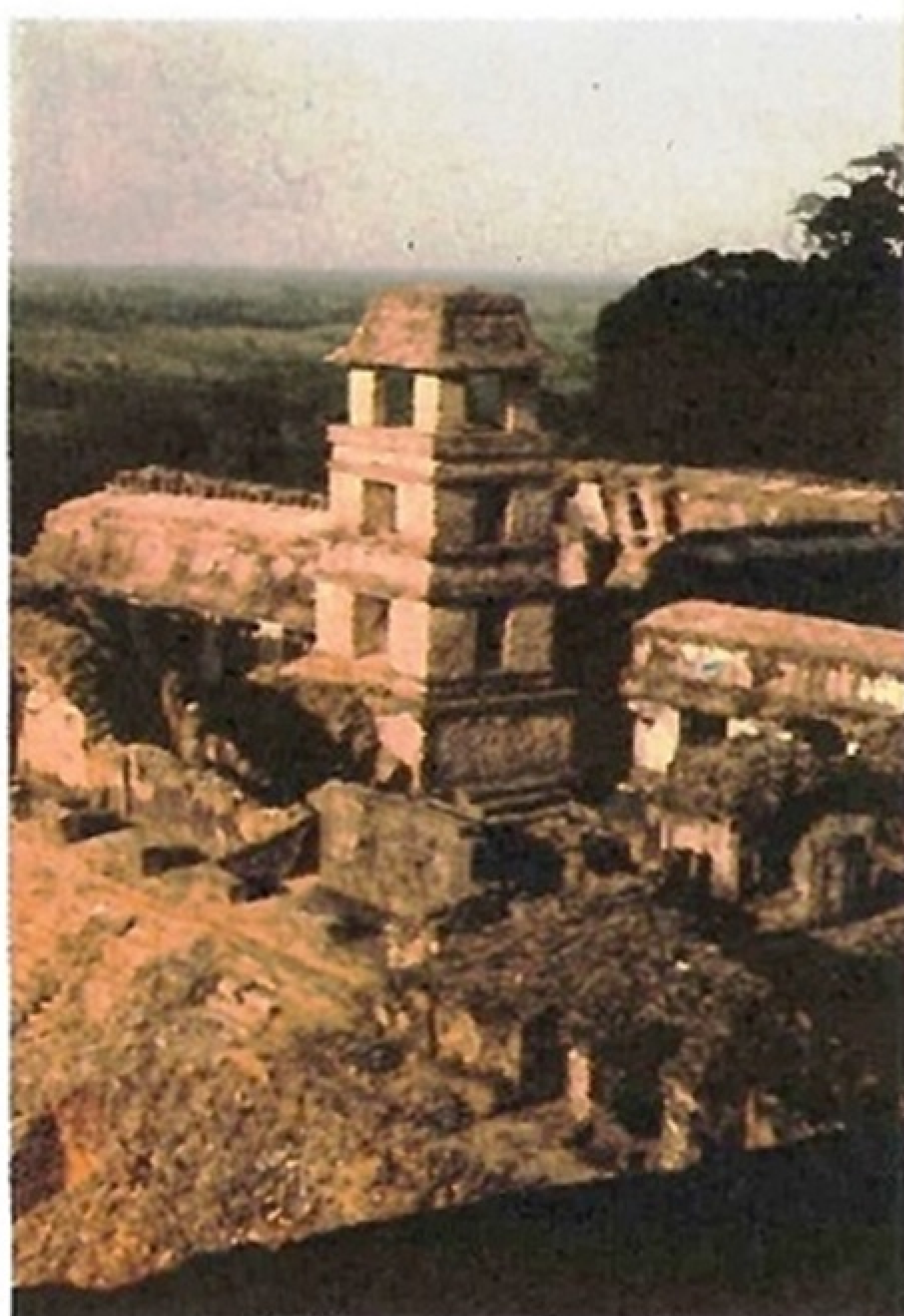
A América Central, faixa de terra que liga o Norte ao Sul da América, é uma região de altas montanhas vulcânicas, limitada a oriente e a ocidente por estreitas planícies costeiras. O clima varia de acordo com a altitude: às quentes e húmidas florestas tropicais das planícies sucedem-se os planaltos mais frios e secos e, finalmente, as altas regiões montanhosas, geladas e áridas.

As diferentes civilizações que floresceram na América Central tinham várias coisas em comum. Partilhavam muitos dos mesmos deuses e tinham mitos semelhantes; edificaram pirâmides em degraus e faziam sacrifícios humanos. Desenvolveram sistemas de escrita hieroglífica e uma aritmética baseada no número 20. Eram, além disso, excelentes astrónomos. Organizaram um calendário rigoroso, com o ano dividido em "meses" de 20 dias; havia um segundo ciclo sagrado de 260 dias. Os campos de desporto eram uma das características importantes de todas as grandes cidades, onde se praticava um jogo em que os participantes, com fatos almofadados, tentavam lançar uma bola pesada de borracha para além de uma linha central.

Depois do domínio da civilização olmeca, o poder passou das planícies para os planaltos do México, onde as cidades-estados disputavam a hegemonia. Entre elas contava-se Teotihuacan, numa extremidade do vale do México; no ano 500 d.C., vivia ali uma população de 50000 habitantes. Era a mais poderosa de todas as cidades-estados, tinha uma vasta zona dedicada ao culto e com casas construídas num plano rectangular; havia senhores, sacerdotes, administradores e soldados. Os artífices ocupavam áreas próprias, de acordo com o ramo. A cerâmica de Teotihuacan era comercializada numa vasta área e a influência da sua arte é patente em toda a América Central.

CRONOLOGIA

a.C.	AMÉRICA CENTRAL	AMÉRICA DO SUL
5000	Caça e recolha de alimentos	Comunidades piscatórias e agrícolas
3000	Primórdios da agricultura; crescimento das primeiras comunidades semi-sedentárias; fabrico das primeiras peças de cerâmica no México	Aparecimento da cerâmica no Equador. Grandes aldeamentos permanentes na zona costeira
2000	Construção de aldeias sedentárias	Sistemas de irrigação em pequena escala
1000	Construção dos primeiros centros de culto na região do Oaxaca. Civilização olmeca na costa do Golfo	Construções de enormes centros de culto. "Culto do Gato"
d.C.		
0	Florescimento da civilização maia na Guatemala. Aparecimento de Teotihuacan	Culturas mochica e nazca na região costeira
500	Apogeu dos grandes centros maias. Apogeu também de Teotihuacan	



O Palácio, em Palenque, um dos grandes centros maias. Centros como este, construído nas terras baixas tropicais da América Central, eram constituídos por complexos campos de jogos, templos e torres.

Depois de 1800 a.C. o desenvolvimento da irrigação proporcionou uma agricultura intensiva no Peru. Os Peruanos aprenderam em breve a fazer socalcos nas vertentes íngremes das montanhas para poderem fazer as suas sementeiras.

América do Sul

A região noroeste da América do Sul é muito diversa da América Central. Ficando perto dos Andes, aqui a costa do Pacífico é seca, quase desértica.

A primeira civilização da América do Sul floresceu no Peru. Por volta de 1800 a.C. desenvolveram-se sistemas de irrigação e em breve começaram a aparecer grandes aglomerados. As vertentes íngremes das montanhas foram transformadas em socalcos para que até a mais pequena parcela de terra pudesse ser aproveitada. Aproximadamente na mesma altura começou-se a fabricar cerâmica. A primeira grande cultura que se difundiu por esta região foi a cultura chavín, que conhecíamos mediante os seus vestígios em Chavín de Huantar, no cimo dos Andes. Existiram aqui plataformas de pedra em andares, terraços e subterrâneos decorados com esculturas de bestas antropomórficas, muitas vezes com boca ameaçadora de jaguar. A cerâmica, os trabalhos de metal e os têxteis também eram decorados com imagens sagradas, que incluíam jaguares, águias e cobras.

A influência chavín perdurou desde 1000 a 300, após o que não houve nenhuma outra cultura dominante, embora se tenha notícia da existência de pelo menos seis nações. A mais conhecida é a Mochica, na costa norte; o seu povo construiu templos de tijolo de barro e enormes aquedutos e canais para irrigar as terras de cultura.



O Mundo em 500 d.C.

Com a queda final do Império Romano do Ocidente devido às invasões bárbaras, o mundo mediterrânico ficou para sempre desmembrado. O Ocidente não tem uma organização central firme e passa a ser formado por numerosos pequenos Estados independentes, unidos apenas pelo facto de serem cristãos. A parte oriental do império continua o antigo sistema do grande império, estreitando ligações com o Oriente; em breve se espalha a nova religião islâmica. A moderna concepção europeia de Oriente e Ocidente começa a tomar forma.

No século VII, os povos da Arábia uniram-se sob uma nova fé, o islamismo, fundada pelo profeta Maomet. Entre 632 e 717, os muçulmanos, como são conhecidos os seguidores do Islão, controlaram o Norte de África, a Espanha e grande parte da Ásia, mas não o reduzido Império Romano do Oriente.





Número hieroglífico maia



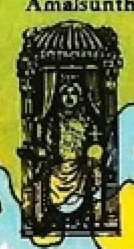
Vaso de cerâmica mochica



Broche em forma de águia, Espanha



Copo bárbaro de vidro em forma de garra

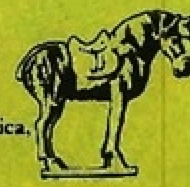


Amalsuntha, imperatriz ostrogoda, de Itália

Prato sassânida de prata, Pérsia



Buda de bronze, Índia



Cavalo de cerâmica, China



Figura de cerâmica, Japão

1 **Continente americano.** Em 500, a cidade de Teotihuacan, no México, tem uma população superior a 50000 habitantes. Nas terras baixas da América Central, os Maias têm grandes centros de culto, mas não há praticamente cidades. Na costa do Peru os índios Mochica e Nazca fabricam preciosas peças de cerâmica, têxteis e objectos de ouro.

2 **Europa Ocidental.** Os Bárbaros invadem e derrotam o Império Romano, que acaba por capitular. As formas de vida romanas, embora não sejam destruídas de imediato, acabarão por se desvanecer por falta de um controle central. Todavia, o latim permanece a língua do ensino e da Igreja, ainda hoje centrada em Roma.

3 **Norte de África.** As colónias de Roma caem depois das invasões bárbaras; dentro de 200 anos, o aparecimento e a difusão do islamismo favorecerão mais os laços com o Oriente que com o Ocidente.

4 **Império Romano do Oriente.** Depois da queda do Ocidente, o Império do Oriente, mais poderoso e mais próspero, pouco se altera até à difusão do islamismo.

5 **Índia.** Os reinos budistas do Norte da Índia e do Afeganistão desaparecem nos finais do século V, após a invasão dos Hunos Brancos.

6 **China.** À queda da Dinastia Han, em 220 d.C., segue-se o aparecimento de estados aguerridos e de invasões bárbaras, no Norte. Os refugiados contribuem para fortalecer a influência chinesa no Sul. Em 500, o imperador tártaro proíbe no Norte a língua e os costumes tártaros; aqui, são os Bárbaros que, em lugar de destruírem uma civilização, lhe adoptam os costumes. O budismo é estabelecido no Extremo Oriente.



Mosaico do século VI, (Nordeste da Itália), que representa Cristo com S. Vital. Ravena, baluarte dos Ostrogodos no século V, foi conquistada pelo Império Romano (bizantino) do Oriente, no século VI. Por volta de 750 caiu sob o domínio dos Lombardos e, mais tarde, dos Francos.

Índice dos Nomes Citados

A

Acádios 21, *21*, 22
Acrópole de Atenas *36*
Afeganistão *21*, 32, 33, 59
África 11, 13, 27, *27*, 44, 45
  do Norte 15, 27, 45, 48, 51, 53, 59
Agricultura 8, *9*, 15, 16, 17, 20, 21, 24, 26, *26*, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 44, 47, 48, 49, 53, 54, 56, 57
Água, abastecimento de 8, *29*, *32*, *49*, 52, *53*
Alarico, o godo 55
Aldeias 8, *9*, 16, 17, *17*, 19, 20, 24, 30, 33, 34, 47, 54, 56, 57
Alexandre Magno, rei da Macedónia 33, 41, 42, *42*, 43, 53
Alexandria 43, 50
Alfabeto 19, 36
Algodão 32, 47
Amarelo, rio 46, 47
América 11, 16, 30, 38, 50, 56, 57, 58
  Central 16, 30, 38, 50, 56, 57, 58
  do Norte 38
  do Sul 11, 30, 38, 56, 57, 58
Amorreus 22, 44
Anatólia 16, 18, 19, 23, 25, 28, 30, 31, 34, *34*, 35, *35*, 43, 44, 45
Andros 33
Antigónidas 43
Arábia 20, 27, 45, *59*
Arados 21, 26
Arameus 23, 44
Árias 33
Armas 11, 14, 15, 18, *21*, 22, 27, 28, *29*, 30, 33, 34, 35
Arqueologia *8*, 9, 32
Arroz 27, 47
Artaxerxes II, rei da Pérsia 41
Artesanato 12, 17, 21, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, *33*, 34, *35*, 40, 41, 45, *45*, *46*, 47, *47*, 49, 57
Ásia 13, 16, 17, 18, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 53, 59
Ásia Menor *ver* Anatólia
Asoca 33
Assíria 22, 23, *23*, 30, 35, 40, *40*, *45*
Assur 22, 23
Atenas 29, *36*, *36*, 37, *37*, 38, 39, 41
Augusto, imperador de Roma 52
Austrália 11
Áustria 30, 38

B

Babilónia 22, *22*, 23, *23*, 30, 31, 41, 43
Bactriana 33, 43, 47
Bárbaros 49, 50, 53, 54, 55, 58, 59
Barcos *16*, *20*, 21, *23*, 26, 47, *54*
Barcos e marinheiros 27, 28, 36, 37, 41, 45, *45*, 54
Batata-doce 27
Bizâncio (Constantinopla) 53, 59
Bois 21, *26*, *26*, 33, 37
Bretanha *9*, 30, 45, 48, 50, 52, *55*
Bronze *9*, 16, 17, 18, *21*, *28*, *29*, 30, 31, 34, 39, *47*, 49, *50*, 51
Bronze, Idade do *9*, 18, 29
Budismo 13, 39, 59

C

Cabras 8, 15, *21*, 26, 27, 34, 54
Caça 8, 11, *11*, 14, *15*, 16, 19, 20, 26, 27, 28, 34, *47*, 56
Cães *8*, 26
Cálculo 21, 57
Cambises, rei da Pérsia 41
Camelos 26, 47
Canaã 44, 45
Carneiros 8, *15*, 21, 26, 27, 34, 47, 54
Carros 9, *21*, 22, *23*, 26, 31, 44, 47
Cartago 27, *38*, 45, 48, 53
Cartum 27
Casas 8, *16*, *17*, 21, *26*, 33, *34*, *37*, *47*, *49*, 54
Cáspio, mar 40
  planície do 40
Cassitas 20, 30, 31
Çatal Hüyük *12*, 34, *34*
Cavalos 18, 22, 25, 26, *37*, 41, 45
Celeiros 25, 28, *31*, 33
Celtas 38, 48, 49, *50*, 54, 55
Cerâmica 16, 17, *18*, 19, 21, 27, 28, 30, 32, *37*, 38, 39, *47*, 50, 51, *56*, 57
Cereais 8, 25, 26, *31*, 33, 45, 49, 50
Cevada 26, 32, 34, 40, 47, 54
Chade, lago 27
Chandragupta 43
Chang, dinastia chinesa *19*, 30, 31, 47
Chavín 38, 57
China 8, 11, 13, 18, 19, 30, 31, 39, 46, *46*, 47, *47*, 50, 51, *51*, 59
Chipre 28, 31, 36, 44, 45
Cidades 8, 12, 16, 17, 20, 21, 27, 29, 31, 32, 33, 34, *34*, 35, *35*, 36, *36*, 37, 38, 39, *42*, *43*, 44, 47, 49, *49*, 50, 51, 56, 57
Ciência 43, 57
Ciro II, *o Grande*, rei da Pérsia 33, 41
Citas 33, 35, 41, *41*
Clima 8, 12, 14, 15, 20, 24, 26, 27, 32, 34, 36, 40, 44, 46, 57
Cnossos *18*, *19*, 28, *28*, 29, *29*, 31
Cobre 16, 17, *17*, 18, 25, 28, *30*, 31, 32, 34
Colónias 28, 35, *36*, 39, *39*, 41, 45, 48
Comércio 8, 18, 21, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 37, *38*, 43-53
Confúcio 13, *13*, 39
Constantino, *o Grande*, imperador de Roma 53
Constantinopla (Bizâncio) 53, 59
Construção 8, *9*, 10, 11, *16*, *17*, *20*, 21, 23, 30, 31, 33, *34*, *37*, *42*, 44, 47, *49*, *50*, 54, 57
Coreia 47
Corinto 37
Crescente Fértil *15*
Creta 18, 19, 25, 28, *28*, 29, *29*, 30, 31
Creso, rei da Lídia 41
Cristandade 13, *52*, 58, *58*
Cro-Magnon, Homem de 11, 12, 14, 15
Cultura e literatura 9, 22, 43, 52, 54, 58
Cuneiforme 19, *19*, 22
Cuxe 27
Cuxitas 33, 51

D

Damasco 44
Danúbio, rio 48, 49, 50, 54
Dardanelos 8, 34
Dario I, rei da Pérsia 41
Dario III, rei da Pérsia 41, 42, 43
David, rei de Israel 45
Decão 32
Delfos *37*
Delos *13*
Democracia 37, 38, 39
Desertos 8, 14, 15, 20, 22, *22*, 24, 26, 27, 40, 44, 45, 46, 53, 56
Deuses 12, *12*, 13, *13*, 17, 21, 24, *26*, *37*, *39*
Dinheiro 18, *18*, 19
Diocleciano, imperador de Roma 53
Domésticos, animais 8, 9, 15, 18, 21, *21*, 25, 26, *26*, 27, 32, *32*, 33, 34, 35, 47, 49, 54

E

Éfeso 35, *43*
Egeu, mar 28, 29, 35, 36, 44
Egipto *12*, 16, *16*, 17, 19, *19*, 23, 24, *24*, 25, *25*, 26, *26*, 27, 30, 31, 35, 38, 39, 41, 42, 44, 45, 50, 53
Elão *19*, 21, 22, *40*
Elefantes 32
Engenheiros 42, 49, 53
Equador 16
Eridu 20
Escandinávia 30, *55*
Escravos 25, 37, 45
Escrita 16, 17, *19*, 21, 24, *26*, 29, 31, 36, *40*, 51, 54, 57
Escultura *13*, 16, *33*, *37*, *53*
Escultura de pedra *16*, *23*, 30, 33, 39, 56, *56*, 57
Espanha, Hispânia *11*, 15, 36, 45, 49, 50, 59
Esparta 37, *37*, 38, 39
Estradas 23, 33, 47, 48, 49
Etiópia 27
Etruscos 39, 48
Eufrates, rio 20
Europa 8, 11, 12, 13, 14, 15, *17*, 18, 19, 28, 34, 38, 42, 48, 49, 50, 54, 55
  Central 14, *17*, 38, 50
  do Norte 30, 38, 49, 50
  Ocidental 30, 48, 49, 58
  Oriental 49
Exércitos 18, *21*, 33, 35, 37, *37*, 41, 42, 43, 44, 48, *48*, 49, 55

F

Faraós 9, *9*, 12, 17, 24, *24*, 25, 26, 31
Feijão 16, 54, 56
Fenícios 19, 23, 39, 45, *45*, 48
Ferro 18, 27, 33, 38, 39, 45, 49
Fiação e têxteis 26, 28, 32, 34, 35, 41, 45, 47, 50, 51, 57, 58
Filipe II, rei da Macedónia 37, 42
Filisteus 44
Florestas 8, 15, 27, 28, 36, 40, 45, 49, 50, 54, 56, 57
Fortes 8, *9*, 25, 29, *29*, 33, 35, 38, 48, 49, *49*
França 10, 14, *14*, 15, *15*
Frígios 35
Fronteiras 49, *49*, 53, 54, 55

G

Gado 8, 15, 18, *21*, 26, *26*, 27, 32, 34, 35, 47, 54
Gália 48, *49*, 55
Ganges, rio 18, 32, 33
Gatos *12*, 26
Gaugamelos, Batalha de 41, 43
Gautama 13
Gelo, Idade do 14, 15
Gizé 24
Godos 55
Grécia 8, 12, 19, 28, 29, *29*, 30, 31, 33, *33*, 35, 36, *36*, 37, *37*, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 48, 49, 50, 51, 53
Guatemala 30
Guerra 9, 12, 21, *21*, 22, 23, 24, 29, 31, 33, 35, 37, 39, *40*, 41, 42, 43, 48, 50, 53, 58, 59
Gútios 22

H

Hamurábi 22
Han, dinastia 47, 50, *51*, 59
Harappa *31*, 32, 33
Hatusa 35, *35*
Hesíodo 13
Hicsos 26, 44
Hieróglifos 17, 19, *19*, 50, 57
Hinduísmo *12*, 13
Hititas 8, 22, 23, 31, 33, 35, *35*, 44
Hoão-Hó, rio 46, 47
Homem primitivo 8, 10, *10*, 11, 12, 14, 15
Hunos Brancos 33, 59
Hurritas 35

I

Iansequião, rio 46
Impérios 21, 22, 23, 30, 31, 33, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 48, 49, 50, 51, *51*, 52, 53, 54
Impostos 23, 25, 47, 49, 52
Índia *12*, 13, 17, 18, 19, 31, *31*, 32, *32*, 33, *33*, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 51, 59
Indo, vale do *12*, 17, 18, 21, 31, *31*, 32, *32*, 33
Indo-Europeus 22, 33, 35
Inundações 12, 20, 21, 28, 32, *32*, 46
Irão *ver* Pérsia
Irrigação 8, 20, 21, 24, 26, *26*, 32, 35, 46, 47, 51, 53, *53*, 57
Islão 13, 58, 59, *59*
Israel 44, *44*, 45
Isso, Batalha de 42
Itália 29, 36, 45, 48, 49, 50, 58

J

Jade 47, 57
Jerusalém 45
Jogos 37, 57
Jóias 11, 26, 30, *30*, 38, 41, *43*
Jordão, rio 44, 45
Judaísmo 13
Judeus 44, 51
Júlio César 48

L

Laca 39, *46*
Lao-Tseu 13
Lápis-lazúli *21*, 25, 31
Leis 47, 54
Líbano 25, 44, 45, *45*
Lídia 19, 35, 41
Língua 19, 33, 36, 39, 50, 51, 55, 58
Linho 26, 35, 45

M

Macacos 21, 26, *26*
Macedónia 37, 41, 42, 43, 48, 53
Madeira 25, 40, 44, 45, *45*, 49, 54
Magada 33
Maias 50, 57, *57*, 58
Maiden Castle *9*
Maomet 13, 59
Maratona, Batalha de 41
Marfim 15, *15*, 32, 45, *45*
Mari 22
Masada *44*
Maurias 33, 51
Medos 23, 35, 40, 41
Mediterrâneo 8, 18, 21, 24, 27, 30, 31, 34, 36, 37, 38, 39, 44, 45, 48, 50, 51, 53, 55, 58
Megálitos 30, 49
Menes, faraó 24
Meroé 27
Mesopotâmia 16, 17, 20, *20*, 21, 22, 23, 25, 31, 38, *40*, 41, 43, 44, 45, 50
Metalurgia 16, 17, *17*, 18, *18*, 27, 30, 31, 33, 34, *35*, 38, 39, 49, *54*, *55*, 57
México 30, 56, *56*, 57, *57*, 58
Micenas *8*, *19*, 29, *29*, 30, 31, 35, 36
Migrações 54, 55
Mileto 35
Milho 16, 38, 56
Milho miúdo 27, 47
Minóicos 28, 29, 30
Minos 25, 27, *30*
Mitânios 30, 35
Mochica *56*, 57
Mohenjo-Daro *31*, 32, *32*, 33
Monção 32
Montanhas 22, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35, *35*, 36, 40, 44, 45, 46, 48, 53, 54, 56, 57, *57*
Mós 15

N

Nabopolassar 23
Nabucodonosor 23
Naram-Sin 22
Neandertal 11, 14
Negro, mar 28, 34, 35, 36
Níger, lago 27
Nigéria 27
Nilo, rio *16*, 24, *24*, *25*, 26, 27
Nínive 22
Nok 27
Nómadas 35, 40, 41, 44, 45
Núbia 8, 24, *25*

O

Obsidiana 18, 28, 34
Oficiais 21, 25, 33, 47, 51, *51*, 52, 53, 57
Olímpia 42
Oliveiras, azeite 8, 18, 28, 29, *37*, 44, 45, 51, 53
Olmecas 38, 56, *56*
Osíris 26
Ossos de oráculo *19*, 31
Ouro *13*, 16, 17, 18, 25, *25*, *27*, *29*, 30, *30*, 31, 32, 35, 38, 41, *41*, 45, 46, *54*, *55*, 58

P

Palácios *23*, 25, 28, *28*, 29, 39, *41*, 57, *57*
Palestina 23, 24, 25, 44, 45
Palmira *52*
Pântanos 9, 20, 49
Papiro *12*, *16*, 19, *19*, *20*, 21, *26*, 43
Partenou *36*
Pártia 43
Pastagens 8, 22, 40, 41, 45
Pastores 8, 22, 23, 27, 40, 45, 49
Peixe 15, 16, 20, 28, 56
Peleponeso 36
Penjabe 32, 33
Pérgamo 43, 53
Péricles *37*
Persépolis 39
Pérsia *9*, *19*, 21, 32, 33, 35, 38, *38*, 39, 40, *40*, 41, *41*, 42, 43, 47
Peru *13*, 16, 30, 38, 50, 56, 57, *57*, 58
Pesos e medidas *22*, 47
Pintura *8*, *11*, 12, *14*, *15*, 26, *29*, 57
Pinturas rupestres 11, *11*, 12, 14
Pirâmides 24, *24*, 26, 27, 57
Planícies 20, 28, 32, 40, 41, 46, 48, 56, 57
Plateia, Batalha de 41
Porcos 8, 15, 26, 47, 54
Portos 28, 43, 45
Povos do Mar 29, 35
Prata 18, *24*, 25, 29, 34, *40*, 45, 52, 55
Próximo Oriente 12, 15, 18, 19, 36, 48, 52
Ptolemeus 43

R

Ramsés II, faraó 9, *9*
Religião 12, *12*, 13, *13*, 17, 21, *24*, *26*, *31*, 34, 35, *37*, 56, 57, 58, 59, *59*
Reno, rio 48, 49, 50, 54
Rios 8, 20, 21, 27, *32*, 46, *46*, 47
Roda 17, 26
Roda de oleiro 19, 56
Roma 9, 12, 13, 27, 39, 43, 44, 45, 48, 49, *49*, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 59
Rússia 35, 41

S

Salamina, Batalha de 41
Sara, deserto 27
Sargão 21, 22
Seda 47, *47*, 51

Selos *12*, 28, *32*
Selêucidas 43
Sementeiras 8, 13, 15, 16, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 35, 38, 40, 44, 47, 54, 56
Servos 21, *26*, 47
Sicília 29, *36*
Sílex *11*, 15, 18
Síria 20, 21, 23, 24, 25, 29, 34, 35, 42, 44, 45, 47, 49, 53
Solo 8, *17*, 20, 24, 26, 46
Sri Lanka *32*, 33
Stonehenge 30, 49
Suméria 12, *17*, 19, 20, 21, 22
Sutton Hoo 55

T
Tártaros 59
Teatro *37*, *43*, 52
Tebas (cidade egípcia) 26
Templos 12, 13, 17, 21, 23, 27, 28, 30, 33, *36*, *43*, 57, *57*
Teotihuacan 57, 58
Tibre, rio 48
Tiglatp-Pilesar III, rei da Assíria, 23
Tigre, rio 20
Timgad 53
Tirinto 8
Tiro 19, 45
Trácia *35*, 55
Trajano, imperador de Roma 51
Trigo 26, 27, 34, 40, 44, 47, 54
Tróia 29
Túmulos *9*, 12, 24, 26, *26*, 27, *29*, 31, 41, 47
Turquia *ver* Anatólia
Tutancamon 25, 31
Tutmés 24

U
Ur 20, 22
Urartu 35, 40
Utensílios 8, 11, *11*, 14, 15, 17, 18, 28, 30, 33, 34
Utensílios de pedra *16*, *23*, 30, 33, 39, 56, *56*, 57

V
Vândalos 53
Vermelho, mar 27, 45
Viagens 8, 26, 27, 36, 37, 43, 47
Vinho e uvas 18, 26, 28, 40, 44, 48, 51
Vulcões 28, 31, 57

X
Xerxes, rei da Pérsia 41

Z
Zagros, montes 22
Zeus *37*
Zimbabwe 27















HISTÓRIA UNIVERSAL ILUSTRADA

Já alguma vez se interrogou sobre o que acontecia na Índia quando os Egípcios construíam as pirâmides? Sobre o que se passava na América quando os primeiros cruzados partiam para a Terra Santa? Sobre a vida na China quando Pedro Álvares Cabral avistava o Brasil? Já alguma vez pensou nas mutações a nível mundial desde meados do século XVIII até aos nossos dias e sobre a importância que terá para o futuro aquilo que hoje construímos e aquilo que momento a momento vamos perdendo?

Nos últimos anos as comunicações e os transportes sofreram tal desenvolvimento que povos e civilizações tão diversos se tornam cada vez mais interdependentes. Assim, vai também aumentando o interesse de cada homem pelo mundo que o rodeia, um mundo que se apresenta simultaneamente mais vasto e mais próximo.

Combinando mapas extremamente claros, fotografias, desenhos e textos, os quatro volumes desta história universal — **O Mundo Antigo, O Mundo Medieval, O Mundo das Grandes Descobertas** e **O Mundo Moderno** — relatam pormenorizadamente e de forma cativante as transformações da Humanidade, fornecendo uma visão comparativa do estado de evolução dos vários povos nas diferentes partes do Mundo em cada período da história.

